UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

PATRÍCIA MODESTO DA SILVA

O IMPACTO DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DE UMA ASSOCIAÇÃO

CAXIAS DO SUL
2018

PATRÍCIA MODESTO DA SILVA

O IMPACTO DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DE UMA ASSOCIAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Haddad

CAXIAS DO SUL
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S586i Silva, Patrícia Modesto da
O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação vulnerabilidade social : estudo de caso de uma associação / Patrícia Modesto da Silva. – 2018.
102 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.
Orientação: Sérgio Haddad.

1. Educação extra-escolar. 2. Educação não-formal. 3. Educação de crianças. 4. Educação do adolescente. I. Haddad, Sérgio, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 374

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

"O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: estudo de caso de uma associação"

Patrícia Modesto da Silva

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 04 de julho de 2018.

Banca Examinadora:

Dr. Sérgio Haddad (presidente – UCS)

Dra. Nilda Stecanela (UCS)

Dra. Terciane Ângela Luchese (UCS)

Dra. Mariângela Graciano (UNIFESP)

Dedico este trabalho aos meus amores Ângelo por tornar meus dias mais felizes e César por todo incentivo. Aos meus pais e irmãs por sempre me apoiarem.

AGRADECIMENTOS

Se essas páginas foram impressas, então eu consegui! Realizei mais uma conquista em minha vida. A trajetória foi complexa, desde o processo seletivo até a conclusão desse estudo. Por sorte pude contar com o auxílio e dedicação de muitas pessoas, as quais agradeço:

Ao orientador Prof. Dr. Sérgio Haddad, pelo apoio, compreensão e tempo dedicado durante todo o processo de realização dessa pesquisa.

Aos professores do Curso de Mestrado (PPGEdu/UCS), por todos os ensinamentos e oportunidades.

Aos colegas por lembrarem-me que não estava sozinha e por toda contribuição.

A associação (atendidos, colaboradores e diretoria) por sua disponibilidade e transparência.

A querida amiga Branca, que me apoiou incondicionalmente e, com quem muito aprendi para a vida.

Aos meus pais por todo amor, dedicação e ensinamentos.

Às minhas irmãs e amigas, que estão sempre comigo me apoiando e torcendo por tudo que faço.

Aos meus amores, Ângelo e César, que fazem os meus dias mais doces e coloridos.

Enfim, tive muita sorte em tê-los na minha vida. Todos contribuíram de alguma forma para que eu realizasse esta conquista.

Meus sinceros agradecimentos!

"Um dos meus sonhos ao escrever estas cartas pedagógicas – se não os tivesse não haveria por que escrevê-las – é desafiar-nos, pais e mães, professoras e professores, operários, estudantes, a refletir sobre o papel que temos e a responsabilidade de assumi-lo bem, na construção e no aperfeiçoamento da democracia entre nós. Não de uma democracia que aprofunda as desigualdades, puramente convencional, que fortifica o poder dos poderosos, que assiste de braços cruzados à aviltação e ao destrato dos humildes e que acalenta a impunidade. Não de uma democracia cujo sonho de Estado, dito liberal, é o Estado que maximiza a liberdade dos fortes para acumular capital em face da pobreza e às vezes da miséria das maiorias, mas de uma democracia de que o Estado, recusando posições licenciosas ou autoritárias e respeitando realmente a liberdade dos cidadãos, não abdica de seu papel regulador das relações sociais. Intervém, portanto, democraticamente, enquanto responsável pelo desenvolvimento da solidariedade social."

(Paulo Freire, 2000, p.23)

RESUMO

A grande área desta dissertação é a Educação. O recorte do estudo foi a análise de práticas de educação não-escolar. O problema que se buscou responder era: Como as práticas de educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A pesquisa procura explorar como vem sendo construídas essas práticas em espaços não-escolares, envolvendo os contextos, sujeitos e aprendizagens, com o intuito de auxiliar na consolidação de uma cultura cidadã que considere direitos e deveres não se conformando e limitando ao conceito de educação formal. O objetivo geral é analisar como as práticas de educação não-escolar, podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Esse é um estudo de caso, de natureza qualitativa e de caráter exploratório, que utiliza para a construção do corpus empírico os procedimentos de análise documental, entrevista semiestruturada, rodas de conversa e diário de campo. As informações coletadas e experienciadas ao longo da pesquisa, somadas às contribuições das leituras, desenharam os caminhos e trouxeram importantes resultados para a conclusão dessa investigação. A partir das informações e do suporte teórico usou-se a análise textual discursiva para o entendimento e reestruturação das informações e dados. Em síntese, entende-se que o avanço da globalização e as exigências dela advindas afetaram diretamente o modo de vida da sociedade, o mercado de trabalho e as necessidades na educação, trazendo mais disparidade e dificuldade de sobrevivência a uma maioria desfavorecida. Considerando a educação como um direito e, percebendo que ela se faz em diferentes lugares das mais variadas formas, à medida que as transformações na sociedade foram se acentuando, intensificou-se e expandiu-se, também, a necessidade de reconhecer que o ato de educar está para além do espaço escolar. Reconhecer a importância e seriedade da educação não-escolar, levando em conta que é norteada por objetivos e com intencionalidade, criando possibilidades para a construção do conhecimento e a promoção de um sujeito autônomo desponta como premissa básica para a transformação social. Suporte teórico acessado foi Freire (1967, 1987, 1995, 1996, 2001, 2003, 2005), Brandão (2003, 2006, 2007), Canário (2006 - 2007) e Afonso (2001) estiveram presentes quando se tratava de educação, educação formal e educação não-escolar. Os resultados evidenciaram que a associação pesquisada se apresentou preocupada em oferecer experiências diferentes das vividas, para isso, buscando o apoio da família e da escola. A pesquisa reafirmou a reflexão sobre a intencionalidade política do ato de educar, as potencialidades que as práticas educativas podem ter para a transformação social e a relevância do respeito a bagagem de vida dos sujeitos para a construção de uma Educação Libertadora.

Palavras-chave: Educação não-escolar. Práticas educativas. Educação de crianças e adolescentes.

RESUMEN

El gran área de esta disertación es la Educación. El recorte hecho para este estudio fue el análisis de prácticas de educación no escolar. El problema que se buscó responder fue: Cómo pueden impactar las prácticas de educación no escolar en la vida de niños y adolescentes en situación de vulnerabilidad social? La investigación busca explotar cómo están siendo construidas esas prácticas en espacios no escolares, abarcando contextos, sujetos y aprendizajes, con el propósito de auxiliar en la consolidación de una cultura ciudadana que considere derechos y deberes, no conformándose o limitándose al concepto de educación formal. El objetivo general fue analizar cómo las prácticas de educación no escolar pueden impactar en la vida de niños y adolescentes en situación de vulnerabilidad social. Este es un estudio de caso, de naturaleza cualitativa y de carácter exploratorio, que utiliza para la construcción del corpus empírico los procedimientos de análisis documental, entrevista semiestructurada, ruedas de conversación y diario de campo. Las informaciones recogidas y vividas a lo largo de la investigación, sumadas a las contribuciones dadas por las lecturas, trazaron los caminos y trajeron importantes resultados para la conclusión de esta investigación. A partir de las informaciones y del soporte teórico, se usó el análisis textual discursivo para entender y reestructurar las informaciones y datos. En síntesis, se entiende que el avance de la globalización y las exigencias provenientes de ella afectaron directamente el modo de vida de la sociedad, el mercado de trabajo y las necesidades en la educación, trayendo más disparidad y dificultad de supervivencia a una mayoría desfavorecida. Considerando la educación como un derecho y dándose cuenta que puede hacerse en diferentes lugares, de las más variadas formas, a medida que las transformaciones en la sociedad se fueron acentuando, la necesidad de reconocer que el acto de educar va más allá del espacio escolar se intensificó y se expandió. Reconocer la importancia y la seriedad de la educación no escolar, teniendo en cuenta que es norteada por objetivos e intenciones, creando posibilidades para la construcción del conocimiento y la promoción de un sujeto autónomo, se presenta como premisa básica para la transformación social. El soporte teórico consultado fue Freire (1967, 1987, 1995, 1996, 2001, 2003, 2005), Brandão (2003, 2006, 2007), Canário (2006 - 2007) y Afonso (2001); estuvieron presentes cuando se trataba de educación, educación formal y educación no escolar. Los resultados revelaron que la asociación investigada se mostró preocupada en ofrecer experiencias diferentes de las vividas, buscando, para eso, el apoyo de la familia y de la escuela. La investigación reafirmó la reflexión sobre la intención política del acto de educar, las potencialidades que las prácticas educativas pueden tener para la transformación social y la relevancia del respeto a las experiencias de vida de los sujetos para la construcción de una Educación Libertadora.

Palabras clave: Educación no escolar. Prácticas educativas. Educación de niños y adolescentes.

LISTA DE SIGLAS

ABCR	Associação Brasileira de Captadores de Recursos
BPC	Benefício de prestação continuada
CMAS	Conselho Municipal de Assistência Social
COMDICA	Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação Jovens e Adultos
FAS	Fundação de Assistência Social
FMAS	Fundo Municipal de Assistência Social
FMDCA	Fundo Municipal dos direitos da Criança e do Adolescente
FNAS	Fundo Nacional de Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JECRIM	Juizado Especial Criminal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MEG	Modelo de Excelência em Gestão
ONG	Organização não governamental
OSCs	Organizações da sociedade civil
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família
PGQP	Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade
Recria	Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul
SCFV	Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 REFERENCIAL TEÓRICO 20
2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDO 22
2.1.1 Educação 27
2.1.2 Educação Não-Escolar 30
2.1.3 Práticas Educativas 35

3 CAMPO DE PESQUISA 38

4 METODOLOGIA 51

5 ACHADOS DA PESQUISA 66
5.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA DOS SUJEITOS 70
5.2 AS REPERCUSSÕES DA ESCOLA NA VIDA DOS SUJEITOS 75
5.3 OS EFEITOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ASSOCIAÇÃO NA VIDA DOS SUJEITOS 80

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 87

REFERÊNCIAS 92

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO 95
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO 96
APÊNDICE C – ROTEIRO RODA DE CONVERSAS: PROFESSORES 97
APÊNDICE D - ROTEIRO RODA DE CONVERSAS: ALUNOS 98

ANEXO A – REPORTAGEM JORNAL PIONEIRO DE 18/10/1985 99
ANEXO B – REPORTAGEM JORNAL PIONEIRO DE 19/10/1985 100
ANEXO C – REPORTAGEM JORNAL PIONEIRO DE 22/10/1985 101
ANEXO D – MAPA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL 102

1 INTRODUÇÃO

"É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar."

(Paulo Freire, 1992, p. 78)

Um pesquisador é impulsionado por suas inquietações a partir de vivências as quais não garantem o entendimento da realidade a ser explorada. A preocupação em encontrar possíveis respostas o leva a querer saber mais sobre determinadas realidades para, de fato, aproximar-se da solução do problema. A fim de contribuir com tal realidade, procuram-se respostas em referenciais teóricos e nas imersões no território a ser investigado, sem deixar de lado a análise do contexto histórico, político, econômico e social. Desse modo, o objeto de pesquisa foi tomando corpo e se desenhando. A presente dissertação tem como tema: As práticas da educação não-escolar, como contributo para o desenvolvimento do sujeito, criando possibilidades de uma vida digna. O recorte realizado para a pesquisa foi a análise das práticas de educação não-escolar experenciadas em uma associação não governamental, sem fins lucrativos e apartidária, localizada na zona norte do município de Caxias do Sul. O **problema de pesquisa** é: "Como as práticas de educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?".

Norteando esse estudo, o **objetivo geral** é analisar como as práticas de educação não-escolar, podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

A partir desse direcionamento, seguem os **objetivos específicos** que se pretendeu alcançar para contemplar essa pesquisa:

1. Perceber opiniões e sentimentos frente ao ambiente pesquisado e refletir sobre as práticas vividas por crianças e adolescentes;

2. Descrever as práticas da associação selecionada com o intuito de entendê-las;

3. Estudar em profundidade os diversos conceitos de educação e educação não-escolar e suas relações com a associação selecionada;

4. Identificar dificuldades e contribuições das ações da associação selecionada para a viabilização de processos de educação não-escolar.

Por entender que é importante situar o estudo, a pesquisadora aponta algumas informações do cenário da pesquisa, localizado na zona norte de Caxias do Sul. Em 2017, a cidade computava aproximadamente 480 mil habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE. Para atender a população, na área da educação, contava com 144 escolas públicas e 23 privadas, segundo informações do próprio instituto. Conhecer a cidade está muito além dos números. É preciso reconhecer sua história, marcada pelo trabalho e por conquistas. Com o crescimento urbano acelerado, surgiram demandas econômicas, sociais e políticas que representaram desafios para a cidade, exigindo atenção às suas fragilidades, por meio da ampliação e da qualificação do que já era ofertado em termos de políticas sociais.

Direcionando ao que nos interessa investigar, na área social, em 2016, a cidade contava com 2.086 associações sem fins lucrativos e 789 fundações privadas e associações também sem fins lucrativos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE. Ao buscar informações sobre a assistência social da zona norte de Caxias do Sul, a pesquisadora precisou direcionar-se ao Centro de Referência de Assistência Social — CRAS Norte e as seis entidades referenciadas. Esses órgãos esclareceram, que o número aproximado de crianças e adolescentes (de 06 a 15 anos) atendidas no contraturno escolar é 850. Segundo apontado pelo Centro de Referência, esses atendimentos suprem grande parte da demanda do local, embora não exista um levantamento para mensurar. Ainda que, reconheçam que existem efeitos das ações e atendimentos realizados pelas entidades, não dimensionam qual a repercussão destes na vida das crianças e adolescentes da comunidade local, apontando que não realizam acompanhamento dos egressos. A relevância destes dados, possibilitaria uma percepção do efeito das práticas e os possíveis resultados para o desenvolvimento de um ser humano autônomo, político e integro. Destas seis entidades, apenas uma efetivamente busca informações avaliando a satisfação e possíveis influências das ações na vida das crianças, dos adolescentes e das famílias.

A educação, como nos aponta Freire (2005), é um dos caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que esta é a via para que os sujeitos entendam sua condição de oprimidos e possam atuar em benefício da própria libertação, conscientes de seu papel social e empoderados através do diálogo, da reflexão e da politicidade. Ao negar esta oportunidade ao

ser humano é privá-lo de viver, de realizar suas escolhas e obriga-lo a sujeitar-se a vontade de outros.

Conforme relatório: A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras, publicado em setembro de 2017, pela OXFAM[1], a desigualdade está vinculada com definições políticas tendenciosas e que privilegiam uma minoria. Ainda aponta, a omissão do Estado nos atendimentos das necessidades básicas e o remanejamento de recursos como contribuintes para o crescimento da pobreza. Oportunizar que os sujeitos seja atores nas mudanças sociais, parte de um deslocamento de sua posição de oprimido para protagonista de sua realidade e de mudanças sociais. Embora a lei defina direitos, não garante o acesso, essa omissão aumenta o hiato entre as classes, enfraquece a economia, atrapalha o exercício da cidadania, dificultando o acesso a direitos básicos e do respeito ao ser humano, possibilitando o aumento da violência e das injustiças sociais. Assim, é relevante refletir a partir dos obstáculos e limitações enfrentadas por crianças e adolescentes que vivem numa realidade periférica, como farão este caminho transitivo de um sujeito socialmente excluído e com dificuldade de garantia de seus direitos? A educação está para além dos muros escolares e de um doutrinamento dos sujeitos para atender o mercado de trabalho, mas que está na consciência de seus direitos, deveres, no empoderamento para realizar suas conquistas e escolhas, através das vivencias diárias com os outros e, em diferentes espaços. Portanto, as práticas e experiências precisam respeitar as limitações, os interesses e o conhecimento prévio dos indivíduos, uma vez que objetiva a libertação, a emancipação e principalmente a conscientização de sua função sociopolítica. A discussão destes aspectos é significativa ao analisar: as ações vivenciadas por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social; que resultados estas poderiam trazer para a sociedade e; a reflexão dos direitos destes sujeitos. A imersão nessa realidade, possibilitará elucidar se essa experiência oportuniza alternativas para a emancipação, autonomia e libertação. De encontro, pode-se deparar com uma realidade assistencialista, que sustenta a dependência e submissão, perpetuando o ciclo de sujeição. Para interpretar e aprender sobre uma realidade precisa encharcar-se dela: entender os propósitos e anseios dos envolvidos, as oportunidades e dificuldades vividas para analisar os contextos e se estes proporcionam experiências que realmente visem uma educação libertadora como defende Freire (1967).

É nesse cenário que a história da pesquisadora se inicia. Com formação acadêmica em pedagogia, a inquietação começou quando ainda era estudante e iniciou a atuação profissional

[1]A Oxfam Brasil faz parte de uma rede internacional que atua em busca de soluções para a pobreza, desigualdade e da injustiça social, por meio de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais. < https://www.oxfam.org.br/quem-somos/oxfam-brasil >.

em uma organização não governamental — ONG[2], sem fins lucrativos, apolítica, com objetivo de qualificar outras associações e estimular a cultura do voluntariado organizado, com unidades de atendimento espalhadas pelo Rio Grande do Sul, mas com projetos de expansão para todo o País. No início, não tinha qualquer aproximação ou conhecimento desse contexto, mas a formação ofertada e a experiência profissional foram esclarecendo e preparando para o atendimento das demandas sociais que chegavam.

A entidade tem uma sede em Caxias do Sul, dirigida por empresários, e seu perfil segue uma metodologia de trabalho empresarial, com planejamento estratégico, metas, avaliações periódicas dos processos, missão, visão e valores, reuniões mensais de diretoria, formação de pessoal, dentre outras peculiaridades adotadas no setor privado. Essas características distanciavam algumas das associações conveniadas as quais prestam atendimento de forma gratuita, pois esse perfil não é encontrado na maioria delas, conforme se constatou em pesquisas anuais.

Pelo fato de a diretoria e os conselhos serem formados por empresários nem sempre conseguiam ter um olhar próximo da realidade das associações sociais conveniadas, pois seu contato era por meio de visitas com propósito social, o que resultava em conhecimento superficial que se somava a experiência em empresas privadas.

A realidade de muitas associações conveniadas está pautada na captação de recursos para pagamento de funcionários, alimentação, oficinas, medicamentos entre outras necessidades, dependendo do público atendido. Esses gastos não estão previstos de forma organizada ou sistemática; por vezes estes recursos são suficientes apenas para custear as necessidades do mês. A energia de muitas está dividida entre suporte básico das necessidades dos atendidos e a corrida para o custeio das despesas que a ação gera. Assim, a função exercida era intermediar tais relações, prestando esclarecimentos de como era o cotidiano, dificuldades enfrentadas, necessidades e particularidade dos públicos atendidos por essas associações. Isso era possível por meio de informações coletadas em visitas, a princípio realizadas por mim, com intenção de confrontar as informações trazidas por voluntários e passadas pelas próprias associações. Com o passar do tempo, foram criadas equipes de trabalho, por profissionais de diferentes áreas: pedagogia, psicologia, jornalismo, relações públicas que agregavam voluntários e estagiários das áreas. Eventualmente, ainda contávamos com estagiários das áreas

[2] ONG são "[...] organizações privadas que se pretendem sem fins lucrativos e com finalidade pública [...]" (LANDIN, 2003, p. 108). A autora ainda complementa destacando que estas organizações se agrupam devido aos seus fins e interesses.

citadas e voluntários em diferentes funções como contabilista, advogado, empresários que faziam parte da diretoria e dos conselhos.

Importante destacar que esse quadro funcional era cíclico, pois dependia da verba destinada por empresas mantenedoras para o custeio de gastos da entidade. Como complementar, a organização não governamental — ONG, contava com verbas arrecadadas em eventos beneficentes, uma vez que não cobrava por suas assessorias e atendimentos. O trabalho desenvolvido era basicamente dividido em quatro programas conforme seus públicos: 1. pessoa física; 2. pessoa jurídica; 3. Escola e 4. associações e fundações. Os programas para atender voluntários fossem de empresas, pessoa física ou adolescentes, tinham funcionamento bastante criterioso e embasado em ferramentas de recursos humanos de recrutamento, seleção e treinamento. As pessoas físicas eram recepcionadas em uma reunião de apresentação do papel do voluntário, suas responsabilidades e possíveis lugares de atuação, segundo seu perfil. As empresas eram incentivadas a disponibilizar funcionários para o voluntariado, estimulando e oferecendo oportunidades. Geralmente, os setores de recursos humanos e *marketing* promoviam ações e convidavam os funcionários a participar. Algumas dessas ações eram contínuas, mas a maioria eram pontuais, ocorrendo em datas específicas. As escolas eram convidadas a participar de um projeto que encaminhava a três focos de trabalho: meio ambiente, cultura e educação para a paz. O grupo de alunos junto aos professores envolvidos escolhia um tema e a partir daí organizavam-se ações em benefício da comunidade, de associações ou até da própria escola.

Já o programa que preparava as associações para o recebimento de voluntários precisava de manutenção constante com cursos de qualificação e acompanhamento de resultados. Mesmo assim, percebia-se frustração por parte de alguns voluntários com a realidade vivenciada nas associações, e das próprias em relação ao que esperavam do voluntário.

A percepção a partir de 13 anos de experiência com essas associações revelou uma série de dificuldades como: a falta de percepção dos públicos envolvidos quanto ao entendimento do papel da associação ou como parte dos dirigentes. Isso sem contar a dificuldade financeira, de mão-de-obra qualificada, de espaço físico a prestação de serviço e acolhimento e, dificuldade de captação de recursos públicos, dentre outras. Podia-se perceber como o atendimento das necessidades reais era engessado. Mesmo tendo equipe para pensar alternativas e buscar parcerias, algumas ações não eram concluídas, por falta de verbas ou porque alguns dirigentes não tinham a compreensão das carências do cotidiano.

O conhecimento da causa e a consciência do seu propósito pelos envolvidos são aspectos importantes para a sobrevivência de uma associação. É impressionante como ainda hoje sofrem

com a falta de informação, com o descrédito e com o envolvimento de interesses que se sobrepõem à missão e à visão. A compreensão dos papéis e sua finalidade por parte dos beneficiados, colaboradores e dirigentes são aspectos fundamentais no cumprimento de sua função social. Ainda nos deparamos com a concorrência entre as associações nas questões de voluntários, parceiros e mantenedores financeiros, o que as segmenta e enfraquece ainda mais, dificultando a formação de uma rede de trabalho social.

Mesmo diante de tantas dificuldades e indefinições, as respostas que a maioria dessas associações trazem para a sociedade com suas ações são extremamente significativas. Essas percepções foram sendo construídas por meio de vivências, do entendimento do trabalho realizado e do cenário que compõe esse quadro.

No período em que a pesquisadora trabalhou neste cenário, foi possível conhecer muitas pessoas que queriam contribuir sem ter noção da realidade em que estavam se envolvendo, levando-as a querer realizar uma atividade social sem mesmo saber se ela era necessária. Para algumas pessoas é difícil a compreensão de que o trabalho voluntário precisa ser organizado e atender a necessidade de alguém. Da mesma forma ocorre com doações: Algumas pessoas contribuem com intenção de ajudar, mas sem se informar qual a real necessidade do público que buscam auxiliar. O respeito com as pessoas, a compreensão com as dificuldades vividas e a falta de oportunidade que vivem muitas famílias deveriam servir de base para quem quer realmente contribuir.

A percepção da pesquisadora, nesta trajetória, foi a de que há dificuldade de algumas associações em repensar suas práticas com intenção de melhorar a compreensão do trabalho realizado e dos resultados obtidos. Ao mesmo tempo, é importante considerar que essas associações têm uma tarefa difícil em seu cotidiano, pois precisam cumprir a sua função enfrentando dificuldades e situação de escassez. Mesmo assim, a relevância e o impacto que suas ações podem trazer para a sociedade refletem na qualidade de vida dos sujeitos.

O problema de pesquisa nasce nesse contexto e busca analisar a repercussão das práticas de uma associação, que atende crianças e adolescentes, no contraturno escolar, em situação de vulnerabilidade social. O estudo tem a intenção de identificar possíveis contribuições, dificuldades e como as ações reverberam na vida das pessoas que são acolhidas por uma das associações que fazem parte da assistência social de Caxias do Sul. A partir da aproximação o público envolvido: educadores sociais, pedagoga, dirigentes, crianças, adolescentes e famílias, poderá compreender, nas diferentes visões e sentimentos, o potencial educativo, emancipatório e o reconhecimento da cultura de vida. Pois, a forma que esses atores são vistos, ouvidos e compreendidos pelos profissionais, ou, como são pensados os atendimentos, as atividades e as

ações proporcionadas, são considerados a realidade, as necessidades, os interesses dos sujeitos e, respeitando seus conhecimentos. Freire (1996, p. 17) pondera:

> "A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade do pensar certo procura."

É fundamental, portanto, compreender e refletir sobre seus processos e escolhas para ressignificar e recriar algumas práticas, bem como, identificar resultados gerados a partir destas. Assim, o empenho do pesquisador em captar aspectos relevantes e traduzir o cotidiano em matéria prima para a pesquisa foi, de fato, um importante aliado para as descobertas. Entende-se que grande parte das organizações sociais tem prestado importante papel junto à sociedade como agentes de mudança e conscientização do bem-estar social.

A partir daqui, começamos a procurar interconexões entre a educação e o trabalho dessas associações buscando responder a seguinte pergunta: Como as práticas de educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social? Reconhecer a educação como um caminho para a transformação social, estimular a participação e buscar o conhecimento dos indivíduos como parte importante do processo educacional são diretrizes que devem estar presentes nos processos educativos formais bem como na educação não-escolar.

As transformações que vêm ocorrendo por conta dos avanços tecnológicos, a globalização e as demandas surgidas no mercado de trabalho nos fazem refletir sobre o futuro da educação e do bem-estar social. Entendemos que com esse cenário emergem várias questões de fragilidade social que não se limitam à pobreza. Em algumas situações, as associações não atuam como efetivos agentes de transformação social, mas como medidas paliativas, com efeito placebo e que mantêm o *status quo* de uma sociedade injusta.

Opondo-se a essa realidade, existem associações que trazem benefícios com sua prestação de serviços à comunidade. Dessa forma, esse estudo se justifica na medida em que tem como fim destacar a importância da educação não-escolar para a sociedade civil, por meio de uma revisitação às práticas realizadas por uma associação que atende crianças e adolescentes, o que nos permitiu realizar uma análise crítica dessas ações.

Identificar no trabalho realizado por uma associação as possíveis repercussões, resultados, oportunidades de mudança na vida dos sujeitos como principais focos deste trabalho

e, para isso, foi necessário definir uma associação e estudar o histórico de 23 anos de sua existência, para realizar um estudo de caso. A partir da metodologia, a pesquisadora teve suporte para refletir sobre as práticas vividas, extrair ensinamentos, valorizar rotinas e condutas e possibilitar o aprimoramento da escrita desse estudo. Como forma de interpretação, análise, compreensão e esclarecimento de fatos das informações, foi usada a análise textual discursiva, que possibilitou a criação de três categorias: família, escola e associação, se desdobraram nos títulos: 1. A influência da família na vida dos sujeitos; 2. As repercussões da escola na vida dos sujeitos; e 3. Os efeitos das práticas educativas da associação na vida dos sujeitos;

Com intenção de atenuar as dificuldades vivenciadas pela população desfavorecida, as diferentes associações têm buscado alternativas para amenizar essa situação com propostas que visam a transformar a sociedade e a atenuar as desigualdades.

Após um longo período de contato direto com associações e fundações que prestam diferentes tipos de atendimento a pesquisadora desenvolveu uma percepção sobre o funcionamento delas. No decorrer da metodologia foi ficando claro que essa visão deveria estar desprovida de preconceitos, mas munida de curiosidade e embasada pela teoria para compreensão da realidade e, assim, oportunizar descobertas.

O trabalho das associações cresce a olhos vistos, reafirmando seu papel e os impactos de suas ações em benefício da sociedade. Embora se perceba um aumento de interesse de pesquisa por este tema, a análise dos processos de educação não-escolar e de outras práticas realizadas em associações que circulam em torno dessas ONGs, não é explorada. Para esse estudo, precisou-se levar em consideração as particularidades da associação escolhida: público atendido, localização, proposta do trabalho desenvolvido, resultados alcançados, dificuldades enfrentadas, relacionamento com a escola, dentre outras questões. Assim, a imersão da pesquisadora no contexto foi essencial.

Como ficou claro no desenvolvimento da fundamentação teórica (página 20), a educação se dá em diferentes espaços: na interação com o outro, nas diversas experiências em diferentes espaços além dos limites da escola, aqui entendida por educação não-escolar. A compreensão de que as experiências proporcionadas pela associação causam impacto direto na vida da comunidade atendida passa a ser importante apontamento para perceber a grandeza de um vasto campo de pesquisa com muitos direcionamentos. Assim, é necessário definir o caminho e perceber os ganhos que a associação traz à sociedade ao considerar que seu papel é fundamental para o atendimento das demandas sociais, e para a conscientização cidadã, na busca de garantir direitos e justiça social.

Pontuando essas particularidades e conceituando atores importantes neste cenário, a pesquisa vai tomando o rumo desejado. Pensar numa sociedade mais justa, entender o que isso implica e o que está imbricado nesse processo é muito importante para a formação de uma consciência crítica e cidadã. Nessa conjuntura, analisamos o processo político, histórico e social de nossa sociedade buscando nos inteirar de fatos e buscando rumos para nossa pesquisa.

O segundo capítulo aborda o *Referencial teórico,* apresentando os autores que sustentam esta pesquisa. Ao longo do mestrado, a busca por autores que pudessem embasar as descobertas e agregar valor às informações que foram surgindo no campo de pesquisa foi intensa. A partir das palavras-chave e tendo como foco a ampliação de conhecimento, Freire (1967, 1987, 1995, 1996, 2001, 2003, 2005), Brandão (2003, 2006, 2007), Canário (2006 - 2007) e Afonso (2001) estiveram presentes quando se tratava de *educação, educação escolar e não-escolar*. A esses autores somaram-se conhecimentos de Haddad para sustentar e ampliar o conceito de educação não-escolar. Dessa forma, as imersões no campo estavam focadas nos objetivos desse estudo e apoiadas em um embasamento teórico bem definido.

O terceiro capítulo revela o *Campo de pesquisa*, localizado na zona norte de Caxias do Sul, explorado e apresentado com intensão de aproximar esta pesquisa da realidade vivida nessa localidade e assim possibilitar a compreensão das informações surgidas com a interpretação dos fatos. A pesquisadora optou por preservar a identidade da associação pesquisada, com intensão de não expor os sujeitos.

O quarto capítulo retrata a *Metodologia*, o percurso percorrido na pesquisa para ir em busca de respostas à pergunta deste estudo. Dessa forma, a pesquisadora optou por um estudo de caso, que teve como instrumentos de coleta de dados: a análise documental, entrevista semiestruturada, roda de conversas e diário de campo. Esses recursos foram fundamentais para compreender o campo, explorar informações, confirmar dados ou até mesmo completar, que iam surgindo ao logo do percurso.

O quinto capítulo explicita os *Achados da pesquisa,* a forma escolhida para analisar os dados obtidos no campo dando espaço às vozes dos atores, em consonância com as descobertas no campo. Dessa forma, a pesquisadora optou pela análise textual discursiva, cujos desdobramentos deram origem a três categorias. As falas enriqueceram as informações trazidas nos documentos e, deram mais sentido aos comentários e impressões registradas no diário de campo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

"Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes."

(Paulo Freire, 2000, p. 17)

Um educador precisa estar consciente da importância do papel que está assumindo com cada ser humano. Deve olhar para as diferenças, dificuldades e realidade de cada sujeito, visão fundamental para auxiliar no crescimento pessoal, no desenvolvimento da autonomia e criticidade do discente.

Pensar em educação está além dos limites da escola, passando por espaços onde a aprendizagem acontece despretensiosa, mas significativa. Isso não quer dizer que na maioria das vezes esse processo não seja premeditado, articulado e direcionado, mas que a aprendizagem acontece em diferentes momentos e lugares e, principalmente, com significados distintos para cada sujeito. Conforme Brandão (2007, p. 16): "[...] a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde pendura alguma placa na porta com o seu nome."

Ao longo da vida profissional da pesquisadora, as experiências com diferentes associações e fundações apresentaram fatos e saberes muito diversificados, o que foi direcionando seu olhar para a pluralidade de ações e práticas oportunizadas por aquelas que atendem crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Por vezes, a busca incansável de algumas associações, para oportunizar atendimentos, oficinas e profissionais para acolher e auxiliar esse público era um dos aspectos que chamava a atenção e o que originou este estudo.

Esta pesquisa aponta o tema: As práticas da educação não-escolar, como contributo para o desenvolvimento do sujeito, criando possibilidades de uma vida digna e relevante, a partir de um estudo sobre o trabalho realizado em uma associação que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O estudo busca demonstrar possíveis resultados dessas ações na vida dos sujeitos.

Ponto positivo que se percebe na abordagem proposta é a discussão da importância desses espaços para a autonomia, o protagonismo, a criticidade e o respeito dos sujeitos. Ainda, como aspecto positivo, a oportunidade de aproximação das famílias com um ambiente educacional, no qual podem obter orientação e apoio no atendimento de seus filhos.

Esse estudo pressupõe contribuir no esclarecimento do papel da associação, mas principalmente, apresentar suas práticas e contribuições na vida das crianças, adolescentes e, consequentemente, das famílias. O estudo pretende, também, servir de base para novas pesquisas que tenham essa diretriz: a prática de educação não-escolar que ocorre em uma associação, cujo público são crianças e adolescentes.

A pesquisadora, que havia optado por não tornar público o nome da associação pesquisada, precisou munir-se de autores e do trabalho de campo para desenhar seu estudo, numa perspectiva de encontrar possíveis respostas e ainda contribuir de alguma forma com o cenário da pesquisa.

Esse caminho foi acompanhado da clareza dos conceitos que nortearam o estudo e dos acontecimentos históricos e contemporâneos desses personagens. A história nos mostra que a educação passa de um privilégio da elite, a um direito de todos e, ainda, a um dever do estado. Esse percurso sempre foi permeado por interesses políticos e econômicos. Segundo Brandão (2006) o educador está aprisionado a regras e determinações que o levam a entender sua prática de forma delimitada, não vislumbrando a educação como cultura. A clareza e atualidade das palavras de Brandão convidam à reflexão sobre a evolução da educação e seu aprisionamento para atender a demandas, exigências e direcionamentos dos sistemas educacionais e de interesses políticos e econômicos. O autor traz a oportunidade de os sujeitos darem-se conta do momento que se vive e de até onde se poderia chegar, se o olhar não estivesse embaçado e as pessoas conformadas. Mas se a orientação se der pelas premissas de Freire (2000), vinculadas à oportunidade de conhecimento, reflexão, escolhas dos sujeitos, à criticidade, à dialogicidade e à autonomia, o resultado será uma educação libertadora.

Assim, a pesquisa está embasada, também, em Freire (2000) para falar de educação como elemento de mudança social. Compreende-se que será necessário transitar pelos conceitos de educação com um olhar voltado a uma educação cidadã e ao entendimento de que os sujeitos podem ser agentes de transformação de suas realidades.

Perceber as reais contribuições das articulações que certos atores da sociedade realizam com intenção de conquistar respeito e espaço que deveriam ser seus por direito é enriquecedor para a afirmação da pesquisa. Tornar evidente que a postura do cidadão está diretamente relacionada aos resultados e que sua omissão também acarreta consequências, é substancial. É

indispensável uma reflexão sobre o seu papel e o lugar em que deveria estar, bem como reconhecer a educação como libertadora, expandindo a visão de mundo e criando possibilidades e oportunidades aos sujeitos.

Partiremos do princípio de que uma associação, por si, pode ser educativa, assim como um instrumento de consciência cidadã e promotor de mobilização social, além de exercer ação educativa como um de seus fins que contribui para a transformação social. Há que se reconhecer, também, que esse campo educativo além dos limites da escola, tem recebido diversas nomenclaturas. Nesse sentido, o estudo está embasado em Haddad (2009, p. 370):

> Entende-se como educação não-escolar todas aquelas práticas educativas formais ou não formais desenvolvidas fora do contexto da escola e que estão voltadas principalmente para a formação política e cidadã e no atendimento das necessidades de natureza econômica, socioambiental e cultural.

Buscou-se compreender como as práticas adotadas por esses espaços contribuem de forma eficiente para a valorização e autonomia do beneficiado. Quanto à educação não-escolar, Canário (2006) afirma que existe um vasto campo e possibilidades que proporcionam interação completamente diferente do escolar; um campo onde o sujeito é também "agente de socialização/educação". A partir de leituras, uma série de indagações foram se direcionando e o objeto de pesquisa definiu-se. Assim, a pesquisa foi ganhando corpo e a pesquisadora pode chegar às definições necessárias para delimitar o tema.

Refletir sobre a injustiça social, visto que este é um problema que afeta não somente o Brasil, mas a maioria dos países, se faz necessário pelas graves consequências que a temática traz à humanidade. Identificar o papel do Estado e da sociedade civil no que diz respeito à educação é importante, para repensarmos práticas educativas, principalmente quando se entende que a educação acontece em diferentes espaços e situações sociais.

Levaram-se em consideração as contribuições dos autores citados para dar andamento ao trabalho com os grupos e entrevistados, bem como à análise e interpretação dos fatos que emergiram ao longo do processo. Assim, o embasamento teórico foi fundamental para extrair informações das rodas de conversas, ganhou maior relevância ao cruzar informações das entrevistas, documentos e, principalmente, com o diário de campo.

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDO

Um objeto de pesquisa nasce da realidade vivida pelo pesquisador, assim suas experiências, conhecimentos e incertezas vão conduzindo os caminhos para a construção da

pergunta de pesquisa. Da mesma forma, a pesquisa é direcionada por suas percepções e influências na escolha do campo, dos autores e na interpretação dos dados. O olhar do pesquisador será de curiosidade e de busca pelo novo, mas isso estará acompanhado da sua bagagem de vida. Aquilo que Freire valoriza e nomeia como "saber de experiência feito" (FREIRE, 1996, p. 17) e que consciente ou inconscientemente se entrelaça às novas vivências.

A experiência vivida no curso de mestrado pode trazer uma reflexão muito mais aprofundada do que a proposta apresentada no início do processo. Uma oportunidade de desconstruir o que se imaginava ser sabido e construído por meio das relações profissionais, experiências educativas e outros círculos que foram significativos ao longo do processo de construção do ser humano. É importante a compreensão de que esta é a oportunidade de o pesquisador enxergar seu lugar: de onde fala e para onde quer ir, transformando esta experiência em algo mais significativo do que se pensava inicialmente, tornando-o protagonista de sua história.

Assim, repensar e avaliar os conceitos fundantes deste estudo foi muito complexo, mas engrandecedor, pois foi preciso sair da zona de conforto e, confrontar os motivos de cada escolha e o quanto toda a pesquisa estaria contemplando a real necessidade desse estudo. Assim, antes de iniciar a discussão de tais conceitos é fundamental refletir sobre o neoliberalismo e os reflexos na sociedade e principalmente na educação.

As transformações que vêm ocorrendo por conta dos avanços tecnológicos, a globalização e as demandas surgidas no mercado de trabalho convidam a refletir sobre o futuro da educação, da cidadania e do bem-estar social. Nesse cenário emergem questões de fragilidade social que não se limitam à pobreza. Essa realidade traz a necessidade de se cobrar do Estado o cumprimento de seu papel na execução dos direitos da população. Em algumas situações, as associações não atuam como efetivos agentes de transformação social, mas como medidas paliativas, com efeito placebo e que mantêm o *status quo* de uma sociedade injusta.

Esse estudo se faz importante à medida que tem como fim destacar a importância da educação para a autonomia dos sujeitos, por meio de uma revisitação às práticas realizadas por uma associação que atende crianças e adolescentes, o que nos permitirá realizar uma análise crítica dessas ações. Reconhecer a amplitude do trabalho realizado por associações na educação é um dos principais focos deste trabalho. Com intenção de atenuar as dificuldades vivenciadas pela população desfavorecida, as diferentes associações têm buscado alternativas para amenizar esta situação com propostas que visam a transformar a sociedade, conscientizar e atenuar as desigualdades. Conforme Freire (2003, p. 42): "O que importa, realmente, ao ajudar-se o

homem é ajudá-lo a ajudar-se... É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas."

Assim se desenhou esta pesquisa. Ao estar vinculada a uma realidade de educação não-escolar, procurará entender, analisar e construir provocações que possam extrair aprendizados dos processos já vivenciados, despertando para novas ações.

O Brasil passa por um momento delicado no que diz respeito a sua credibilidade, à situação econômica, social e educacional, conforme mostra o relatório OXFAM citado na página 13. Pode-se apontar os escândalos políticos, o crescimento da dívida pública, o desemprego, a precariedade no atendimento à população por meio dos serviços básicos no campo social e a situação da educação. Ao analisar a história de nosso País percebe-se que ela é pautada por muitos desgastes socioeconômicos em nome dos interesses de uma minoria que se encontra no topo da estratificação social. Para este estudo atingir seu objetivo, foi necessário pontuar sobre qual o enfoque dado aos conceitos de educação, estado, neoliberalismo e sociedade civil.

Analisar aspectos da história e o contexto dos fatos ocorridos permitiu entender melhor a atualidade e direcionar o posicionamento desta pesquisa. Nessa perspectiva, depara-se com o neoliberalismo que orienta para um Estado que se mostra descomprometido com a justiça social e sem autonomia interventora. Ao averiguar seu surgimento, Anderson, (2003, p. 9) contribui esclarecendo que: "O neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista de bem-estar".

Os acontecimentos históricos e como foram se estruturando ao longo do tempo, mostram que os interesses do capitalismo motivados pela globalização trouxeram para o formato econômico atual consequências.

Com o enfraquecimento do Estado, deixando o mercado livre para atuar de acordo com seus interesses, a ideia de bem-estar social fica muito limitada. Uma vez que a igualdade está estabelecida pela lei, o que não dá garantia de sua real aplicabilidade, faz-se necessária a intervenção de associações, movimentos sociais e outros parceiros estratégicos que auxiliem o sujeito a ser protagonista na busca por atender suas necessidades e interesses. Outros desgastes são a limitação do aparelho estatal, o Estado mínimo, e o refreamento de decisão e autonomia política na economia. Anderson (2003, p. 143) contribui afirmando:

> Em face ao impacto negativo dessas práticas, devemos nos colocar várias questões. Em primeiro lugar, o problema do Estado. Não defendemos o Estado corrupto. Defendemos uma concepção política nos marcos da qual a intervenção estatal deve

> efetivamente se basear na solidariedade social. Ou seja, na diminuição das desigualdades e não somente na eficácia econômica.

A falta de poder ou omissão do Estado em se colocar diante de acontecimentos sociais, políticos e econômicos, provoca reflexão sobre seu posicionamento e os interesses que prevalecem nessa relação mercadológica; permite dar-se conta de como cada classe social se comporta numa sociedade desigual em respeito à outra; deixa aparente o descumprimento de direitos, deixando que prevaleçam os interesses das classes dominantes e o descaso para com os desfavorecidos.

Vive-se um momento de grandes desafios, e compreender o papel de cada sujeito como cidadão é fundamental para a construção de uma sociedade justa e igualitária. A educação tem o papel fundamental de dar esclarecimento e segurança para que o sujeito seja protagonista de sua história buscando informações, desenvolvendo a criticidade e o protagonismo apoiado no conhecimento, na interação e no diálogo. O sujeito precisa ser o autor de sua história, buscando por oportunidades de fazer valer seus direitos e seu espaço como um ser político e atuante.

Entre os desafios que as políticas neoliberais trazem está o aumento da pobreza, com ela a fome, a falta de saneamento básico, a precariedade na saúde e na educação, falta de segurança, desemprego, aumento de violência dentre outras questões socioeconômicas. Conforme Anderson (2003, p. 143):

> [...] é um dado evidente que a pobreza tem crescido enormemente nos países do Terceiro Mundo, mas não somente neles. Os efeitos das políticas neoliberais, no entanto, não param por aí. Ainda mais grave é o fato de as desigualdades terem se intensificado entre os próprios pobres. Estamos diante de um processo novo: a pauperização da pobreza, de setores que já são, hoje, muito mais pobres do que antes. As políticas liberais, tal como vêm sendo aplicadas, conduziram certas sociedades a uma rápida e profunda dinâmica de desagregação.

Frente a um Estado que por vezes é omisso e outras enfraquecido pelo neoliberalismo, as associações se fazem presentes na intenção de diminuir as dificuldades enfrentadas pela sociedade. Assim, percebe-se que a sociedade civil por um lado percebe uma demanda de atendimentos que o Estado não consegue abrigar e, por outro, se organiza para agir socialmente em busca de melhores condições de vida. Guimarães (2000, p. 48), nos mostra caminhos:

> A sociedade civil, conforme já foi visto, pode interferir na sociedade política. Sindicatos, associações, organizações, movimentos, partidos são as mediações utilizadas pela sociedade para deter o poder da instancia política sobre a social. A mídia tem se reservado como parte do poder dominante e não como participe das necessidades sociais. Ao cidadão cabe não só conhecer as possibilidades de

> interferência social sobre o político, como pode tornar-se um agente transformador das relações de poder.

Refletir sobre a necessidade da atuação da sociedade civil faz repensar a história do ponto em que a população de baixa renda rural foi deslocada para a cidade num acelerado "processo de urbanização" sem a estrutura devida para atender suas necessidades. Essa situação criou necessidades e demandas para que o Estado exercesse o seu papel na promoção de direitos para todas as pessoas. Para tanto, a sociedade buscou se organizar para exercer pressão e cobrar direitos. Conforme completa Avritzer (2012, p. 395):

> Os novos comportamentos políticos da sociedade civil brasileira ajudaram a modificar o padrão de associação no país. O Brasil fez uma transição difícil de um país com uma forte tradição de privatismo para um país com várias tradições políticas, entre elas a tradição de associações da sociedade civil independentes. O país também fez uma difícil transição do autoritarismo à democratização limitada e, após o processo constituinte, para uma democracia muito participativa. Associações voluntárias no Brasil, é verdade, interagem tanto com o Estado como com partidos políticos. Entretanto, a interação não tem mais o significado de um controle exercido pelo Estado, tal como ocorreu durante o período populista. Nenhum movimento expressa tão bem essa dupla face da interação entre o Estado e a sociedade civil como o Movimento dos Sem-Terra, na sua relação de aproximação e distanciamento do Estado. Importantes OSCs[3] seguem a mesma lógica, tal como nós temos presenciado em relação aos negros e quilombolas. Só é possível entender essa lógica a partir da perspectiva de uma sociedade civil pluralista que se entende como independente dos partidos. É justamente essa independência que lhe permitiu sobreviver à crise política que têm assolado o Brasil durante os últimos anos e manter a sua legitimidade entre amplos setores da sociedade.

O debate em torno do papel do Estado e da sociedade civil mostra que existe uma transferência de responsabilidade da esfera pública para a privada. As transformações sucedidas nos setores econômico, social e político impulsionaram as desigualdades sociais, ampliaram as inseguranças para a classe pobre e refletem significativamente na educação. Ampliando a necessidade de instaurar diversos mecanismos de apoio à sociedade no atendimento das suas fragilidades e na garantia de seus direitos, a sociedade civil vem atuando de diversas formas, como complementa Gohn (2005, p. 113):

> [...] o compromisso ético e a opção pelo desenvolvimento de propostas que tenham por base o protagonismo da sociedade exige uma clara vontade política das forças democráticas organizadas para a estruturação de uma nova sociedade e de um espaço político diferente do modelo neoliberal, construído em cima de exclusões e injustiças. É preciso que se respeitem os direitos de cidadania e se aumentem progressivamente os níveis de participação democrática de sua população. Esses níveis se expressam em espaços públicos, consolidados em instituições que deem forma aos direitos humanos e ao exercício da participação cidadã, presentes nos conselhos, plenárias, fóruns e outras possíveis instituições a serem inventadas.

[3] OSCs - organizações da sociedade civil, segundo o texto em que foi retirada a citação.

Esse compromisso que é apresentado como um caminho a ser trilhado na intenção de tentar novas alternativas e apropriação dos espaços, pode construir uma parceria entre Estado, sociedade civil e cidadãos conscientes, com vistas a uma transformação autêntica, de caráter transformador preconizando formas de tornar as políticas sociais mais eficientes para atender as necessidades de quem realmente precisa.

O que torna a discussão sobre a tríade Estado, neoliberalismo e sociedade civil importante não é somente o fato da complexidade de suas relações, mas o quanto reflete no cotidiano, mesmo sem se dar conta. Destaca-se que a desigualdade é produto dos privilégios de uma minoria. Ainda, aponta-se que o exercício de cidadania está muito além de votar, mas na consciência que todo sujeito tem o direito de assumir seu papel como agente de transformação, visando ao bem-estar social.

A Constituição apresenta a garantia dos direitos básicos prometidos pelo Estado a todos os indivíduos, o que não pressupõe que sejam cumpridos. Embora se tenha evoluído em tantas outras questões, as relações ainda têm sido intensamente marcadas pela conveniência. Essa realidade tem se manifestado principalmente na política e na economia, o que reflete significativamente na educação. Tais setores deveriam atender de forma mais eficiente os menos favorecidos, garantindo principalmente o que lhes é de direito básico, ao invés de dar prioridade às classes sociais privilegiadas. Além disso, percebe-se, em algumas situações, que ainda se cultiva uma relação de dominação, dependência e abusos de poder nessas relações. Dessa forma, a discussão sobre neoliberalismo e o impacto na vida dos sujeitos faz-se importante para darmos continuidade discutindo a educação.

2.1.1 Educação

A sociedade se constitui por suas crenças, valores, costumes, fatos históricos e interesses, os quais constroem sua identidade e normas. Assim, como apresenta Saviani (2010), a educação brasileira tem sua organização com base em acontecimentos históricos, portanto, vai se moldando para atender predileções e necessidades. Inicialmente, a educação era privilégio da elite, passando gradativamente a atender outras camadas sociais segundo interesses econômicos e políticos.

Ao analisarmos a história da educação, a chegada dos primeiros jesuítas, em 1549, é apontada por Saviani (2010) como o início da educação em nosso País. Segundo o autor, esta data está relacionada à “primeira medida de política educacional traduzida nos “Regimentos”.

(2010, p. 15). Mas, como esta pesquisa não se propõe a fazer um aprofundamento desses acontecimentos, optou-se por relacioná-los e situar rapidamente o que realmente trará relevância para este estudo: da primeira fase da educação com a influência religiosa até educação como um direito dos cidadãos. O autor nos convida a refletir sobre a questão do público e do privado na história da educação brasileira, apontando que a educação deveria ser direito dos sujeitos e não estar a serviço de uma classe dominante que detém a "propriedade privada dos meios de produção" (2010), ou até mesmo, sob interesse de agências financiadoras.

Seguindo a discussão, importante destacar dois fatos: o surgimento do Ministério da Educação e Cultura — MEC e da Lei de Diretrizes e Bases — LDB. Segundo consulta no site do MEC, que apresenta um breve histórico: entre 1932 e 1934 existia uma preocupação por parte de alguns intelectuais em criar uma política educacional, com uma proposta de "escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita."[4] — sendo vista como direito de todos.

Em 1953, criou-se o Ministério da Educação e Cultura, o MEC, no momento que foi separado da Saúde. Ainda segundo o site do MEC, a primeira LDB surgiu em 1961, dando independência aos estados e municípios. Dez anos depois, o ensino dos 7 aos 14 anos tornou-se obrigatório.

Certamente, se o intuito fosse analisar a história da educação brasileira, teríamos inúmeras questões a discutir. Cumprindo essa proposta, fugiria do propósito desse estudo. Assim, buscou-se apenas situar aspectos considerados importantes para algumas discussões traçadas nessa pesquisa. Isso permite analisar a educação como ela se configura hoje e, por isso, revisitar essa trajetória e refletir sobre quais mudanças de ideologia aconteceram com o passar dos anos e, principalmente, se houve mudanças significativas. A realidade da educação brasileira ainda apresenta indícios de que continua atendendo necessidades do neoliberalismo e o Estado apresenta-se enfraquecido quando à garantia efetiva do cumprimento dos direitos dos sujeitos.

Saviani nos convida a ponderar: a serviço de quem a educação esteve ao longo de sua história? Apesar de terem havido mudanças, a educação ainda serve ao mercado mantendo uma diferenciação de classes e interesses, assim como aponta (Saviani, 2010, p. 41):

> [...] certo cinismo que tem marcado a relação entre o público e o privado na sociedade brasileira.
> Enfim, é claro que, na sociedade capitalista, o público tende a estar a serviço de interesses privados, uma vez que se trata de uma forma social dominada pela classe que detém a propriedade privada dos meios de produção.

[4] Citação retirada do site do MEC < http://portal.mec.gov.br/institucional>. Acesso em: 02.mai.2018.

Mas essa não é a proposta de educação libertadora que Freire sustenta. Olhar a educação sob a ótica da realidade ou da proposta? A educação não pode ser minimizada a uma ferramenta de mercado. Saviani afirma que o que deve reger a proposta de educação hoje é "[...] o princípio segundo o qual a educação é direito dos cidadãos e dever do Estado. É nessa direção que deve caminhar a política educacional brasileira." Saviani (2010, p. 41). Mas a realidade não aponta para essa direção. Freire (1967, p. 36), ao refletir sobre esse princípio, nos mostra que estamos diante de um desafio:

> A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma "educação" para a "domesticação", para a alienação, e uma educação para a liberdade. "Educação" para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.

Historicamente, a educação atendeu ao mercado e a interesses de uma classe dominante, o que na atualidade não se desenha diferente. Com o avanço das tecnologias e da globalização, o mercado precisa de mão de obra barata e especializada, e a educação pode ser a chave para atender essa necessidade do mercado. Mas por outro lado, a educação pode ser a porta para a libertação dos sujeitos, oportunizando outros caminhos e escolhas com base dos direitos de cidadania.

A realidade vivida por muitos sujeitos os aprisiona e os limita a servir e se acomodar. Nessa realidade, a educação pode se tornar um espaço em que os educandos são agentes passivos e receptores de informações ditas absolutas e o educador o centro de toda sabedoria, detentor da verdade, como nos apresenta Freire (1987, p. 33):

> Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção "bancária" da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.
>
> Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Esse estudo está pautado pela visão de uma educação libertadora, que extrapola os muros escolares, alcança a dimensão da vida e cria oportunidades aos sujeitos convidando-os para o exercício da cidadania, da responsabilidade social e da conquista da concretização de seus direitos. Essa concepção onde cada sujeito é protagonista de sua história, tem a oportunidade de se reinventar, de criticar, de dialogar e, principalmente, de se compreender como um ser em constante transformação, um ser inacabado, na contramão da realidade vivida.

Os sujeitos precisam ter oportunidades para além da realidade que vivem. Conhecer outras realidades, buscar alternativas e se desafiar. O papel da família, da escola e da sociedade deveria ser de facilitadores desses processos, criando possiblidades de conhecimento inicialmente e mais tarde provocando os sujeitos a se desafiarem em espaços diferenciados. A construção do conhecimento está pautada pela experiência com o meio e com seus pares. Quando Freire afirma que "Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio." (1967, p. 42) ele sustenta a importância de o sujeito ser protagonista de suas escolhas e ter a compreensão que estas impactam no meio em que vive, enxergando-se como parte do todo.

2.1.2 Educação não-escolar

A educação brasileira está relacionada a interesses econômicos. O sucesso ou insucesso do indivíduo está sob sua responsabilidade, pela condição social e do meio em que vive, conforme constata Afonso (2001). Nessa perspectiva, a escola se resume à formação do sujeito para atender uma demanda de mercado, sendo um meio de concretização das exigências neoliberais, preso a uma estrutura formal, burocrática e mecanicista, na qual o docente é mero instrumento e a educação mercadoria para atender a demanda exigida pelo mercado, afastando-se do seu compromisso com uma educação libertadora, democrática com vistas à cidadania e autonomia dos sujeitos. Justifica-se, assim, a afirmação sustentada por Bianchetti (2005, p. 105) de que o modelo predominante das ideias neoliberais caminha para:

> [...] consolidar uma sociedade polarizada entre setores sociais acumuladores de renda e amplos setores marginalizados e excluídos de uma participação social e econômica que resgate sua dignidade humana.
> As diferentes interpretações supõem uma escala de valores, uma ética, que pode ser individualista [...]

A realidade das políticas educacionais é que são submissas a este modelo econômico enquanto o estado limita-se a atender uma educação básica, o que reflete nas propostas

educativas, nos conteúdos curriculares, na precarização das estruturas das escolas, na capacitação, nos salários e nas condições de trabalho para docentes. Esse cenário é propício para a formação de sujeitos com vistas ao mercado do trabalho, mas não cria oportunidades de desenvolver a consciência crítica e emancipação pessoal. Com isso, não se nega a importância de conhecimentos técnicos, mas registra-se a amplitude da educação, conforme retrata Freire (2003, p. 19):

> Nesse sentido é que poderemos afirmar, antecipando-nos, mesmo que tenhamos depois que repisar a afirmação, que a nossa educação tem de apresentar uma duplicidade de planos instrumentais: o do preparo técnico com que se situará o homem nacional aptamente no processo de desenvolvimento. O da formação de dispositivos mentais com que adira ao desenvolvimento, aceitando, inclusive conscientemente, os traumas e as restrições decorrentes da industrialização, às vezes necessariamente apressada. Formação de disposições mentais democráticas com as quais se identifique com o clima cultural novo.

Com esse propósito, a educação é entendida para além de conteúdo. Preocupa-se com como eles farão sentido aos sujeitos e com que propósito estão sendo pensados. A educação está em descrédito, e aqui não cabem julgamentos, mas a análise da realidade de escolas sucateadas, descredito ou desrespeito com o docente, precariedade na formação continuada de profissionais, falta de parceria entre famílias e escola, dentre outras questões que impactam nos resultados da educação, da economia, da política, na vida dos sujeitos, assim como Freire já havia relatado em *Educação na Cidade (1995),* quando fala de sua experiência na secretaria de educação. O docente encontra-se num emaranhado de compromissos burocráticos e problemas que seu cotidiano está direcionado a atender, por vezes deixando de lado a reflexão sobre seu papel e principalmente sobre o que é educar. Brandão (2006, p. 14) aponta negligência, quando diz que: "[...] o pensamento do educador não raro esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada: a cultura — o lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui."

O ser humano não pode ter seu futuro fadado ao meio em que nasceu, mas ele próprio precisa criar oportunidades para redesenhar sua história. A educação tem papel fundamental na construção desse caminho, se ela tiver a intenção de criar possibilidades, criticidade e reflexão. Assim, o sujeito teria espaço para deixar de ser espectador e passaria a ser atuante na política, na sociedade, na educação e em sua história. Como sustenta Freire (1987, p. 34), "[...] a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos."

O autor complementa seu posicionamento afirmando que o aspecto doutrinador da educação nem sempre é compreendido dessa forma pelos envolvidos, acomodando os sujeitos e tornando-os conformados com sua realidade. A escola e professores precisam atender uma demanda burocrática que nem sempre lhes permite olhar a sua sala de aula com a dedicação que mereceria. Da mesma forma, os alunos trazem muitas demandas e dificuldades para serem resolvidas ao passo que a escola não está interessada ou não enxerga possibilidades de apoio. Assim, a criança e o adolescente que por vezes trazem carências que a família não deu conta de atender, direcionam suas dificuldades e fraquezas para a escola, que já está desgastada e com grande demanda. Dessa maneira, o diálogo já não faz mais parte do cotidiano escolar e familiar conforme. Brandão (2007, p. 100) alerta:

> Procurei corrigir a visão estreita de que a educação se confunde com a escolarização e se encontra só no que é "formal", "oficial", "programado", "técnico", "tecnocrático". Se em algumas páginas falei dela como um entre outros instrumentos de desigualdade e alienação, em outras imaginei-a como uma aventura humana. A educação existe em toda parte e faz parte dela existir entre opostos.

Sobretudo, preparar este ser humano para a vida é apresentar a oportunidade de fazer escolhas diferentes das vividas, tornar-se um cidadão consciente de seu papel político e social e com ímpeto para buscar possibilidades de analisar suas escolhas e buscar seu espaço. As possibilidades que o sujeito encontra ao nascer podem ser ampliadas segundo o meio, as oportunidades e a sua própria consciência da realidade que o cerca. Essa realidade pode ser pautada por diversas dificuldades, mas a alienação e a submissão podem agravar essa a situação. Oferece a oportunidade de analisar suas possibilidades e refletir de forma crítica para, assim, tomar suas decisões e fazer suas escolhas: é a maneira que a educação tem para contribuir com a vida dos sujeitos. A consciência de como o indivíduo aprende e se relaciona com o outro e o meio são fundamentais para que haja resultados e esses gerem reflexos na sociedade. Canário (2006, p. 23) apresenta a dissociação da ideia de que educação acontece somente na escola:

> Quando o homem sabe e ensina o saber, é sobre e através das relações de objetos, pessoas e ideias que ele está falando. E é no interior da totalidade e da diferença de situações através das quais o trabalho e as trocas de frutos do trabalho garantem a sobrevivência, a convivência e a transcendência, que, no interior de uma vida coletiva anterior à escola, mas plena de educação, os homens entre si se ensinam-aprendem. Ao mesmo tempo em que socialmente a educação, um domínio da cultura entre outros, é condição da permanente recriação da própria cultura, individualmente a educação, uma relação de saber entre trocas de pessoas, é condição da criação da própria pessoa.

A realidade vivida pelo outro nem sempre está próxima da compreensão de quem está fora, mas o educador precisa despir-se de preconceitos, verdades e convicções, oportunizando a aproximação com as experiências do outro. Destaca-se que os apontamentos desse estudo não se manifestam contra a instituição ou educação escolar, apenas tem o intuito de relatar fatos e contribuições de autores que corroboram com a realidade. Uma vez que, para tratar das práticas educativas, a pesquisa se ancora na definição de educação não-escolar, embasada em AFONSO (2001, p.32) que defende "dar conta em simultâneo da educação informal e não-formal)." O autor, ainda, justifica que esta "[...] não pode ser construída contra a escola, nem servir a quaisquer estratégias de destruição dos sistemas públicos de ensino, como parecem pretender alguns dos arautos da ideologia neoliberal." AFONSO (2001, p. 31). O autor ainda sustenta a possibilidade de trabalho conjunto, respeitando suas particularidades.

A educação pautada na interação com o outro, na aproximação com a história do sujeito, na possibilidade de compreensão de suas dificuldades e fraquezas, traz subsídios para a construção de conhecimento e habilitando para o protagonismo. O exercício da cidadania está para além de cumprir a obrigatoriedade de votar, está na capacidade de criticar, de dialogar, de entender a sociedade para além do mundo que o cerca, de ser capaz de fazer suas escolhas de forma consciente de seus direitos e deveres.

Foi dessa forma que este estudo chegou a uma associação: com a intenção de compreender a realidade vivida pelos sujeitos e suas famílias e buscar entender qual o impacto dessa educação, que não deve ser de adestramento, no preparo do ser humano para a vida. Assim, a educação é ator importante neste cenário que se desenha na sociedade atual, como nos apresenta Freire (1987, p. 38):

> A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Sentir-se parte do mundo, corresponsável pela sociedade e principalmente cidadão atuante na garantia de seus direitos e protagonista de suas escolhas, a educação, como nos mostra Freire, não fará tudo sozinha, por si não será a solução, mas faz parte do caminho para que sujeitos se tornem conscientes de seu papel na sociedade.

A educação problematizadora é possível a partir do entendimento que o homem é um ser inacabado, que busca o conhecimento e exerce esforço permanente de mudança, como nos mostra Freire. O protagonismo do educando é fundamental, mas o papel social da escola como

facilitadora desse processo, auxiliando na aquisição de saberes e contribuindo para novas experiências, é também fundamental. Nessa perspectiva, a escola precisaria manter o foco para atender seu propósito. Assim, Freire (1996, p. 33) nos expõe:

> A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de "cercar" o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

As experiências educativas se dão a todo momento da vida do ser humano desde seu nascimento, como sustenta Canário (2006). O autor ainda complementa, afirmando que se aprende mais fora da escola do que dentro dela, valorizando em sua abordagem o fato de que a escola está mais preocupada com o ensinar do que com o aprender e apontando esse como apenas um dos problemas na atualidade. Destaca, ainda, para a importância de olhar para fora dos espaços escolares e considerar outros atores como colaboradores no processo educativo dos cidadãos. A contribuição de Afonso (2001, p. 32), agrega a ideia de cooperação e parceria entre ambas — educação escolar e educação não-escolar — como relevantes: "[...] é importante salientar que o campo da educação não-escolar (informal e não-formal) sempre coexistiu com o campo da educação escolar, sendo possível imaginar sinergias pedagógicas muito produtivas e constatar experiências com intersecções e complementariedades várias." Ao encontro dessa premissa, os movimentos sociais, as associações, as fundações, os sindicatos e outros protagonistas podem contribuir com a conquista dos direitos, da emancipação pessoal e social. Esses atores tanto podem atuar de forma aparente e enganosa, apenas sustentando a dependência dos sujeitos, como podem auxiliá-los para o desenvolvimento de sua autonomia (FREIRE, 2003, p. 16):

> O assistencialismo, ao contrário, é uma forma de ação de rouba ao homem condições à consecução de uma das necessidades fundamentais da alma humana – a responsabilidade. No assistencialismo não há responsabilidade. Não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e "domesticação" do homem. Gestos e atitudes.
> É esta falta de oportunidade para a decisão e para a responsabilidade participante do homem, característica do assistencialismo, tão do gosto nacional, que faz de suas soluções um compromisso à nossa democratização e ao nosso desenvolvimento econômico.

Quanto mais tolher o sujeito e privá-lo de acessar oportunidades de conhecimento, mais fácil de será manipulá-lo e convencê-lo. Desse modo, acomoda-o e não cria possibilidade de questionamento, contestação e desconfianças. Da mesma forma, que se a visão sobre o papel da educação não-escolar precisa estar claramente direcionada ao seu fim principal:

emancipação, autonomia e criticidade. Assim, AFONSO (2001, p. 35) chama a atenção para o fato de:

> " [...] o campo da educação não-escolar (informal e não formal) ser hoje disputado por diferentes racionalidades políticas e pedagógicas, exigindo por isso, dos educadores e investigadores socialmente comprometidos, uma vigilância epistemológica redobrada, para que aqueles que a esse campo referenciam as suas práticas e reflexões possam ajudar a construí-lo como lugar de referência de uma educação crítica e emancipatória, tão importantes, urgente e necessária como a melhor educação escolar. "

Portanto, a atuação em rede da escola, da família e de instituições assistenciais que visem ao desenvolvimento integral do ser humano é de fundamental importância para a construção da cidadania, democratização e autonomia. Uma vez que esses cenários estiverem integrados estarão facilitando o processo de promoção do sujeito, tornando-o agente de sua própria melhoria, contemplando, assim, o que se entende por educação libertadora.

2.1.3 Práticas educativas

As práticas educativas neste estudo serão entendidas como um caminho para a transformação social, pautadas pela reflexão, pelo diálogo, pelo respeito aos conhecimentos prévios dos sujeitos e vislumbrando a autonomia, como nos orienta Freire na concepção de educação popular. Segundo Paludo (2010, p. 139), para Freire a "educação popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação Libertadora...". Esse conceito de educação vem como complementar e reforça o caminho que as práticas educativas vivenciadas pelas crianças e adolescentes devem tomar. Os sujeitos têm uma bagagem (experiências familiares, escolares e sociais), tais conhecimentos não podem ser ignorados, mas aproveitados e explorados. Entretanto, este movimento precisa ser bem definido, para não ser confundido. O que precisa estar claro, que essa concepção educativa "não apenas supões uma compreensão política da prática social como princípio educativo", (AFONSO, 2001, p. 33) mas concebe oportunidades para a escola e a família possam se ocupar de seus papéis de forma complementar, como uma ação integrativa.

As instituições assistenciais, como denomina Freire, podem exercer papel importante na sociedade, ou desserviço para a promoção de direitos, atuando apenas como promotoras de ações que alienem os sujeitos e causem dependência. Como nos apresenta Noronha (2005, p. 145), a direção das intenções e atuação é importante para o cumprimento dos objetivos de uma educação libertadora:

> Somente uma atitude metodológica dialética permite atingir e compreender o alcance desse processo ao mesmo tempo conservador e transformador, que constitui a essência do modo de produção capitalista. Apreender aqueles aspectos, que podem significar a reprodução e a reiteração de elementos do sistema, e outras dimensões, que podem representar a possibilidade de transformação e de ruptura com o sistema, constitui uma tarefa permanente no campo da investigação e da ação.

Ao longo da experiência profissional da pesquisadora, foram encontradas algumas instituições paternalistas, vistas como promotoras do bem comum, mas que, na verdade, causavam dependência dos sujeitos e muitas vezes de suas famílias. Essas práticas se davam pela disponibilização de doações de alimentos, roupas e ou medicamentos como forma de aproximação e, mais tarde, como forma de resolução de problemas. Da mesma forma, uma realidade oposta a essa existia. A escolha do campo de pesquisa está imbricada na perspectiva de análise de como as práticas dessas associações realmente podem ser promotoras de uma educação libertadora. As práticas cujo intuito é o de criar autonomia, desenvolver cidadania, potencializar o espírito crítico e oportunizar o desenvolvimento dos sujeitos, são pautadas pelo interesse do bem estar social, da oportunidade de participação, do protagonismo do educando e da democratização da sociedade. Defende Canário (2007, p. 20):

> [...] a análise dos movimentos de transformação social, cuja radicalidade e fecundidade estão diretamente relacionadas com o seu grau de autonomia. Esta contraposição entre autonomia e heteronomia é totalmente pertinente para analisar os processos de educação, entendendo a educação como um trabalho que cada sujeito realiza sobre si próprio (em relação com os outros e com o contexto). Enquanto trabalho, a educação é, na sua versão "domesticadora" ou "bancária" (termos usados por Paulo Freire), um trabalho alienado. Na perspectiva da sua versão emancipatória, nas dimensões individual e coletiva, o conceito de autonomia constitui, portanto, um conceito central para a analisar a relação entre os movimentos sociais e os processos de aprendizagem [...]

A oportunidade de o ser humano em se construir, se reinventar, está pautada pela liberdade de criar, de argumentar e de pensar. Mas como este talvez não seja um exercício comum aos seres "oprimidos", talvez lhes cause estranhamento ao se deparar com esse desafio. O papel da educação como agente de transformação social precisa ser contínuo e focado no respeito com a história do sujeito, com suas relações e principalmente com suas dificuldades e

interesses poder se fundamental para o processo de transformação social, ficando evidente a que possibilidade de ações conjuntas entre educação formal e não-escolar potencializaria as experiências educativas com vistas a uma Educação Libertadora. Canário alerta (2006, p. 37):

> A maior parte das situações de aprendizagem são, por outro lado, não formais (não obedecendo aos requisitos do modelo escolar) e sequer são deliberadas, ou seja, não há consciência de que o principal objetivo seja aprender algo. A aprendizagem surge como co-produto de uma ação. É nesse ponto de vista que, cada vez mais, estou convencido de que a educação não formal, ou seja, a educação não-escolar, deverá se constituir como o ponto de referência para pensar a educação escolar.

As práticas educativas têm grande peso nas experiências de transformação social e na promoção da construção de um cidadão consciente de seu compromisso democrático. É o momento de pensarmos que oportunidades estes seres humanos têm de transformar sua realidade, de buscar outras alternativas e, sobretudo, de serem autônomos.

Pensar em oportunidade é reconhecer o propósito da educação, respeitar as necessidades dos sujeitos e, principalmente, dar-lhes chances de reconhecimento e valorização. Assim, sustenta Freire (2003, p. 19):

> O que precisamos, na verdade, cada vez mais, é acreditar no povo e ajuda-lo a crescer na linha incoercível de nossa democratização, ligada a uma série de fatos novos, entre os quais a transitivação de sua consciência. Toda ação de tentar retardar – por que deter não nos parece possível – esta marcha, é reacionária e perigosa. Acreditamos que mesmo parte desta ação "assistencializadora", a comprometer a marcha de nossa democratização, resulte de uma distorcida visão da problemática nacional, não só por parte das instituições, mas dos seus próprios cliente.

Esse estudo se valida pelo caráter reflexivo do lugar que ocupam os sujeitos "oprimidos", na sua caminhada em direção à sua independência. O olhar sobre as práticas educativas esta para além de ações isoladas, mas na construção de uma consciência crítica, libertadora e política, pela família em conjuntos com diferentes ambientes. O presente capítulo buscou apresentar os conceitos fundantes que servirão de base para o estudo, com intensão de compreender se as práticas vividas fora de um ambiente escolar, contribuem de alguma forma para o desenvolvimento de um sujeito. Buscou-se direcionar a discussão para a visão de que a educação não-escolar não se posiciona como um movimento contra escola, mas complementar, respeitando o papel social e a dimensão educativa da instituição escolar, para atingir seu objetivo de uma prática social com princípios educativos, políticos e emancipatórios.

3 CAMPO DE PESQUISA

> *Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.*
>
> (Paulo Freire, 1987, p. 44)

Do universo de fundações e associações[5] que conheceu ao longo do seu trabalho em uma Organização não governamental — ONG, algumas chamaram a atenção da pesquisadora. Todas enfrentavam problemas, trabalhavam com públicos que apresentavam dificuldades e necessidades de diferentes complexidades, mas na escolha de caminhos para a solução desses problemas, nas práticas e resultados com a intenção de ampliar o impacto na vida da comunidade de forma mais dinâmica, organizada e consciente do que faziam, poucas se destacavam. As práticas de algumas organizações aconteciam de forma intuitiva, sem planejamento, análise de necessidades dos públicos ou até mesmo algum tipo de preparo. Apenas serviam para atender uma demanda imediata. Inovar, pesquisar caminhos que possam facilitar a resolução de problemas, fazer uma previsão e qualificar as ações são importantes adequações para atingir os objetivos nos atendimentos das entidades sociais de forma mais rápida, prática, eficiente e ainda otimizando as verbas recebidas. Essas questões foram fundamentais para o desígnio da associação pesquisada. Os critérios de escolha do cenário deste estudo foram a grande procura de voluntários, apoiadores e mídias, como ela se mostra organizada e as premiações conquistadas. Esse contexto despertou na pesquisadora o interesse de entender a realidade da comunidade que a cerca, de que forma essa relação interfere em seus

[5] De acordo com o Código Civil Brasileiro as pessoas jurídicas podem ser de direito público ou privado, sendo que estas segundas podem ser caracterizadas como associações, sociedades, fundações, organizações religiosas, partidos políticos e as empresas individuais de responsabilidade limitada. Para fins desse estudo, segue-se o conceito de associação com base na tipologia da associação que é foco deste estudo de caso. As quais são formadas por grupos de pessoas com interesse ou causa afins para atender um problema na comunidade. Precisam cumprir obrigações definidas pelo Código Civil, seu Estatuto Social e não podem gerar lucros aos seus membros. Art. 44 a 54) <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm> Acesso em: 02.fev.2018.

resultados, bem como práticas e os efeitos que geram impacto nestas famílias: Questões importantes para compreender a complexidade das ações e preocupações da associação estudada.

O contexto desta pesquisa está situado na zona norte de Caxias do Sul[6]. Uma região que teve profunda alteração urbana, crescimento acelerado da população e migrações em busca de melhores condições de vida. Com a falta de planejamento prévio e meios apropriados para se estabelecer, essas pessoas se deparam com problemas de desemprego, habitacionais – que resultam em loteamentos irregulares e ocupações ilegais e fora do alcance de prestação de serviços – saúde, coleta de lixo, segurança, educação e tratamento de água e esgoto.

Uma pesquisa realizada no Arquivo Histórico de Caxias do Sul traz informações sobre o surgimento do bairro Fátima (Baixo) onde está localizada a associação. Segundo Lazzarotto (1986, p. 104):

> [...] este é um bairro formado, na sua maioria, por operários que aqui se aglutinaram em busca de melhores condições de vida. Suas procedências variam: um número reduzido vem de outros estados (Santa Catarina e Paraná); de cidades de menor porte que Caxias vem uma parcela significativa, que se soma a outra formada por pessoas que se deslocaram de vários outros bairros da cidade, por ficar mais próximo de seus locais de trabalho.

Com intenção de situar e trazer informações relevantes a essa pesquisa, entender o passado do bairro traz a possibilidade de compreender questões do presente. Atualmente, no território de abrangência do CRAS Norte, a estrutura da zona norte conta com UBSs, escolas municipais tanto de educação infantil quanto de educação fundamental, escola estadual, espaços de lazer: ginásio poliesportivo, algumas pracinhas, academias da terceira idade, quadra de esportes, centros comunitários (espaços onde ocorrem diversas atividades de lazer) e Amobs (Associação de Moradores do Bairro). Ainda, segundo ao CRAS, é um local de intensa vulnerabilidade social, pobreza, região onde as residências ficam em territórios com risco de desabamento e de ocupações irregulares (embora já tenham havido ações de reassentamento de algumas localidades da região), de tráfico de drogas, com presença de disputas de facções rivais, violência e prostituição. Tendo também, a presença de trabalho infantil e escassez oportunidades profissionais para adolescentes. Inclusive as entidades socioassistenciais da zona norte, atendem apenas adolescentes até os 16 anos. Embora a pesquisadora reconheça a validade dessas referências, não se aprofundou, por não ser o foco do objeto de estudo. Assim, o

[6] O mapa da cidade foi incluído como anexo D – p. 94 neste estudo, com o propósito de elucidar as informações apresentadas. < https://caxias.rs.gov.br/uploads/documents/2018/01/25/06a7aa3b-2cc2-424a-a044-a5d584493dab.pdf> Acesso em: 13.mai.2018.

mapeamento foi complementado com informações pesquisadas em reportagem do Jornal Pioneiro[7] de (18.10.1985), cuja fonte é Argemiro Almeida Mello, residente deste 1952, empreiteiro e primeiro morador do bairro, que informa sobre o crescimento populacional da Fátima "[...] o desenvolvimento teve seu maior impulso em 74 e 75, quando mais casas começaram a ser construídas aqui". Na mesma reportagem ele complementa: "Até a zona dos Braga (Fátima Baixo) inicialmente era composta de terrenos para serem vendidos, que acabaram sendo invadidos por diversas pessoas, muitas vindas de Lagoa vermelha, Bom Jesus e Vacaria..."[8]

Outra reportagem do mesmo jornal, datada em 22/10/1985, retrata a movimentação e empenho de alguns personagens da comunidade em construir uma igreja e uma creche. Uma terceira matéria, datada em 19/10/1985, informa a origem do nome do bairro: homenagem à imagem de Nossa Senhora de Fátima, localizada no centro do bairro. A santa foi doada pela empresa City Territorial Ltda., no início dos trabalhos da empresa na localidade.

Na sua maioria, são famílias numerosas, de baixa renda, residentes em áreas ocupadas, sem infraestrutura adequada e em moradias precárias. Há indicadores, na área policial da cidade, que sinalizam altos índices de criminalidade, com assassinatos, homicídios e ameaças contra a vida, dados confirmados por veículos de comunicação da cidade. A vulnerabilidade e exposição a riscos pessoais e sociais da população podem ser corroboradas nas situações de fragilidade de vínculos familiares, no abandono e/ou negligência do papel do adulto responsável, no trabalho infanto/juvenil, na falta de um espaço de lazer, no atendimento médico inadequado, na própria precarização do trabalho ou na falta dele, e na questão da moradia.

A ocupação conhecida como Fátima Baixo, que se estendia até à rodovia RS122, surgiu em área de risco por estar entre a estrada e um arroio. A situação insalubre obrigou o Poder Público a reassentar a comunidade, distribuindo 350 habitações populares — casas geminadas e apartamentos, no atual Loteamento Vitorio Trez, nas proximidades do Fátima Baixo. Assentados em 2010 em um espaço planejado, com ruas asfaltadas e acesso a alguns serviços públicos que antes eram inexistentes, os moradores do loteamento localizado nesse território, da zona norte, agora integram 350 famílias, todas advindas de áreas de risco ou de uma situação precária habitacional, e continua a demandar atendimento mediante alguma vulnerabilidade. Existem necessidades outras, além da moradia, como educação, capacitação profissional, oportunidades de emprego e renda, segurança, saúde, enfim, meios de buscar uma vida mais

[7] As reportagens usadas neste capítulo, foram incluídas como anexo neste estudo, com o propósito de comprovar as informações.
[8] Argemiro Almeida Mello, Jornal Pioneiro de (18.10.1985)

digna. Tais evidências foram identificadas pela grande procura dos moradores por informações, orientações e atendimento junto à associação escolhida para esta pesquisa.

A transferência das famílias, que iniciou em 2010, objetivava proporcionar conforto, higiene e motivação para buscar uma fonte de renda e uma vida mais digna. Mas as famílias precisaram se ajustar a nova forma de vida: a distribuição de moradias por sorteios, fez com que morassem porta a porta com seus desafetos; precisaram organizar seus pertences em espaços menores; algumas perderam fonte de renda; não poderiam ter animais e não havia local para guardar a sucata recolhida e outras questões. Não é a intenção fazer julgamentos, mas compreender que este deslocamento precisou de adaptação, por se tratar de uma mudança de vida.

Em 1995, as comunidades (Fátima Alto e Baixo) contava com 1700 moradores no bairro e entorno. Segundo dados fornecidos pela associação, hoje aquela população é de 16.5000 pessoas, maior do que muitos municípios ou cidades brasileiras. Fatos como esse levam à explosão da urbanização que significou o aumento de problemas sociais: mobilidade urbana, segurança pública, a questão de toxicodependência, aliciamento, exploração sexual, falta de vaga em escola infantil e de ensino fundamental, segundo informações da associação nas entrevistas e documentos pesquisados.

A associação nasceu em 1995, por iniciativa de três amigos que estavam preocupados em fazer algo para contribuir com a realidade das crianças da cidade, numa época em que era recente a implementação da Política Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes. O grupo convocou mais quinze pessoas de seu relacionamento para o ato de fundação. A partir de contato com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente — COMDICA, para saber qual localidade apresentava maior indicador de vulnerabilidade social em Caxias do Sul, envolvendo a infância e adolescência, se chegou ao bairro Fátima Baixo, uma escolha definida em conjunto com o gestor municipal da época — Mário David Vanin. Assim nasceu a associação, para atender os direitos das crianças e dos adolescentes. Após sua fundação, a prefeitura cedeu o terreno no qual permanecem até o momento suas instalações. A sede foi construída em conjunto com a comunidade local em regime de mutirão, sofrendo algumas reformas ao longo de sua existência por motivos de adaptação às normas de funcionamento, ampliação e para reparar danos causados por enchentes ou arrombamentos. A associação é afetada pelo contexto externo sendo vulnerável a assaltos, enchentes, descaso do poder público, não entendimento da sua finalidade, enfim, vive as consequências da violência social e urbana como qualquer outro estabelecimento.

As atividades iniciais ocorreram até 1998, no salão paroquial da igreja, na associação

de moradores e em clubes de futebol, espaços que recebiam as famílias para fazer ações de conscientização sobre segurança alimentar, encaminhamento para emprego, reuniões com a comunidade, discussão para implementação da rede de água potável no bairro (que ocorreu somente em 1996), atendimento a necessidades de vestimenta e alimentação.

Em 2005, aderiram a um novo ciclo de planejamento, quando foi mudado, inclusive, o nome da entidade, que nos atos de fundação, em 1995, chamava-se sociedade, passando para associação, conceito que dá ideia de um grupo de pessoas que, de forma associativa, voluntária, constitui uma ação organizada e continuada em favor de uma comunidade.

Em 2006, com a edificação pronta, como se conhece hoje, com todas as salas em condições mínimas de funcionamento, cozinha, refeitório e espaços de lazer, as ações passaram a ocorrer nas novas instalações de forma mais abrangente e sistemática, contemplando outros atendimentos, nesta ocasião na modalidade creche.

De 1995 até 2005, primeiro ciclo da associação, os dirigentes enfrentaram muitas dificuldades de captação de recurso e de estabelecimento de parcerias, limitando-se ao atendimento de assistência social e de educação no contraturno escolar. Isso empurrava a Sociedade para atividades de natureza assistencialista e paternalista. Em 2005, ocorre uma importante mudança, com a fase de profissionalização, quando foram organizados a comunicação e o sistema de gestão, construíram-se indicadores de gestão e a associação passou a atuar de forma mais sistêmica junto à comunidade, conformando-se, então, dois grandes ciclos: um de 1995 a 2005 e outro de 2006 a 2015.

Em dezembro de 2016, a associação decidiu que a educação infantil deveria ser de responsabilidade do poder público municipal. A escolha se deu em função de orientação da Lei Orgânica da Assistência Social. Assim, os atendimentos se concentraram no trabalho para uma faixa prioritária que corresponderia aos nove anos do Ensino Fundamental. Dessa maneira, hoje com atenção focada nos atendimentos prestados para essa faixa etária, a sociedade tem o propósito de oferecer “serviços de assistência social”, mais especificamente “serviços de convivência” e “fortalecimento de vínculos”, conforme orienta seu estatuto no artigo 3º quando fala de objetivos:

> Promover atividades de finalidades e de relevância pública, no âmbito da assistência social descritas na LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social, nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993 e a Resolução nº 109, de 11 de dezembro de 2009, que regulamenta a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais do Ministério do Desenvolvimento Social - MDS, e suas possíveis alterações, especialmente nos serviços de Proteção Social Básica à criança, ao adolescente e à família em situação de vulnerabilidade social, denominado de serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, buscando oportunizar preferencialmente a integração do segmento criança

> e adolescente à sociedade, como garante a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, sem discriminação de qualquer natureza, proporcionando atendimento e zelando pela defesa dos seus direitos, com vistas a assegurar-lhes uma vida digna. (ESTATUTO..., 2016, p. 1).

Nesta modalidade, a associação atendeu até a gestão municipal do Prefeito Alceu Barbosa Velho (gestão de 1º de janeiro de 2013 até 1º de janeiro de 2017). Em 2016, mudaram-se algumas regras para atendimento da educação infantil e a associação preferiu não se adaptar, restringindo suas atividades ao atendimento a crianças e adolescentes, dos seis aos quinze anos, faixa etária que entende ser seu ponto forte.

Atualmente, usa sua capacidade máxima de ocupação, atendendo cerca de 230 crianças e adolescentes entre seis e quinze anos que frequentam a associação no contraturno escolar, de segunda a sexta-feira, nos turnos da manhã e tarde, durante todo o ano.

As crianças e adolescentes são encaminhados para a associação pelo Centro de Referência de Assistência Social — CRAS Norte, Conselho Tutelar, abrigos e casas-lares. Quando as famílias buscam atendimento direto nas entidades, são orientadas a irem ao CRAS[9] para retornarem posteriormente e, assim, serem acolhidas pelas entidades, atendendo orientações do município. As outras entidades de proteção básica referenciadas ao CRAS Norte são cinco. Um dado pesquisado junto à Fundação de Assistência Social — FAS[10] e ao Centro de Referência de Assistência Social — CRAS Norte e que esta pesquisa não conseguiu obter foi quantas famílias ou crianças e adolescentes cada uma delas ou todas juntas atendem.

A associação também acolhe cerca de vinte e cinco a trinta adultos da comunidade, com o projeto "Encontro de Convivência", com atividades como oficinas, reflexão, orientações e formação, dentre outras, para adultos. Esse momento é visto pelos profissionais como uma oportunidade de acolher a comunidade, sendo familiar ou não dos adolescentes atendidos, mas principalmente, oportunidade de trabalhar valores e autoestima. Aprendem, nas oficinas, meios de complementar a renda da família com a produção de artesanato, culinária e outras oficinas

[9] Os CRAS são unidades que, em qualquer local do país, ofertam o PAIF - Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e o SCFV - Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é um trabalho que, pelas orientações técnicas, é complementar ao PAIF, sendo que este trabalho é realizado com as famílias, enquanto que o SCFV é dividido por ciclos de vida, atendendo crianças de 0 a 6 anos (esta modalidade não é ofertada no município), de 6 a 15 anos, adolescentes de 15 a 17 anos, adolescentes de 18 a 29 anos, adultos de 30 a 59 anos e idosos acima de 60 anos. No território as entidades ofertam o serviço de 6 a 15 anos, enquanto o CRAS oferta o SCFV para adultos e idosos. Dentro do serviço do PAIF, o CRAS Norte oferece atendimentos coletivos e individualizados, oficinas sobre o Programa Bolsa Família, BPC - benefício de prestação continuada, passe livre para pessoas com deficiência, oficina sobre acesso ao mundo do trabalho e cursos profissionalizantes para adolescentes, bem como grupos de acompanhamento familiar.

[10] "A Fundação de Assistência Social - FAS, instituída nos termos da Lei n.º 4.419 de 4 de janeiro de 1996, é entidade da Administração Indireta do Poder Executivo Municipal, com personalidade jurídica de Direito Público." < https://fas.caxias.rs.gov.br/> Acesso em: 08.mar.2018.

ministradas pelas próprias assistentes sociais e por voluntários.

A associação conta com uma área de 1.160m2, com um parque, dois pátios e uma estrutura física de alvenaria de dois andares que contempla: salas educativas, de atividades (informática, música, teatro, dança, vídeo, biblioteca, artes, esporte), recepção, administração, reuniões, espaço multiuso, refeitório, cozinhas, banheiros, lavanderia, despensa, depósito, além de salas de atendimento e de doações. O prédio, que é bem conservado, está adaptado às atividades, respeitando as normas vigentes no município para funcionamento e segurança. O edifício é cercado por grades. O acesso às dependências é por meio de interfone e monitorado por câmeras para a segurança de todos. Entretanto, já violaram a associação, depredando o prédio, roubando equipamentos eletrônicos e alimentos, demonstrando desconsideração pelo trabalho prestado à comunidade local. Esses episódios fizeram a associação buscar formas de fidelizar a comunidade e ganhar a consideração e respeito desse público, mostrando, com as práticas aplicadas e a forma de acolher, que o espaço era para beneficiá-los. Mesmo assim, a associação não se sente segura para eliminar os subsídios de proteção.

Para o atendimento de sua demanda, conta com vinte e três profissionais contratados sendo quatorze com graduação completa e três em andamento, três com ensino médio, três com ensino fundamental e os demais estagiários e voluntários. Dentre os profissionais, estão aqueles das áreas de administração, contabilidade, jornalismo, serviço social, pedagogia, educação física, história e artes visuais. Ainda contemplam os recursos humanos envolvidos no Conselho Consultivo, compostos por três a dez membros, que têm por finalidade apoiar e nortear a Diretoria. Essa, por sua vez, é composta por um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário, um Tesoureiro e seus suplentes, podendo implementar outros postos se julgar necessário auxiliar em suas funções de administrar e representar a entidade. O Conselho Fiscal tem de três a cinco membros que têm por competência fiscalizar a administração. Todos executam seu papel orientados pelas funções descritas no estatuto vigente e, como ele determina, pela Assembleia como sendo o órgão soberano.

O público atendido frequenta sete escolas locais e os seguintes bairros servidos pelo CRAS Norte (segundo informações do próprio Centro de Referência de Assistência Social): Nossa Senhora de Fátima Alto, Fátima Baixo, Centenário I e II, Parque verde e Oásis, Loteamentos Victório Trez, Jardim Embaixador, Morada dos Alpes, São Luiz, São José e Loteamento Mazzotti, que correspondem a uma população de cerca de trinta e quatro mil habitantes de um total de 435.564 da cidade, segundo informações da associação e censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE 2010, que aponta uma estimativa de 483.377 em 2017.

Na associação, os atendimentos das crianças e adolescentes contemplam alimentação (café da manhã, almoço e pré-janta), acolhida, hora do conto, cinema e atividades desportiva, literária, de biblioteca, de arte e de cultura. Oficinas: de teatro, circo, musicalização, flauta, violão, percussão, Jiu Jitsu, dança, esporte e lazer, capoeira, telecentro e culinária. Os projetos Construindo Valores, Educação Ambiental, Literário, Educação para a Vida e Arte e Cultura são temas macros que comportam atividades criadas pelos educadores sociais a fim de contemplar os temas de cada um. As ações são discutidas e planejadas nas reuniões pedagógicas mensais.

Toda a estrutura, atendimento e recursos humanos são mantidos por meio de convênios públicos: Fundo Municipal dos direitos da Criança e do Adolescente — FMDCA, Fundo Municipal de Assistência Social — FMAS, Fundo Nacional de Assistência Social — FNAS, Nota fiscal gaúcha, Juizado Especial Criminal – Justiça Estadual — JECRIM, Fundação de Assistência Social — FAS, Convênio Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente — COMDICA, ou, ainda, com eventos como venda de produtos, doações planejadas e espontâneas de pessoas físicas e jurídicas e o apadrinhamento. A receita captada para atender ao público é prevista no planejamento estratégico até novembro do ano anterior, o que permite à associação ter maior segurança e qualidade nos serviços prestados.

A política administrativa da associação é ter cinquenta por cento mais um de dinheiro não governamental. Assim, as parcerias que faz objetivam esse princípio e autonomia para projetar inovações. Ela pode, também, fechar parcerias com projetos da Unesco, da Unicef e do Criança Esperança.

Para se manter financeiramente, a associação precisa ter um portfólio de parceiros e, para desenvolvê-lo, é preciso levar em conta que os parceiros estão em constante modificação. Uma associação precisa ser séria e manter transparência em suas ações e prestação de contas para conquistar parceiros. Mas fidelizar este parceiro passa pela conquista da sua confiança. Ele precisa se identificar com a causa, sentir-se importante e sensibilizado pelo público atendido. Para a associação atender as necessidades de seu público referenciado, entende que é preciso fazer levantamentos, montar estratégias e obter subsídios financeiros, recursos humanos, materiais e físicos que contribuam com o cumprimento de seus objetivos. O desafio é pensar como fazer quando a política econômica não vai bem, pois a situação social se agrava enquanto a verba se restringe. A associação tem que buscar alternativas e estratégias para manter-se e ainda atender objetivos, tais como:

1. O Colegiado de alunos: que tem a intenção de estimular a participação dos adolescentes nas ações da associação e em outros espaços de forma crítica e autônoma. Os adolescentes eleitos são preparados para atender as ações propostas, como acompanhar a aplicação de instrumentos avaliativos, apresentar resultados e propostas das equipes de trabalho, participar de fóruns e conselhos. Todo esse trabalho é pensado em conjunto entre equipes e em algumas instâncias com os adolescentes. Estimular sua participação e protagonismo dentro e fora da associação é a visão geral desse projeto, que envolve diretamente cerca seis adolescentes, que acabam sendo referência para outros adolescentes e para a equipe de trabalho que os aciona para participarem da execução e acompanhamento de ações diferenciadas dos demais favorecidos.

2. Colegiado de pais: que se assemelha ao Círculo de Pais e Mestres – CPM, tendo por propósito integrar a família com a associação e a mesma com a comunidade, para a aproximação dos pais, com intenção de fazê-los pensar em conjunto com os educadores sociais soluções para as dificuldades, além de aproximá-los do processo educativo.

3. Encontro de convivência: que é um momento para familiares das crianças e adolescentes participarem de oficinas e palestras com o objetivo de dar subsídios para uma fonte de renda e trabalhar questões como autoestima e autonomia. São reuniões semanais, realizadas dentro da associação, por uma estagiária de serviço social da Universidade de Caxias do Sul – UCS, que pesquisa temas e propõe oficinas com apoio de voluntários, quando necessário. Desses encontros, participam, em média vinte, e cinco pessoas.

4. Pais voluntários: por meio dos quais a associação busca otimizar a verba e engajar pais e responsáveis, encorajando-os a participarem ativamente, prestando trabalho voluntário nas atividades da entidade. Assim, a comunidade tem a oportunidade de contribuir desempenhando alguma tarefa dentro de suas habilidades e possibilidades, sentindo-se mais próxima da associação, que não despende recursos com mão de obra. As atividades podem ser as mais variadas, desde que atendam às necessidades de melhorias dos espaços da associação.

5. Acompanhamento e visitas às famílias: atividade que se realiza desde a fundação da entidade pela equipe do serviço social, formada por duas assistentes sociais e duas estagiárias de serviço social. Aproveita o questionário informativo preenchido no momento da inscrição e verifica as informações fornecidas com aquelas da realidade da família. Mantém uma prática de visitação

constante às famílias que também serve para escutar sugestões ou reclamações, além de fornecer informações.

6. Prêmio Sou de Atitude: que é uma iniciativa com o intuito de reconhecer e destacar pessoas físicas e jurídicas solidárias, que mobilizam trabalho, recursos financeiros e ideias inovadoras em favor da associação. O processo de escolha é realizado pela indicação de formadores de opinião, lideranças do Conselho Consultivo, Diretoria e das pessoas já reconhecidas com o mérito do Prêmio. Realiza-se desde 2005 e o evento de entrega do Prêmio ocorre no mês de agosto de cada ano, no auditório da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul — CIC. Durante o processo do Prêmio, é realizado um encontro de vivência com as pessoas agraciadas com a distinção. Nesse encontro, cada agraciado conta sua trajetória de vida e suas realizações em favor da melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes.

7. Código de ética: que foi estabelecido desde o início das atividades no Estatuto Social e que dá as orientações quanto às finalidades, objetivos e à atuação dos colaboradores. Adicionalmente, são adotados os códigos de ética das diversas categorias de trabalhadores que atuam na associação, como, por exemplo, código de ética dos assistentes sociais. A partir de 2005, como melhoria no tratamento das questões éticas, a associação passou a adotar integralmente o Código de Ética da Associação Brasileira de Captadores de Recursos — ABCR. Esse código define um conjunto de regras de comportamento, visando à preservação e ao respeito de todos os envolvidos, tanto pessoas físicas quanto jurídicas.

8. Acolhimento: que é o momento diário de recepção feito por educadores e educadoras aos alunos quando chegam na associação. Na ocasião da entrada, recebem-nos, conversam e os direcionam para as suas atividades com a intenção de perceber qualquer problema ou alteração no comportamento.

9. Ecoparque: que foi implantado em 2010, por meio de convênio com uma associação privada. Ela conta com espaço de 10.000 m2, localizada em área rural e sobre a bacia de captação de água do sistema Maestra em Caxias do Sul. Tem como objetivo criar condições para atividades em meio não-urbano com o fim de gerar novos resultados e inserir a programação anual na dimensão ecológica. A proposta visa à preservação da mata, ao reflorestamento, trilha ecológica, cultivo de horta e pomar orgânico, atividades de esporte e lazer. O atendimento continuado ocorre por meio do projeto que é um tempo onde a criança vive fundamentalmente

o esporte, o lazer, a cultura e o contato com a natureza. Nesse momento, a criança e o adolescente vivem uma experiência fora da associação, tendo oportunidades diferentes de sua rotina na associação por ocorrer em local afastado da cidade, com características de interior e muito verde. Neste espaço, existem horta, árvores, gramados, alojamento e cozinha com espaço para refeições, um local que lembra um *camping*.

10. Oficinas diversificadas: que a associação mantém nas áreas de literária, leitura, artes, cultural, teatro, circo, música, esporte e jiu jitsu. A associação dispõe de telecentro e desenvolve atividades de dança, esporte e lazer, capoeira, flauta, violão e percussão, as quais partem do interesse e habilidades das crianças e adolescentes. São mantidas com o apoio de parceiros e mantenedores.

11. Projeto mostra literária da Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul — Recria[11]: que desde 2007, tem como objetivo promover o desenvolvimento e a produção literária nas entidades da Rede Recria: articulando e dando visibilidade aos trabalhos de crianças e adolescentes.

12. Ações pontuais:
- Dia da Criança: com o objetivo de celebrar o Dia Internacional da Criança, com a realização de passeio, jogos, brincadeiras, lanche;
- Aniversário da associação: finalidade de celebrar a sua história e conquistas;
- Festa de Natal: Celebração do Natal com crianças e adolescentes e famílias;
- Festa da Família: Conscientização das pessoas sobre o papel da família e sua importância na educação das crianças e adolescentes;

13. Ações financeiras: dentre empresas mantenedoras e outros eventos pontuais destacam-se:
- Aniversariante Feliz: objetiva a sensibilização das pessoas para promoverem uma festa para amigos, e, ao invés de receber um presente, trazem uma doação em dinheiro que é repassada integralmente para a entidade.

[11] "A Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul é um conjunto de entidades governamentais, não governamentais, conselhos setoriais e poder judiciário que trabalham de forma integrada, visando atender crianças, adolescentes e suas famílias. Os objetivos da Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul são facilitar, agilizar, viabilizar, propor e dinamizar ações nas diversas áreas de atenção à criança, ao adolescente e suas famílias (abrigos, centros educativos, saúde mental, drogadição, portadores de necessidades especiais, maus-tratos, apoio sócio-familiar). Essas ações são realizadas de forma integrada, abrangendo todo o município." <https://recria.org.br/conteudo/11> Acessado em: 08.mar.2018.

- Artista Solidário: é um projeto de parceria com artistas plásticos que doam suas obras para um leilão beneficente à associação - ele está na sétima edição.
- Apadrinhamento: uma parceria com pessoas físicas e jurídicas que desejam “manter” financeiramente, por meio de uma contribuição mensal, uma ou mais crianças e adolescentes na associação, podendo optar por conhecê-los ou não. O valor é estipulado pela associação bem como o prazo mínimo é acordado entre as partes.
- Financiadores de projetos: Criança Esperança, Unesco e Unicef — buscando alternativas e parcerias procurando tornar a associação sustentável, não somente financeiramente, mas adotando medidas internas no cotidiano que visem a ampliar e reverberar este conceito nas suas ações e trazendo novas ou firmando parcerias.

As práticas da associação estão pautadas por um referencial teórico-metodológico que permite que a criança e o adolescente tenham um atendimento fundamentalmente pautado na socioeducação que reverte em melhorias para toda aquela comunidade. Com intenção de situar em que posição a pesquisadora fala quando trata de socioeducação, esclarece-se que o termo está presente no Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA, apontado como a implementação das medidas socioeducativas no que se refere a menores infratores. Este trabalho, porém, se distancia desse direcionamento quando reconhece que a educação é ampla e compreende uma pluralidade de práticas educativas. Portanto, o termo pode ser entendido como serviços e ações desenvolvidos a partir da conexão entre demandas sociais, direitos humanos e práticas educativas com a intenção de promover o desenvolvimento e potencialidades de crianças e adolescentes.

Assim, a associação organiza seu trabalho embasada no conceito de programa, projeto e serviço, para o qual o serviço de convivência e fortalecimento de vínculo é o guarda-chuva e é permanente. Ele está referenciado pelo Sistema Único de Assistência Social — SUAS e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA. Os programas são, também, ações estruturadas, continuadas ao longo da vida da associação. Os projetos são os que sofrem a maior mudança porque eles têm início, meio e fim conforme cumprem seu objetivo ou até são modificados para atender necessidades.

Foram mais de 5.800 atendimentos a crianças e famílias, em 2016, com oficinas de música, de literatura, esporte e lazer, acesso à informática, escola de férias e assistência social, dentre outros, contabilizando mais de trinta mil desde a sua fundação.

A associação segue o Modelo de Excelência em Gestão — MEG e participa do Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade — PGQP, com prêmios conquistados nos

anos de 2010 e 2011. Recebeu o Prêmio Líderes e Vencedores (14ª edição) – 2008 da Assembleia Legislativa e Federasul.

Ao analisar o campo de pesquisa, percebe-se a preocupação da associação em garantir qualidade em seus processos de trabalho e uma reputação respeitável perante a comunidade. Para se sustentar financeiramente, precisa de resultados, que servirão de justificativas para manter os parceiros e os financiadores. Por esse motivo, o retorno das crianças, dos adolescentes e das famílias dos atendidos, por meio uma pesquisa de satisfação aplicadas anualmente, é significativo. Essa é realizada com as crianças, adolescentes e familiares.

Da mesma forma, os resultados da pesquisa, estão presentes no planejamento das práticas e atendimento das crianças e adolescentes. As ações descritas, visão criar oportunidades para que os sujeitos se tornem autônomos e capazes de fazer suas escolhas. Ainda, mostraram que a associação busca uma aproximação com a realidade e valorização dos acolhidos, ao projetar ações inclusivas.

Constata-se que existe um esforço, da associação, em delinear um plano de ação que atenda as necessidades detectadas na pesquisa e nos atendimentos diários. As vozes dos sujeitos trarão a percepção se essa preocupação se reflete na prática.

4 METODOLOGIA

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

(Paulo Freire, 1987, p. 39)

Ao longo do mestrado, o acadêmico busca caminhos para desenvolver sua investigação. Esse percurso é repleto de desconstruções e descobertas que direcionam rotas e redefinem objetivos. A procura por respostas para o problema de pesquisa exige que se organize uma sequência operacional coerente, em que as técnicas escolhidas estejam em consonância com método de trabalho. No decorrer do curso, encontram-se nas disciplinas, leituras, grupos de estudos e orientações peças-chave que mais tarde encaixam-se nos achados da empiria. Assim nasceu este estudo, construído à medida que a pesquisadora se fracionava e se reinventava. Por vezes, o afastamento do objeto foi difícil, em função de convívio anterior com ele. Era necessário que a investigadora se despisse de vivências anteriores com seu objeto de estudo, no caso desta pesquisa um convívio de treze anos de trabalho. Estabeleceu-se, assim, um olhar de expectativa, aguardando o que viria para, então, tentar entender a realidade da associação e captar informações relevantes ao estudo proposto. A cada imersão a campo, novas vivências e impressões foram mudando o olhar da pesquisadora sobre aquela realidade. Assim, o estudo foi ampliando as possibilidades de revelar o desconhecido.

Este capítulo inicia com a apresentação da metodologia da pesquisa e segue com a descrição de como ela foi aplicada. Define-se a pesquisa como de natureza qualitativa e de caráter exploratório, por estabelecer que a investigação estaria embasada na descrição, compreensão e exame de fatos que permitiram optar pelo uso da análise documental, pela roda de conversas, por entrevistas em profundidade semiestruturadas e pelo uso do diário de campo, procedimento fundamental da etnografia, método que apoia esta pesquisa.

A análise de informações das rodas de conversas, das entrevistas e ainda do diário de campo resultou em material de suporte para o estudo de caso, contemplando os objetivos específicos:

1. Perceber opiniões e sentimentos frente ao ambiente pesquisado e refletir sobre as práticas vividas por crianças e adolescentes;

2. Descrever as práticas da associação selecionada com o intuito de entendê-las;

3. Estudar em profundidade os diversos conceitos de educação e educação não-escolar e suas relações com a associação selecionada;

Seguem as opções metodológica que serviram para atender os objetivos:

Nas rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas, que proporcionaram conhecer as impressões dos sujeitos através de suas vozes e, o diário de campo contribui num caráter reflexivo sobre a leitura do cenário e acontecimentos.

Quanto a análise documental, a investigação dos documentos permitiu delinear as informações que seriam necessárias a este estudo, bem como, conhecer e esclarecer fatos importantes que foram confrontados com informações trazidas pelos sujeitos.

Os resultados obtidos com as informações captadas pelas opções metodológicas, levaram a compreensão das práticas educativas e como repercutem na vida dos sujeitos.

A análise dos documentos e das vozes dos sujeitos serviu como base fundamental para o conhecimento da realidade pesquisada. Por entender que as narrativas são acompanhadas de expressões, gestos e posturas corporais e que essas trazem significados, a pesquisadora inclui o diário de campo como uma ferramenta de apoio à memória e percepções do momento vivido. Assim, algumas questões ganham evidência no percurso metodológico da pesquisa, por serem captadas e interpretadas num contexto que estava além das palavras escritas ou faladas. As emoções, trocas de olhares, expressões e fatos estiveram presentes nas rodas de conversas, nas entrevistas e nos diálogos não programados que aconteceram nas chegadas, esperas e saídas que antecederam ou sucederam as ações programadas. O diário é elemento que compõe a etnografia como instrumento que acompanha o pesquisador em todo seu percurso dessa técnica, que tem como essencial a análise de comportamentos de grupos sociais através do convívio e da observação e cujo objetivo é compreender uma realidade relacionando acontecimentos e comportamentos. Gropp (2011, p. 119) esclarece a etnografia como um método de: “leitura e interpretação que efetua um recorte longitudinal sob a forma de imersão na realidade estudada, o que significa que para compreender a ‘visão do nativo’ temos que estar envolvidos nas suas práticas cotidianas.”

A investigação empírica, ou seja, o campo de observação da pesquisa, foi uma associação, (cujo nome foi preservado), o que caracterizou a aplicação da técnica metodológica estudo de caso na investigação, observação e análise dos processos de trabalho e estudo do impacto deles sobre as crianças e adolescentes atendidos e, consequentemente, na comunidade da zona norte.

Parece importante esclarecer que o planejamento inicial previa como procedimentos metodológicos apenas as rodas de conversa, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Mas, já no início das atividades de campo, ficou evidente a necessidade de um recurso para registro de aspectos não captados pelos procedimentos anteriores como: caracterização de pessoas, espaços, ações, conversas e observações, com intenção de registrar impressões e interpretações sobre os fatos, momentos e identidade do grupo pesquisado. Dessa forma, o diário de campo mostrou-se fundamental, ao lado da gravação dos áudios das entrevistas e rodas de conversa.

O embasamento nos fundamentos da etnografia e a aplicação do conjunto de técnicas apontadas permitiram um mergulho na realidade da associação, auxiliando a análise do contexto e dos processos como meio de perceber de que forma o grupo vivencia fatos importantes e dicotômicos, além de ser uma estratégia para extrair informações e aprendizagens coletivas.

No que diz respeito ao estudo de caso, Duarte (2009, p. 233) afirma que:

> A análise mais aprofundada do método estudo de caso revela, além da riqueza de possibilidades de pesquisa, um traço distinto inerente à sua aplicação que é a capacidade de compartilhar conhecimentos. Visando à descoberta, o pesquisador trabalha com o pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas que está sempre em construção e por isso faz parte da sua função indagar e buscar novas respostas ao longo da investigação.

Definir uma associação que fosse um campo rico e, ao mesmo tempo, estivesse aberta a essa experiência não foi tarefa fácil. Por compreender que precisaria ter sensibilidade para entender seu cotidiano e suas escolhas além de imergir na realidade da associação, seria fundamental contar com uma postura aberta a descobertas, análises e inovações. A proposta desta dissertação era estudar e compreender como as práticas de uma associação poderiam impactar na vida de crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A partir disso, tiveram início os contatos diretos com a coordenação pedagógica e com a gerência administrativa.

Iniciou-se, nessa etapa, a análise de documentos como Estatuto Social, Plano de Ação da organização, Plano de Ação Serviço Social, Projeto Colegiado Adolescentes, Projeto

Encontros de Convivência, Relatório de Atividades Conselho Municipal de Assistência Social — CMAS, Relatório de Gestão Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade — PGQP, Resultados de Pesquisas com Pais e Crianças/Adolescentes, Tipificação do Sistema Único da Assistência Social — SUAS (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009), reportagens de jornais locais e Ata de fundação. Alguns foram enviados por e-mail, outros foram fotocopiados. A postura da pesquisadora frente aos documentos foi de descoberta, afastando-se do que julgava ser uma verdade inicial, para poder, efetivamente, encontrar, entender e aprender sobre a realidade vivida pela associação.

Compreender a associação, seus atores, seus conhecimentos, práticas e resultados foi enriquecedor para este estudo como processo de aprendizagem, ampliando olhares e criando possibilidades. A metodologia escolhida permitiu perceber as tramas feitas entre realidade, práticas e resultados, o que pareceu essencial para legitimar a construção dos conhecimentos e contemplar os objetivos deste estudo. Nos momentos de questionamento à associação, suas escolhas e opções, o exercício de entender o contexto foi fundamental. Alguns fatos naturalizados pelos atores causaram surpresa, num primeiro momento, levando a uma compreensão posterior, movimento que somente foi possível pelo conjunto das etapas que compuseram a metodologia associada à imersão no campo.

Embora os documentos tenham sido escritos para atender a demanda de determinado período e com objetivos específicos, mostrou-se importante captar pretensões, dificuldades e inspirações, na tentativa de vislumbrar a realidade vivida em diferentes épocas. Isso levou à percepção de que as inúmeras tentativas de cumprir seu propósito de acolher, zelar pelos direitos e gerar oportunidades com ações promovidas visando ao desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e de habilidades das crianças e adolescentes, a associação foi se adaptando e remodelando, de forma a acompanhar o ritmo de mudanças e o surgimento de novas demandas da comunidade atendida. Dessa forma, os documentos serviram desde a base desta pesquisa até o direcionamento de muitas questões, discutidas ao longo deste estudo.

Segundo Moreira (2009, p. 276), a análise documental "[...] é uma forma de investigação que consiste em um conjunto de operações intelectuais que tem como objetivo descrever e representar os documentos de maneira unificada e sistemática para facilitar a sua recuperação."

Pesquisar a partir dos documentos permitiu uma leitura dos acontecimentos proporcionando informações para o entendimento de fatos e ações ali expostos. Ainda, ter embasamento para relacionar questões trazidas mais tarde nas rodas de conversas, entrevistas e diário de campo.

Os documentos permitiram um panorama da realidade pesquisada: temporalizaram acontecimentos, deram dimensão das práticas ocorridas e das que continuam ocorrendo e o perfil do público atendido, como medem os resultados de suas ações e o que planejam para atingir seus objetivos de atendimento ao público beneficiado. O exercício de analisar os documentos, entender a organização, as práticas desenvolvidas, a comunidade periférica situada na zona norte de Caxias do Sul, os riscos de vulnerabilidade social, o alto índice de violência, o público atendido e o contexto social são uma costura que engrandece a pesquisa na perspectiva de trazer resultados para além do que está registrado nesses documentos, por meio da visão dos sujeitos. Esses aspectos são um importante ponto de partida por mapear não somente a associação, mas também a localidade, mostrando um bairro com suas fraquezas como a falta de espaços de lazer adequados, livre da venda de drogas, da violência e da prostituição que impactam no trabalho diário; ou ainda, as dificuldades enfrentadas pelas famílias para o acesso a serviços públicos que atendem as necessidades de educação, saúde e em algumas situações até saneamento básico. Registre-se, ainda, problemas como falta de oportunidades de emprego e qualificação, bem como dificuldades para manter famílias numerosas, dentre outros oriundos da vulnerabilidade social vivida.

A análise documental está inserida nesta pesquisa como importante fonte de captação de informação que trouxe a visão de um grupo de pessoas que acompanham há mais de vinte anos o desenvolvimento e as fraquezas de uma comunidade. Os documentos relatam muito mais do que a história dessa organização. Mostram fraquezas, evoluções, desgastes, problemas, conquistas e, o mais importante, a possibilidade de um futuro diferente.

> [...] muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue desta maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos. (MOREIRA, 2009, p. 276).

A análise dos documentos, associada à primeira entrevista com a coordenadora pedagógica e com a gerente administrativa, permitiu, além da compreensão e aproximação da realidade, definir os personagens que seriam fundamentais para a pesquisa. Como o interesse desse estudo era a análise das práticas da organização, era preciso entendê-las, com auxílio dos educadores sociais e dos atendidos, no caso crianças e adolescentes. A estruturação de um roteiro das ações, nessa etapa da pesquisa, serviu como baliza da imersão no campo.

Obter informações relevantes nas rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas requer a presença de um mediador, o que, por sua vez, pressupõe um roteiro prévio construído com clareza dos temas, conceitos e objetivos, e que permite conduzir os grupos ou pessoas,

conforme a necessidade, para obter dados necessários na construção da pesquisa por meio das falas, silêncios, olhares, posicionamentos e outros sinais. Cada momento dos encontros foi tratado de forma bem específica, respeitando os participantes e levando em consideração as limitações da técnica para poder extrair o máximo de resultados para a pesquisa.

Com intenção de não comprometer o trabalho, nas entrevistas e rodas de conversas a opção foi gravar apenas o áudio, a partir de autorização prévia dos participantes. O primeiro passo foi esclarecer o funcionamento da técnica, assegurando o direito ao sigilo do nome, instigando o debate com foco nos temas propostos, intercedendo quando necessário para que não houvesse constrangimentos ou exaltações, mas buscando um clima agradável para que todos se sentissem à vontade em contribuir com informações. O roteiro, que continha questões-chave, serviu como instrumento condutor. Isso permitiu que nos encontros emergissem tópicos importantes para a pesquisa.

As entrevistas foram previamente agendadas com todos os envolvidos, sendo que com a coordenadora pedagógica e com a gerente administrativa ocorreram concomitantemente, na sede da própria associação, numa sala de reuniões, com duração aproximada de setenta minutos. Não demorou para o roteiro ficar em segundo plano, pois surgiram apontamentos de uma realidade até então desconhecida da pesquisadora e que demostravam o conhecimento de não mais do que um recorte no que dizia respeito à associação. As falas estavam encharcadas de conhecimento, vivência e afetividade, um momento que desembaçou a visão sobre como é a vida das crianças e adolescentes, suas famílias, seus problemas, a realidade da associação e como certos comportamentos estão no público atendido. A gerente administrativa integrou-se à conversa antes do final da primeira entrevista.

O terceiro personagem entrevistado foi um membro da diretoria e que está há bastante tempo fazendo parte da história da organização. Essa entrevista ocorreu na Universidade onde ele trabalha, e teve duração de aproximadamente 50 minutos.

Em todas as experiências foi lembrado o objetivo da pesquisa, exposto no início do estudo, e apresentados os caminhos previstos. A gravação e as entrevistas tomaram por base o posicionamento de May (2004, p. 145) quando diz que: “As entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas.” Buscando peças importantes que poderiam ser trazidas ou interpretadas naquele momento, todas as declarações e sinais foram objeto de atenção. A opção pela entrevista semiestruturada foi importante e oportuna, pois, apesar do roteiro, permitiu acrescentar ou modificar questões. Assim, foi possível ratificar May (2004, p. 148) quando afirma que essa ferramenta permite “mais espaço para *sondar* além das respostas e, assim, estabelecer um

diálogo com o entrevistado.” Nesse aspecto particular, a pesquisadora buscou mantê-los à vontade, não dando ênfase à gravação para que falassem livremente sobre assuntos que iam surgindo como desdobramentos da pergunta inicial. O exercício de relacionar as falas, para esclarecer informações que pudessem soar diferentes das conversas anteriores ou do que foi conhecido por meio dos documentos, também revelou-se importante e oportuno.

A roda de conversas foi pensada com o propósito de gerar um debate a partir de suas experiências e percepções, com a intenção de aproximar a pesquisadora da realidade do grupo para captar aspectos importantes em suas atitudes e reações a fatos e eventos cotidianos. Por perceber que a vida familiar, a social e a escolar andam juntas e uma ecoa na outra, pode-se entender que o trabalho da associação é pensado a partir das demandas trazidas por estes adolescentes. Para compreender se as práticas da associação geram algum impacto na vida desses adolescentes, é preciso ouvi-los e entender um pouco de sua realidade, percepções, hábitos e visões.

Foram realizadas quatro rodas de conversas sendo duas com sete educadores sociais, duas assistentes sociais e a coordenadora pedagógica e mais duas com alunos de idade de 11 a 15 anos de duas turmas diferentes, com aproximadamente vinte alunos em cada uma delas. O tempo previsto para cada encontro era de quarenta minuto, levando em conta um tempo de mais quinze minutos ao final da sessão para que cada um pudesse se manifestar quanto a suas impressões sobre o momento. Os participantes foram convidados com antecedência mínima de quinze dias, devidamente esclarecidos sobre o tema e objetivos da pesquisa. Pensando na praticidade para os participantes, os grupos foram realizados na sede da associação. Foi solicitada uma sala mais afastada de interferências para que os participantes se sentissem confortáveis em trazer suas contribuições. Na abertura dos trabalhos foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e a importância das contribuições dos grupos para o estudo. Nesse mesmo momento, foi solicitada a autorização escrita de todos para a gravação, destacando que esse material serviu para facilitar a análise das informações para a construção dos dados empíricos que trariam respostas ao objeto da pesquisa e que essas contribuições não seriam divulgadas individualmente. Importante esclarecer que assim que foram agendadas as rodas de conversas com alunos e educadores sociais, teve início a organização dos materiais.

Antes mesmo de começar a imersão no campo, já se imaginava a necessidade de registrar impressões, acontecimentos e aspectos dos cenários que não estariam explicitados nos áudios. Assim, iniciaram-se as anotações que comporiam o diário de campo, com a intenção de agregar valor às falas e dar relevância às interpretações. Como esclarece Bodgan, essa ferramenta é a “[...] descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e

conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem." (BOGDAN, 1994, p. 150).

"Na primeira turma, eram vinte adolescentes e todo o trabalho com eles durou aproximadamente cinquenta minutos. Quando cheguei na associação no início da tarde, fui direcionada à sala para iniciar a roda de conversas. A coordenadora pedagógica e eu andamos pelos corredores conversando em meio aos murmurinhos das crianças e adolescentes que estavam nos espaços de atividades. Ao chegar na turma visualizei um espaço pequeno tomado por cadeiras com braços as quais não estavam alinhadas, mas dispostas aleatoriamente. Os adolescentes sentados à vontade conversando em tom baixo. Quando entrei na sala continuaram como se não tivessem percebido minha presença, então a professora me apresentou e passou a palavra. Sentei próxima a eles e iniciamos conversando sobre o que eu estava fazendo ali. Mostravam-se tímidos e não imaginei que fossem soltar-se rapidamente, à medida que o assuntou pareceu interessante a eles.

Expliquei o que eu estava fazendo ali, que precisava deles e perguntei se concordavam em participar da pesquisa. Após o consentimento de todos, convidei-os a sentarem em círculo, para que pudéssemos nos enxergar melhor enquanto conversássemos. Pediram instruções e a única que receberam foi: quero que fiquem à vontade! Percebi uma certa dificuldade em se organizarem sem instruções mais especificas. Então em meio ao barulho das cadeiras e em meio as conversas sobre como deveriam proceder, concluíram.

Era uma tarde quente e precisávamos ficar com as janelas abertas... o barulho da rua, do cortador de grama, do ventilador, as crianças no parque, os murmurinhos dos alunos e a timidez foram dificultadores de nossa conversa. Mas tentei deixá-los à vontade e fazer com que percebessem que sua participação seria importante. Assim, foram soltando-se. A professora permaneceu na sala a maior parte do tempo, não interferiu nas abordagens e seguiu organizando seus materiais." (Diário de campo, 25/08/2017).

Ao apresentar as rodas de conversas, faz-se necessário esclarecer que a pesquisadora busca apoio nos Círculos de Cultura de Freire (1967, p. 149) que justifica como sendo de "[...] sentido dinâmico, a força criadora do diálogo, o aclaramento das consciências.", defendendo o espaço para reflexão e diálogo entre os pares, num movimento de troca e aprendizagem. Desta forma a pesquisadora buscou oportunizar aos adolescentes momentos de escuta e discussão para que tivessem espaço para fazer reverberar suas opiniões e revelassem informações importantes a este estudo.

"Me senti muito confortável ao chegar na organização com a intenção de entender a realidade das pessoas envolvidas – sejam colaboradoras ou beneficiárias – e as práticas da organização por suas vozes, respeitando suas limitações e vontades.

Sentados em círculo, iniciamos nosso diálogo. Por vezes, alguns pareciam não levar a sério, com ironias, o que foi amenizando com o tempo, mas a maioria parecia tímida. Segui conversando e afirmando que eu só estava ali para entender o que pensavam e que estava dando uma oportunidade de serem ouvidos e de exporem suas opiniões. Com o andar da conversa foram se mostrando mais à vontade e receptivos. A intenção era possibilitar um debate sobre a escola, a família, a associação o que eles imaginam no futuro, o que permitiu extrair suas impressões sobre como se sentem em relação à associação e como as práticas dela contribuem para seu bem-estar não somente enquanto estão na associação, mas para suas vidas. A medida que foram se manifestando, tentei facilitar para que houvesse uma reflexão sobre as ideias e pontos de vista ali manifestados. Procurei ajuda-los a conectar suas opiniões, impressões e relatos para que formulassem suas conclusões.

Conversamos por cerca de trinta minutos e depois distribui algumas fichas para que anotassem qualquer coisa sobre o que havíamos conversado, algo que gostavam na associação, na família, na escola ou algo que gostariam de ter falado e não tiveram oportunidade ou lembraram depois. Mas novamente demonstraram necessidade de instruções mais precisas e solicitaram que eu delimitasse sobre o que escreveriam. Então propus combinarmos em conjunto até definirem que seria sobre as atividades e ações da rotina da associação das quais gostavam. Minha intenção era reunir informações, perceber como eles se sentem em relação ao trabalho realizado pela associação e perceber as diferentes visões ou até como são influenciados. Nesse momento, eles não pareciam preocupados em estabelecer consenso em suas respostas. Assim, as opiniões convergiram e divergiram o que me permitiu analisar como eram a participação, a troca de experiências, as conversas e discussões. Durante todo o processo da roda de conversas, não se mostraram agressivos ou constrangidos e como deixei fluir, outras coisas foram ditas além do estabelecido, como, por exemplo, o que gostam ou não, como acontece determinada ação, como se sentem nos diferentes ambientes da escola e da associação. Neste momento, fiquei escrevendo e observando, e, conforme eu parecia concentrada no que estava fazendo, eles falavam aleatoriamente e bem à vontade. Construiu-se um espaço dialógico de diferentes vozes que deu sentido à ferramenta quando eles se posicionaram de forma autônoma, criando vozes." (Diário de campo, 25/08/2017).

As rodas de conversas da pesquisadora seguiram orientação dos Círculos de Cultura de Freire (1967, p. 110) que nos apresenta como sendo:

> Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente "doadoras", o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos "pontos" e de programas alienados, programação compacta, "reduzida" e "codificada" em unidades de aprendizado.

Embora estas iniciativas, as Rodas de Conversa e os Círculos de Cultura, tenham intencionalidades políticas e educativas diferentes, busca-se a aproximação na relevância de uma ação educativa dialógica, como meio de aprendizagem mutua, o respeito as diferentes intervenções e, principalmente, pretende-se aproximar o discurso e a prática. Com esse propósito, a pesquisadora, juntamente com os adolescentes, monta um painel da turma e fazem o fechamento da atividade: conversando sobre suas impressões e análises direcionando-os a refletir sobre questões que estavam ligadas as suas vivências educativas e provocando-os a pensar em que espaços contribuem com suas aprendizagens e quais oportunidades de opinar e criticar nos diferentes espaços que frequentam.

Após a primeira experiência, a professora sugeriu fazer a mesma atividade na turma da manhã, por acreditar que teriam uma participação diferente. Assim, após o intervalo do final de semana repeti a roda de conversas com dezenove novos atores, adolescentes de idade entre onze e treze anos. Ficamos em uma sala maior, mais arejada e silenciosa. A temperatura estava agradável, e os adolescentes não estavam tão agitados como na primeira experiência, mas curiosos a ponto de me fazerem perguntas. Quando iniciei nossa conversa, eles tinham muitas dúvidas do que eu estava fazendo ali. Passei, então, a responder as suas perguntas: de quem eu era, o que e para que eu estudava e o que estava fazendo ali. Passaram-se quarenta e cinco minutos rapidamente na companhia deles. Nem vimos passar o tempo. Quando pareciam satisfeitos fui introduzindo questões relacionadas ao seu cotidiano na associação, e às relações com a escola e família e as falas foram fluindo. Mostraram-se valorizados em envolver-se, correndo uma conversa descontraída em que todos estavam querendo contribuir. A professora novamente permaneceu na turma, ocupando-se com outras atividades. Como anteriormente, fez uma breve apresentação minha. Em seguida, avisou que permaneceria na sala, mas que não estaria participando da atividade. Não creio que sua presença tenha inibido a participação deles. Apresentaram-se à vontade assim como na primeira turma. Nessa turma, segui os mesmos passos da primeira, onde solicitei que sentassem em círculo, me juntei a eles e iniciamos nossa conversa. Busquei ser fiel ao roteiro que segui na primeira turma:

apresentação, proposta, orientações e finalização, embora tenha respeitado as características dessa turma, as informações foram as mesmas.

Finalizados os grupos com os alunos, com gravações feitas e anotações nesse diário de campo, era chegado o momento das transcrições, o que permitiu reviver todos os momentos e trazer novas contribuições às anotações da empiria. (Diário de campo, 28/08/2017).

Ao iniciar os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa, as intenções estavam direcionadas à análise das práticas cotidianas; com as conversas com os adolescentes e as vivências que foram acontecendo ao longo do trabalho, as rodas de conversas tiveram seu interesse ampliado, pois ao perceber o valor de informações e as possibilidades que estavam surgindo em decorrência da riqueza das informações, a pesquisadora seguiu dando espaço maior aos sujeitos que, por vezes, direcionaram os rumos destas imersões na busca de enriquecer e atender com maior plenitude os objetivos deste estudo. Assim, do primeiro para o segundo grupo de adolescentes, a pesquisadora estava mais segura e com base para observar e questionar aspectos mais próximos da realidade.

A próxima etapa seria, então, as rodas com equipe educativa e assistentes sociais. A idade dos integrantes deste grupo ficaria entre 25 a 55 anos, sendo que alguns possuem formação na área de atuação e outros ainda estudantes universitários. No primeiro grupo estavam presentes sete educadores sociais, duas assistentes sociais e a coordenadora pedagógica.

"*Iniciamos com minha apresentação e em seguida falei brevemente sobre meu objeto de pesquisa e como iria funcionar a roda de conversas. Solicitei assinarem a autorização para gravar o áudio e expliquei por que seria importante, assim como havia feito com os dois grupos de alunos. Iniciamos nossa conversa com os participantes apreensivos, falando pouco. Então, busquei entender o que acontecia, antes de prosseguir com meu objetivo. Por isso, senti necessidade de repetir a ação com esses profissionais em outra data. O grupo mostrava-se cético quanto à proposta e conforme conversava com eles, foram fluindo algumas questões que considerei importantes para a compreensão do funcionamento da equipe e da associação. Identificar, a partir de suas falas, gestos, olhares e posicionamentos que a demanda atendida gera ações e que essas somente vêm a se concretizar com o envolvimento de diferentes personagens, e como tudo isso impacta na prática destes educadores sociais e no cotidiano dos beneficiados, foi importante para minha postura na segunda roda de conversas. Foi possível perceber, também, que o que é planejado, resulta em boa prática. Os resultados esperados e os realmente alcançados também estavam presentes nesse momento, mesmo que de forma muito discreta.*

Precisei respeitar a percepção que eles têm das pessoas que vêm de fora – voluntários, visitantes, pesquisadores, apoiadores – para poder definir algumas coisas no formato de interação com eles no próximo encontro. Aqui ressurgiu um eco de outras associações que visitara. Embora reconheçam a importância do engajamento de outras pessoas na organização, também veem esse engajamento como um dificultador dos processos, pois não têm tempo disponível para dedicar a atender estas pessoas, na medida em que precisam abrir mão de outras tarefas e atendimentos. O retorno que eles dão à associação muitas vezes não atende às expectativas e necessidades. Assim, segui o grupo com o objetivo de entender o que acontece e o que pensam sobre seu público, seu papel, as ações da associação e, principalmente, a relação com a comunidade em geral." (Diário de campo, 30/08/2017).

A partir do que nos instrui Freire (2000, p. 31): "Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." Assim, reconhecendo o importante papel da Educação na conscientização do ser humano de seu potencial transformador e levando em conta as inúmeras situações que afetam o público atendido, apresentei o vídeo intitulado "A Ilha", que mostra um jovem em uma cidade grande com todas as suas características de prédios altos, trânsito agitado, pessoas apressadas e dependência da tecnologia. Neste cenário, o filme mostra como uma pessoa é solitária em meio a tanta gente e agito. A partir daí, falamos do quanto estamos centrados em nossas vidas e disponíveis à vida do outro. Fomos direcionando nossa conversa até chegarmos nas dificuldades enfrentadas pelos adolescentes nos dias atuais, como é a visão deles de mundo e em relação aos seus pares.

Na segunda roda de conversas com o mesmo grupo — educadores sociais, pedagoga e assistentes sociais — busquei direcionar o diálogo para a realidade do público atendido, para a realidade das práticas da organização e como percebem os resultados, foco principal deste estudo.

Neste momento, percebi-os muito mais à vontade. Então, dividi-os em três grupos de três a quatro pessoas, defini o tempo de quinze minutos e sugeri um tema para que cada grupo analisasse e expusesse sua percepção sobre: 1. Principais desafios enfrentados no trabalho da associação; 2. Ações das quais mais percebem os efeitos; 3. Resultados esperados e alcançados. Eles debateram e por vezes conversavam comigo e com outros grupos num momento bem descontraído. Passado o tempo, solicitei que falassem sobre o que havia conflitos no grupo. Ficaram à vontade, sem rodeios ou constrangimento, em repensar suas práticas, posturas e propósitos. A conversa foi fluindo e, por vezes, se misturavam as falas entre os grupos, acrescentando e pontuando fatos, o que nos permitiu reavaliar os acontecimentos.

Busquei explora-los ao máximo com intuito de obter informações, gerar discussões e relatos que trouxessem riqueza de informação para a construção deste estudo.

Para fazermos o fechamento desta roda de conversas, optei por mais um vídeo que mostrava pessoas caminhando cabisbaixas e sem emoção, com imagens em preto e branco. Em meio a todos, surge um jovem colorido caminhando animado que pensa como poderia mudar o que estava tudo igual e sem cor e assim encontrar uma forma de colorir o mundo: olha para cada um que passa e fala uma cor. Faz o mesmo com os prédios, os objetos e animais. No outro dia, quando acorda, tudo está novamente em preto e branco e o jovem precisa iniciar o trabalho novamente. A partir desse recorte do vídeo, falamos de como é importante o papel dos profissionais da associação na vida das crianças e adolescentes, num ambiente de muita troca e aprendizagens e que este era um trabalho que muitas vezes tinha um recomeço com alguns beneficiados, que era desgastante, e que exigia perseverança por parte do grupo, muitas vezes uns apoiando os outros. Exerci papel de mediadora à medida que os participantes dialogavam com autonomia embasada nos documentos, que me deram mais segurança e direcionamento." (Diário de campo, 04/10/2017).

A imersão no campo permitia deduzir que os integrantes da equipe estavam sempre muito atarefados. As solicitações de informações precisaram aguardar a oportunidade de atendimento, pois todos atendem a um volume significativo de responsabilidades além do atendimento imediato às crianças e adolescentes.

Algumas lacunas de dados levaram à opção por entrevistas escritas, remetidas por e-mail, depois da aprovação do entrevistado.

A cada imersão no campo, novas anotações, impressões e interpretações. Assim, a pesquisa foi seguindo seu rumo, em busca de descobertas e conhecimento de uma realidade até então desconhecida. As anotações foram feitas desde o caminho percorrido para chegar na associação, com aspectos importantes observados até a zona norte, como as conversas realizadas com as pessoas.

O cruzamento de técnicas metodológicas diversas permitiu perceber, entender e registrar o confronto de elementos presente na cena investigada, além de levar à compreensão de processos administrativos e à interação com os beneficiários desse processo, seguindo os apontamentos de Bogdan, que apresenta aspectos importantes de contemplar no diário de campo: "[...] uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem." (BOGDAN, 1994, p. 150).

As entrevistas, rodas de conversas e momentos de espera e conversas informais foram grande fonte de anotações. Segundo Bogdan (1994, p. 150), que afirma que:

> As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tomar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados.

Os instrumentos que compõem a metodologia e dão sustentação ao método escolhido, no caso desse estudo trouxeram uma visão individual de alguns sujeitos considerados importantes para contribuírem com as vozes das rodas de conversas. Nesse processo, o diário de campo mostrou-se fundamental, trazendo as impressões e leituras externas às contribuições dos personagens expressas na comunicação oral. A possibilidade de visualizar o cenário, as mensagens corporais e captar situações que o momento trazia e que poderiam de alguma forma influenciar nas respostas ou interpretações da pesquisadora enriqueceram as vozes dos sujeitos. Essas anotações serviram para decifrar, examinar e analisar a realidade pesquisada não limitando o estudo a impressões e percepções de terceiros, mas possibilitando uma imersão rica, onde cada instrumento complementava ou confrontava aspectos apresentados, possibilitando buscar confirmações em outras fontes relacionadas. Bodgan (1994, p. 152), define que:

> [...] as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo - a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações.

Uma reflexão permitida a partir das vozes dos sujeitos, aponta para a percepção da associação, que deixa clara a intensão que tem em transformar modelos e costumes adquiridos na família e comunidade. Esse julgamento moral, pode interferir na possibilidade de valorizar o "saber de experiência feito" (FREIRE, 1996, p. 17), distanciando os educadores sociais da realidade vivida por crianças e adolescentes e, ainda, indo na contramão de uma Educação Libertadora. Bem como, ficou evidente, a preocupação com a segurança nos momentos que os sujeitos não estão sobre a guarda da associação e, da mesma forma, com os egressos.

Dessa forma, seria coerente analisar os achados da pesquisa fazendo a costura entre as anotações do diário e os demais procedimentos escolhidos. A complexidade do estudo, as dificuldades encontradas e os achados da pesquisa acompanharam todo o percurso da investigação. As importantes revelações que aconteceram conforme as peças se encaixavam foram estruturando hipóteses e por vezes desestruturando suspeitas, trazendo novas

possibilidades e criando caminhos não programados inicialmente, como elucida a análise que se segue.

5 ACHADOS DA PESQUISA

Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de "coisas". Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros.

(Paulo Freire, 1987, p. 30)

As impressões de anos de convivência e as leituras podem não ser suficientes para mostrar a realidade. Uma imersão no campo, na observação direta e atenciosa do objeto de pesquisa, pode levar o sujeito à compreensão de seu lugar de pesquisador, buscando respostas a questões que, de outra posição, sequer chegou a postular. Estruturar o presente capítulo exigiu da pesquisadora o exercício da empatia, a costura de teoria e experiência. Entender um modo de vida diverso, com situações que inúmeras vezes se revelam surpreendentes. Neste momento cabe uma provocação por meio das palavras de Brandão (2003, p. 20) quando se posiciona afirmando que:

> Não há saber neutro, não há ciência neutra e não há pesquisa neutra. De perto e de longe, direta ou indiretamente, elas são emancipatórias e realizam a vocação da experiência humana ou conspiram contra ela. Em uma ou outra direção chegamos a um momento da história humana em que, mais do que nunca, o lugar da ciência e das tecnologias de ação social e de socialização da natureza são centrais e cruciais.

As marcas, registros e pensamentos estão explícitos nestas páginas, bem como nas escolhas de autores e do território. A postura assumida pela pesquisadora nesse trabalho de campo foi de respeito às conversas, às ações e aos posicionamentos dos sujeitos no sentido de entender a essência das respostas vindas dos atores, por compreender que elas serviriam de aprendizagem e base para reflexões futuras.

Assim, este capítulo apresenta os desdobramentos dos achados dessa pesquisa, que emergiram nas rodas de conversas com educadores sociais e alunos, nas entrevistas com colaboradores, na análise dos documentos e com base nos referenciais teóricos que deram suporte à pesquisa. Moraes e Galiazzi (2007, p. 11) deram suporte à escolha de interpretação e análise dos fatos quando afirmam que a análise textual discursiva: "Não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão,

reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados.” Assim, a reestruturação foi ocorrendo pela identificação e entendimento de fatos que emergiram das falas dos agentes, revelando as categorias que são apresentadas ainda nesta seção.

A primeira estratégia foi desmontar as narrativas para, somente então, montar um quebra-cabeça, no qual, encaixando-se, as peças trazem respostas acerca do objeto de pesquisa. Parece importante ressaltar que essa tessitura apontou novos direcionamentos, provocando reflexões que foram incorporadas à pesquisa.

Ao desagregar as falas das equipes administrativa (gerente e o vice-presidente da organização), da equipe educacional e da equipe do serviço social, iam sendo estabelecidos grupos que Moraes e Galiazzi chamam de categorias. Após identificar palavras-chave, esses textos foram reagrupados, até formarem categorias. No momento de estruturação da escrita, muitas das informações se entrelaçavam, o que resultou em três categorias: 1. A família, 2. A escola e 3. A associação. Essas surgiram de palavras marcantes nos discursos dos envolvidos. A reflexão a partir das falas registradas permitia escutar narrativas pontuadas pela personalidade, pelas experiências de vida e pelo aprendizado. O mesmo ocorreu em relação aos educadores sociais e à pedagoga, que traziam muito envolvimento e emoção ao falar das suas vivências com os alunos e como pensam suas ações cotidianas: *“o olhar, o carinho”*[12] e *“aquele serzinho que ‘tá’ ali”*[13], retratam o carinho e a preocupação com o ser humano que chega até a associação.

A gerente não esquecia do planejamento, das necessidades para atendê-lo, mostrava-se envolvida com a realidade dos alunos na associação e fora dela. O vice-presidente focava exigências, metas e resultados: “*passa por um exercício de casa: planejar, cuidar das pessoas, desenvolver processos, mensurar resultados, pensar as estratégias e monitorar as informações que nós temos. Então, não adianta você ter um doador pessoa física se você não fideliza.”*[14] Os adolescentes viam-se acolhidos e se demonstravam satisfeitos em ter um lugar atrativo, com pessoas que estão ali por eles em um ambiente seguro:

> *[...] foi iniciativa da aluna, nós temos um grupo no WhatsApp né, da turma da manhã e da turma da tarde, infelizmente nem todos estão, mas acho que a maioria né e toda noite a gente se diz boa noite. Toda noite a gente conversa, às vezes a gente conversa bastante quando tem mais tempo, mas o boa noite é fixo é toda noite a gente troca*

[12] As falas dos personagens capturadas através de entrevistas e rodas de conversas estarão entre aspas e itálico. Fala educador social na roda de conversa do dia 30/08/2017.
[13] Fala educador social na roda de conversa do dia 30/08/2017.
[14] Fala do vice-presidente na entrevista do dia 20/10/2017.

> *uma palavrinha, então esse convívio que nós temos aqui continua no final de semana.*[15]

A fala mostra a associação como algo que está além da educação formal, que figura como instrumento de socialização. Em alguns momentos como esse, os educadores sociais demonstraram que a preocupação com essa criança e adolescente está para além de atender um planejamento, mas entendem que precisam estabelecer vínculos de confiança.

À medida em que a imersão a campo ia transcorrendo, descortinava-se uma realidade singular, cuja originalidade trazia novidades ao estudo e direcionava o olhar da pesquisadora para outras questões: *"[...] a família 'tá' mais próxima a nós do que a escola."*[16] ou *"[...] tem família que até banho tomou aqui!"*[17], ou ainda, *"não reprodução de alguns comportamentos que vem da família, que vem da comunidade..."*[18]

A partir da imersão no campo, brotavam diferentes vertentes da realidade. *No trajeto iniciava minha experiência, como numa das vezes em que entrei num uber e o motorista me surpreendeu impressionado com o meu destino, fazendo um resumo das notícias do caderno policial, sendo que todas as ocorrências tinham relação com a zona norte da cidade. Já no início da conversa, que duraria aproximadamente vinte minutos, peguei meu caderno de campo e comecei a anotar minhas impressões. Neste momento, dei-me conta de que existia uma visão externa à zona norte e que parecia ser senso comum, que padronizava todos os moradores de uma forma pejorativa.* (Diário de Campo, 28/08/2017).

A imersão no campo apagou o olhar repassado não apenas pelo motorista, mas também por outras pessoas da comunidade. A partir do convívio, aquelas pessoas surgiram como seres humanos que interagiam de forma amigável e que estavam em busca de uma oportunidade, de acolhida e de simplesmente estar entre seus pares. Era um ambiente que traduzia a importância de valorizar aspectos que se encontram nas palavras de Freire (1995, p. 30), "[...] inquietar os educandos, desafiando-os para que percebam que o mundo dado é um mundo dando-se e que, por isso mesmo, poder ser mudado, transformado, reinventado."

Ao olhar para o objeto deste estudo que se propõe a estudar Práticas Educativas na Educação não-escolar e tendo eleito como campo de investigação uma organização social de Caxias do Sul, era importante buscar informações sobre como essas práticas ocorrem neste ambiente, por meio da análise dos documentos, das vozes dos personagens da associação –

---

[15] Fala da educadora social que cedeu as duas turmas para as rodas de conversas. Este registro foi realizado na roda de conversas com adolescentes no dia 25/08/2017.
[16] Fala da assistente social na roda de conversa do dia 30/08/2017.
[17] Fala da pedagoga em entrevista realizada em 18/01/2018.
[18] Fala da assistente social na roda de conversa de 04/10/2017.

alunos, educadores sociais, pedagoga, vice-presidente, assistente social. Buscar informações sobre como funcionavam outras organizações da zona norte, ajudou na confirmação de muitas das impressões obtidas, o que apontou a correção do caminho inicial traçado na pesquisa.

No decorrer do trabalho de campo, e com a análise dos registros, confirmava-se que as aprendizagens das crianças e adolescentes ocorriam de várias formas e que estas práticas sofrem influência de diversas direções. Num primeiro momento, a inferência parece simplista, mas um olhar mais atento mostra que a carga que cada uma dessas cenas traz é impressionantemente grande. Como orienta Moraes e Galiazzi (2007, p. 122): "O que se defende, portanto, é que a estrutura do metatexto seja organizada a partir das categorias e subcategorias construídas na análise."

No desenrolar desta pesquisa, que teve a intenção de analisar as práticas da associação: desde como são pensadas até a repercussão na vida das crianças e adolescentes, a pesquisadora se deu conta que a família e a escola interferem de forma significativa nos resultados do trabalho da associação. Isso fica explicito nos depoimentos dos educadores sociais quando relatam que precisam adaptar seu planejamento para atender uma dificuldade do aluno, na fala da pedagoga quando menciona que precisam chamar a família para resolver algum problema que existe em casa, ou da gerência quando aborda a preocupação com a reprovação e permanência dos adolescentes na escola. Assim, a divisão das três categorias pensadas, emergiu desta relação família, escola e associação. Essas, tão importantes, representam novas oportunidades na vida dessas crianças e adolescentes. Elas podem somar esforços para intensificar seus resultados, trabalhar de forma individual ou, ainda, promover mais demandas para as outras esferas, portanto, existem oportunidades em cada um desses cenários.

As descobertas feitas com a análise das categorias permitiram ponderar: a família na sua função de educar, dar afeto, zelar pela segurança e integridade, é onde tudo começa. Se não na família que tens, na que irás construir. Se não na escola, que seja na associação ou em outras oportunidades que a vida te ofereça. Assim, nesta pesquisa entende-se que a escola é local de aprendizagens, de interação e desenvolvimento de habilidades e atitudes de ética e cidadania. Ao reforçar as ações da família e da escola, a associação entende como sendo seu papel o desenvolvimento da criticidade, do respeito e da autonomia. Nas falas dos educadores sociais, pedagoga, gerente e assistentes sociais estava muito presente a "não reprodução" das negligências e violências vividas e até mesmo a preocupação com a naturalização de certos comportamentos.

Recomeçar tem sentido a partir das experiências divididas nas imersões no campo, que mostraram as relações familiares, escolares e comunitárias como impactantes no contexto da

associação: *"[...] a gente constrói nosso trabalho, só que a gente tem influência forte da família, e a gente tem influência forte da comunidade, e a gente vê isso nitidamente num feriadão, né? Eles saem de um jeito e voltam de outro."*[19] Aqui fica explícito como esses ambientes, além da escola, que aparecem em outros depoimentos, influenciam o comportamento das crianças e adolescentes que frequentam a associação, tanto quanto na aprendizagem formal. Essas categorias: A família, a escola e a associação, surgiram dessas relações vividas pelos sujeitos nos ambientes que frequentam e, consequentemente, deixam marcas na vida, influenciam as experiências e aprendizagens. Como sustenta Moraes e Galiazzi (2007, p. 123): "Descrever é apresentar diferentes elementos que emergem dos textos analisados e representados pelas diferentes categorias construídas."

Estas categorias serviram para, didaticamente, apresentar a análise da pesquisa e, assim, explicar como se deram as descobertas, confirmações e mesmo refutação de hipóteses e impressões.

5.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA DOS SUJEITOS

De certa forma, quando pensamos em família nos vêm à mente modelos pré-estabelecidos pelos veículos de comunicação e pela sociedade, com um pai, uma mãe, com certo número de filhos, numa casa que contemple certas características, com os responsáveis trabalhando e garantindo o sustento, a segurança e estudos dos descendentes. Mas na vida real nem sempre isso se dá dessa forma. Esse modelo cede lugar às dificuldades financeiras, de moradia, saneamento básico, violência, desemprego, saúde e falta de atendimento adequado às necessidades básicas do ser humano para a garantia de uma vida digna.

Dessa maneira, o cenário vai se desenhando na zona norte de Caxias do Sul, diante de muitas dificuldades e preconceito por uma parte da sociedade que se divide em julgar e generalizar a outra que apoia e busca auxiliar essa comunidade. Ir desvendando os enigmas do cotidiano com a intenção de compreender fatos, acontecimentos e escolhas exigiu um intenso exercício de empatia. Os documentos e as falas dos atores iam apresentando questões importantes para o entendimento do perfil da criança, do adolescente, da família e, principalmente, da realidade atendida pela associação.

A negligência de algumas famílias dá espaço para outras interferências, como pontuam os educadores sociais ao retratar seu público, o que reflete no desenvolvimento da criança e do

[19] Fala da pedagoga na roda de conversas do dia 04/10/2017.

adolescente bem como no andamento e resultados esperados das práticas da associação. Assim, expressam seu entendimento sobre o quanto a falta de diligência e de cuidados e muitas vezes até desleixo na efetivação do papel de responsável pelo menor está presente na realidade destas crianças e adolescentes:

> *[...] a falta de apoio de alguns pais em situações pontuais, o aumento da vulnerabilidade e o risco que reflete no comportamento das crianças e adolescentes... e a gente viu, os novos que a gente acabou inserindo o quando está mais acentuado do que com quem a gente já 'tá' trabalhando, que a gente já conhece e já sabe lidar de uma maneira diferente...* [20]

Os educadores sociais, a pedagoga e as assistentes sociais apresentam preocupação com algumas famílias que são omissas, que abrem mão de exercer seu papel deixando-o disponível para o tráfico e a violência ou delegando-o à escola e à associação. Esse temor está nas falas dos profissionais e mais tarde aparece em ações pensadas para estreitar relações e aproximar as famílias da associação e consequentemente dos filhos. Nessa fala da assistente social fica evidente a preocupação em encontrar diferentes formas de aproximação, seja ao convidar os pais para serem voluntários ou para eventos e reuniões, sempre demonstrando respeito, empatia e acolhimento. Preocupando-se em tornar a convivência das famílias com a associação uma experiência agradável:

> *E eu acho que tem uma coisa importante também, quando tu conversa com as famílias e quando a gente faz esse convite 'pros' pais virem colaborar, é tu dar um sentido" ou "quando você acolhe, quando você vai num espaço tu sente em casa, que tu vai lá com prazer, aonde são desenvolvidas atividades prazerosas...*[21]

Em certos momentos, pontuam que o comportamento de algumas crianças e adolescentes apresenta diferença após finais de semana e feriados, fazendo com que tenham que repensar seu planejamento de atividades ou até modificá-lo para atender essa demanda. Os profissionais entendem que as vivências e experiências proporcionadas por meio das práticas trarão alguns resultados positivos para a vida dessas crianças e adolescentes. Embora reconheçam que existe a necessidade de reforçar comportamentos positivos, acompanhar alguns casos de forma mais próxima e conquistar a confiança de todos para conseguir fazer as aproximações necessárias, entendem que a associação tem papel fundamental ao oferecer possibilidades diferentes das vividas fora dela. Os profissionais criam expectativas conforme seu público vai dando retorno, respeitando limites. De acordo com suas falas:

[20] Fala educador social, roda de conversas, 30/08/2017.
[21] Fala de assistente social na roda de conversas do dia 30/08/2017.

> *[...] a gente espera e a gente também tem algumas situações, é a não reprodução de alguns comportamentos que vem da família, que vem da comunidade, não posso dizer que está cem por cento. Não está. É um resultado que se espera a não reprodução, tá, da agressividade, de alguma negligência...*[22]

Somadas a isso, existem outras questões trazidas pelos educadores sociais como dificultadores dos processos. Na organização, os alunos acabam por apoiarem-se em pessoas com quem criam afinidade e passam a tê-las como referência. Assim, os profissionais acolhem e dão suporte, auxiliando-os a resolver as questões que trazem de fora como a fragilidade de valores, de respeito, os temores, as dificuldades, dentre outros aspectos. Importante destacar que algumas vezes questões que chegam até a associação e que geram preocupação são tratadas com naturalidade pelas crianças, adolescentes e suas famílias, conforme relatos obtidos nas rodas de conversas: *"A questão da fragilidade dos valores, a normalidade quando a gente conversa com as crianças e os adolescentes e as famílias, como pra eles é, muitas coisas, que pra nós é exorbitante, que a gente não aceita, pra eles é normal..."*.[23] Aqui, os educadores sociais, pedagoga e assistentes sociais falam com naturalidade que alguns desses adolescentes lidam com questões como violência, drogas e prostituição, como fica explicito na fala da pedagoga: *"A questão da prostituição... a gente uma família que, enfim, é um ciclo... Se foi sempre assim... é normal."*[24]

Este ponto sustenta a premissa da dificuldade de comunicação entre esses atores e a associação. Na maioria dos discursos, está presente a preocupação em não se opor à família, mas sim orientar as crianças e adolescentes respeitando suas origens, buscando promover sua independência e seu protagonismo. O exercício da escuta e da empatia é praticado pelos educadores sociais num movimento de poder acolher, confortar e direcionar para uma vida diferente daquela que esses adolescentes e crianças tiveram como modelo, na busca da não reprodução da violência, da negligência, do trabalho infantil, da falta de estrutura mínima para atender suas necessidades básicas. Da mesma forma que a associação precisa comunicar-se com essas crianças e adolescentes, esse exercício precisa ser estendido às famílias que também são acolhidas para falar da escola, do filho, dos problemas enfrentados, solicitar ajuda, participar de oficinas e palestras, pois é fundamental criar vínculo para que essa relação não afete de forma negativa o trabalho com os atendidos. Dentre todos os aspectos apontados nesta pesquisa, ainda se destaca o diálogo com as partes envolvidas:

---

[22] Fala de educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.
[23] Fala de educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.
[24] Fala da pedagoga em entrevista realizada em 18/01/2018.

> *Também outro desafio nosso é falar a mesma linguagem, porque cada um acredita em algo, né, e quando a gente fala num grupo a gente procura sempre discutir um assunto, sempre nesse espaço ou cada qual com um educador, e a gente procura sempre falar a mesma linguagem, mas a gente vê que em alguns momentos é difícil pra nós e muito mais para as crianças e para as famílias, a permanência da mesma linguagem de sinalizar. Embora tu acredite em outra coisa, nós temos o desafio de falar igual e de agir igual, porque é a nossa missão aqui nesse momento, né?*[25]

O esforço para manter sintonia, objetivos claros e a coerência entre os discursos e a prática parece fundamental para que a associação consiga mediar os diálogos com as crianças, os adolescentes e seus familiares.

Ao longo do trabalho, assumiu destaque uma questão que esta pesquisa não pode ignorar: o reassentamento. Em 2010, iniciou-se o processo de reassentamento de mais de 300 famílias do chamado Valão dos Braga, no bairro Fátima Baixo. Elas foram realocadas no Loteamento Victório Trez em casas, apartamentos e sobrados com coleta de lixo, condições sanitárias apropriadas, acesso à água tratada e energia elétrica. Para receber o benefício, tiveram acompanhamento da prefeitura municipal e parceria com a Universidade local por três anos. Levantamentos realizados à época apontaram resultados positivos.

Com o passar do tempo, algumas famílias mostraram-se ajustadas à nova realidade, outras nem tanto. Segundo relatos e levantamentos da organização, algumas famílias não se apresentam integradas ao local de moradia e apresentam dificuldade para manter a luz e água uma vez que têm acesso, mas não a condição de acessá-las. O mesmo aconteceu com os animais de estimação que não puderam acompanhar seus donos. As doações frequentes que recebiam na moradia anterior cessaram. Aumentou a dificuldade em relacionar-se com os vizinhos e o acesso a drogas ficou facilitado. Essas questões emergiram dos levantamentos realizados por meio de visitas e entrevistas com os beneficiados. A problemática da moradia está aparentemente solucionada, mas a dificuldade ao acesso à água e luz não. Existe uma série de vivências e experiências que estão no interior dessas famílias, fatos que não aparecem na superfície das relações. As observações no campo permitiram ver que as pessoas se mudaram e alguns problemas foram com a bagagem, da mesma forma que acompanham cada criança e adolescente no seu cotidiano escolar e na associação.

Perceber que esses profissionais, muitas vezes, são a família que alguns desses beneficiados gostariam ou precisariam ter foi motivador. Como eles mesmos falaram: *"não tenho cem por cento de resultado, mas estamos tentando acertar."*[26] Perceber que todo este

[25] Fala da pedagoga na roda de conversas do dia 04/10/2017.
[26] Fala de educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.

contexto impacta nas práticas e no andamento da associação foi revelador de quanto a tríade família – escola – associação está entrelaçada. Qual o legado que essas famílias vão deixar aos filhos? De que forma a associação consegue mediar essas impressões e vivências para que não se repitam? O que será mais marcante na vida desses seres humanos: o modelo ou as memórias da associação? Essas vivências estão presentes no cotidiano da associação que vai se moldando às necessidades de assistência da demanda, deixando em primeiro lugar os atendimentos às necessidades físicas e pessoais de cada criança e adolescente no momento da chegada, no cumprimento do planejamento de suas atividades do dia e no atendimento às famílias quando procuram a organização.

É necessário compreender suas realidades a partir de seu histórico, da percepção de suas experiências, suas dificuldades e limitações para entender os fatos que apontaram as pesquisas deste estudo. Entender que as famílias que saíram de uma realidade e foram reassentadas, talvez não estejam realmente adaptadas à nova forma de vida. Como fazer esta adaptação? Embora essa questão não configure uma ação proposta pela associação, entende-se que reflete nas práticas. Tinham uma forma de sustento que contava com doações ou aluguel de parte de seu casebre; do seu jeito, tinham água e luz, embora não tivessem condições de higiene, saneamento básico e segurança. Essas questões afetam as práticas da associação uma vez que as crianças e adolescentes precisam dela até para tomar banho. Aqui fica claro que ter acesso não garante a possibilidade de usar o serviço: "*Informações pontuais como a que algumas famílias não têm dinheiro para pagar as contas de água e luz, exemplos de como algumas famílias tratam seus filhos, de como lidam com alguns conceitos, das dificuldades enfrentadas e modos de vida são naturalizados, como em alguns casos são naturalizadas a prostituição e as drogas. Coisas que pareciam obvias aos que trabalham na organização. A dificuldade de aceitar uma realidade embaça nossa visão dos acontecimentos e o entendimento de que ter acesso não significa acessar. Essa é a realidade dessas crianças e adolescente que a associação quer mudar, mostrando novos caminhos com suas práticas, vivências e possibilidades."* (Diários de campo, 04/10/2017).

A associação busca criar possibilidades de auxiliar para que conheçam formas diferentes das que vivenciam nas experiências que não são positivas em algumas famílias e escolas. Assim, os educadores sociais buscam criar oportunidades de aprendizagens que desenvolvam habilidades, autonomia e criticidade. Conforme Freire (2002, p. 28):

> O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo seu esforço, de caráter humanista, centraliza-se no sentido da desmistificação do mundo,

> da desmistificação da realidade. Vê nos homens com *quem* trabalha – jamais sobre *quem* ou contra *quem* – pessoas e não "coisas", sujeitos e não objetos. E se na estrutura social concreta, objetiva, os homens são considerados simples objetos, sua opção inicial o impele para a tentativa de superação da estrutura, para que possa também operar-se a superação do estado de objeto em que se estão, para se tornarem sujeitos. (grifo do autor).

A aproximação de fatos da vida dessas crianças e adolescentes traz à pesquisa questões relevantes para o entendimento que os fatores vivenciados na casa das crianças e adolescentes refletem na escola e na associação. Em uma pesquisa, realizada anualmente pela assistente social da associação, de forma não identificada, com 75 crianças e adolescentes que se posicionaram: 70% esta muito satisfeito com o convívio familiar; 67% esta muito satisfeito com a acolhida; 63% muito satisfeito com as atividades e oficinas oferecidos; 55% muito satisfeito com a relação com os educadores sociais e oficineiros; 28% muito satisfeito com a relação com os colegas; 41% muito satisfeito com o espaço físico e; 82% insatisfeito com as visitas e passeios para conhecer a comunidade. Ao todo foram feitas 14 perguntas, foram selecionadas apenas as contribuíssem de forma mais relevantes para as análises deste estudo.

Embora os apontamentos sejam de dificuldades com algumas famílias, no cumprimento de seu papel educativo, social e de zelo, nota-se que as crianças e adolescente não apontam insegurança ou frustrações em respeito ao ambiente familiar. Já no convívio com educadores e colegas as relações parecem ser mais complexas apresentando mais dificuldades ou desconfortos. Ou ainda, será que existe uma certa adaptação no convívio, além dos laços afetivos serem mais fortes. Quanto a aproximação com a comunidade, por parte da associação que parece não proporcionar visitas de aproximação com os espaços da comunidade local, embora seja manifestada a vontade das crianças e adolescentes através da pesquisa.

Como lidar com essas experiências no cotidiano é realmente importante para a aprendizagem das crianças e adolescentes. Por vezes, o exercício da empatia era pautado por um processo de alienação que se chocava com a realidade para somente assim conseguir aproximar-se do campo. Segundo relatos dos educadores sociais, o que se espera é que não reproduzam comportamentos e que consigam enxergar possibilidades diferentes da vida que levaram, propósito a que dizem atender apenas parcialmente, em decorrência do peso da influência família.

5.2 AS REPERCUSSÕES DA ESCOLA NA VIDA DOS SUJEITOS

A modernidade, o avanço do mercado e a globalização determinam alguns formatos de vida e com isso trazem muitas diretrizes sobre os caminhos que se deve seguir. Muitos desses caminhos estão focados no que é preciso para ser feliz; no trajeto que precisa ser percorrido para que se tenha acesso ao que é pré-estabelecido como ideal de vida. A corrida contra o tempo, as demandas determinadas, os objetivos que muitas vezes não são dos sujeitos, mas impostos como condição para a inserção social configuram a realidade vivida pela sociedade atual.

Nesta visão, são determinadas formas de vida, necessidades de mercado e de aprendizagem o que acarreta um modelo de escola e educação para atender o mercado que para Freire (1995, p. 30) "[...] procura acomodar, adaptar os educandos ao mundo dado". De modo geral, as escolas justificam que ficam "engessadas" e mal conseguem dar conta das burocracias e exigências. Frente a esse pretexto muitos educadores não se atualizam e se utilizam da repetição, do desânimo e da falta de criatividade em suas aulas. Esse panorama foi exposto nas falas dos profissionais, crianças e adolescentes da associação. Juntamente com isso, estabelece-se desordem entre o que é papel da família e o que é papel da escola: *"Então, a sociedade 'tá' bastante confusa em relação a este espaço, porque num momento se delegava à escola aquilo que era propriedade da família, 'né'?!"*[27].

Em outros momentos, os educadores sociais ratificam com exemplos de vivências próximas: *"Que nem na escola, a gente vê muito como os professores ali estão preocupados com aquela metodologia, com aquele conteúdo que eles têm que passar..."*[28]

Em alguns momentos, parecem analisar a escola e usar essas respostas como ponto de partida para um fazer diferente. Buscam planejar suas ações em conjunto e apoiarem-se na resolução de problemas: *"Porque quando tu olha o formato da escola, quando tu vê tantos problemas, e a gente olha aqui do lado da escola, onde nós temos cinquenta por cento das nossas crianças, 'ahn'... Coitados daqueles professores que têm que dar conta de tudo aquilo. E falta o apoio."* [29]

Muitas vezes, durante a imersão no campo, instalava-se a pergunta: Quanto de escolar existe no não-escolar? Qual o ponto de partida dessas práticas usadas na associação? Como se reconhece que as práticas atendem os resultados que esperam? A não obrigatoriedade faz com que os beneficiários se empenhem mais para realmente estarem ali? A organização, pelo fato de fazer levantamentos e planejamentos, contempla a todos os envolvidos? Muitas questões

[27] Fala do educador social na roda de conversas de 30/08/2017.
[28] Fala do educador social na roda de conversas de 30/08/2017.
[29] Fala do educador social na roda de conversas de 30/08/2017.

foram levantadas e na medida em que a pesquisa andava, algumas eram respondidas, ao mesmo tempo em que outras surgiam.

As vozes das rodas de conversas e entrevistas apresentaram um movimento de análise e crítica a algumas posturas da escola. Por vezes, estavam presentes nas falas dos profissionais da associação as queixas dos pais, alunos com relação a acontecimentos da escola e à percepção da equipe educacional. A partir desse panorama buscavam ajustar suas ações, tomando como ponto de partida experiências escolares, avaliando-as e as adaptando, para atender as necessidades de seu público. Em algumas conversas fazem apontamentos como: *"Que a família vai até a escola e a escola se fecha 'pra' resolver os problemas internos também."*[30] e *"[...] vincule esse pai e ele se sente pertencente a contribuir, à medida do possível, ele vem contribuir..."*[31] e, ainda, *"Vejo que a escola poderia ser um espaço mais acolhedor, mais aconchegante, e os professores ter a mesma linguagem. Vejo que 'pra' nós funciona muito, porque todos temos a mesma linguagem."*[32]

As falas dos personagens evidenciam a importância do acolher, da empatia, do sentimento de pertencimento e do respeito com as famílias e atendidos, apontando isso como diferencial da associação em relação à escola, no formato atual. Dessa forma, a associação utiliza a experiência escolar como parâmetro para ajustar suas práticas: tendo como base os relatos de seus públicos. Assim, conquistam mais aproximação e estreitam vínculos com os mesmos. Com isso, não negam a importância da escola ou ainda a utilização de qualquer prática de educação escolar, mas o que ganha destaque é a capacidade de filtrar questões importantes da relação existente entre as escolas e as famílias para adaptar-se, facilitando os caminhos para chegar a seus públicos.

Outro recurso que a associação utiliza para planejar suas práticas é a pesquisa realizada com familiares e atendidos. Essa ferramenta traz as impressões das atividades, dos profissionais e das dificuldades enfrentadas pela criança ou adolescente. Assim, a associação pode conhecer suas possíveis falhas ou fragilidades para redefinir suas ações.

A associação apresenta no entendimento de que precisa atualizar-se constantemente e, para manter-se interessante, precisa escutar seus públicos e a comunidade, pois entende que este é o caminho para aproximar-se dos interesses e compreender as necessidades de seu público. Freire (1995, p. 30) diz que:

[30] Fala de assistente social em roda de conversa de 30/08/2017.
[31] Fala de assistente social em roda de conversa de 30/08/2017.
[32] Fala de educador social em roda de conversa de 30/08/2017.

> Mudar a cara da escola implica também em ouvir meninos e meninas, sociedade do bairro, pais, mães, diretoras de escolas, delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade cientifica, zeladores, merendeiras etc.

O vínculo com as escolas é diferente. Mostram-se mais acessíveis. Os educadores sociais, coordenação pedagógica e assistentes sociais atentam para a situação da escola hoje e debatem sobre o quanto a família se omite de suas responsabilidades e sobre quem vai comprometer-se:

> *A grande parte, eu acho que a grande culpa da educação estar assim é que as famílias, 'né', estão totalmente desorganizadas, 'né'? Não... Se deixou tudo 'pra' escola, né?! E agora, 'ahn', de um tempo 'pra' cá entrou nós, 'né'?... Que, de contramão, vai auxiliar a escola. Que seria a família, né?! Sim, que vai auxiliar a escola. Daí a gente também.... Acho que é importante refletir nesse sentido, então, quais são os objetivos da escola, 'né'?! Quais são as demandas que a escola tem que abraçar também, 'né'?*[33]

A equipe debate na roda de conversas, por cerca de vinte minutos, sobre os papéis da família, da escola e da associação e define que, em sua maioria, as famílias estão confusas e muitas vezes vêm buscar na própria organização social orientação ou até mesmo espaço para que ela acabe por atender necessidades de que não dão conta, na medida em que a escola se limita a cumprir minimamente seu papel que é atender o planejamento e "vencer conteúdos", sem dar espaço para analisar e buscar soluções a outras questões que aparecem no cotidiano: dificuldades de relacionamento, comportamentos violentos, reflexos de negligência das famílias, dentre outros. Assim, se estabelece uma espécie de acordo: a associação busca resolver aquilo de que a família não dá conta e a escola não abraça. Ao mesmo tempo em que esta visão parece reconfortante, ela também traz a omissão do papel da família e mostra a associação exercendo uma função da qual a escola "se liberou"

Retomando: das sete escolas que atendem, cinco mantêm relação tranquila de troca de informações com a associação, mesmo assim, as experiências de cada uma das instituições não se mostram resilientes mutuamente, e quem perde com isso são as crianças e adolescentes.

Uma escola se mantém neutra e a sétima, se opõe a participar de qualquer forma, não cedendo espaço sequer nas reuniões pedagógicas para que a associação se apresente. As falas desses atores apontam para o "engessamento" que processos burocráticos geram, além da falta de autonomia por parte dos professores. Essas questões afastam a escola de uma educação libertadora, na contramão do que nos apresenta Freire (1996, p. 17): "Não há inteligibilidade

[33] Fala de educador social na roda de conversas de 30/08/2017.

que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde a dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico e não polêmico". Assim, a relação e o diálogo entre a escola e associação estariam proporcionando outros caminhos e ações que poderiam agregar valor a suas práticas e ao relacionamento com seus públicos:

> *[...]nós temos dificuldade com uma em específico... Eu acho que é uma questão de gestão. Só que isso acaba, 'ahn' prejuízo pra todos, 'pro' coletivo, 'pra' comunidade. Então, no nosso território, a gente percebe que têm escolas que ligam 'pra' gente, a gente faz trocas, a gente é... conversa, tudo isso na garantia de direitos, se tem alguma situação de direito, se essa criança, esse adolescente está sendo violado, a gente pode consultar, a gente conversa. Há esse equilíbrio, 'né', essa possibilidade. Então, assim, por mais que a gente tenha uma aproximação e a gente faz interferência com a escola, 'ahn', é- é, digo assim, que é uma coisa voluntária, se a gente percebe alguma coisa lá, a gente já intervém...*[34]

Ao debaterem a questão da relação da escola com a associação e buscarem respostas para a questão da dificuldade de aproximação em alguns casos, chegam ao fato de que talvez isso ocorra pela falta de conhecimento do papel que desempenha a associação:

> *Mas o que que eu vejo também, que a escola, na sua totalidade, não conhece o nosso trabalho. E eles têm uma visão muito distorcida do que é o trabalho do educador social. Então, eu acho que eles não entendem que a gente poderia agregar e muito, 'né', e muito no trabalho deles*[35].

Não deveria, a organização, pensar uma forma diferente de se comunicar com esta escola especificamente? Ou propor às escolas algumas ações conjuntas, uma vez que os pais das crianças e adolescentes frequentam e até são voluntários na associação? Poderia isso ser um atrativo às escolas para estreitar vínculo com a associação? Mesmo com a associação se disponibilizando a somar esforços, a escola não percebe os benefícios que teria nesta aliança? Ou falta interesse por parte da escola em se envolver mais com seu público?

A essa altura do estudo, importa refletir com Canário (2006, p. 9) quando afirma que "[...] é imprescindível caminhar no sentido de desalienar o trabalho escolar, para que a ação de aprender possa ser vivida como uma 'obra'".

Embora a equipe aponte que existem alguns professores que reconhecem o trabalho realizado pela associação, muitas vezes trava no volume de coisas de que precisa dar conta. Dessa forma, a equipe educativa justifica que precisaria haver um movimento da escola para poder realmente se fazer um trabalho em conjunto ou ter algumas ações pontuais que dessem certo. Mas, na maioria dos casos, o olhar da equipe diretiva é voltado a um perfil de escola que

[34] Fala pedagoga na roda de conversa dia 30/08/2017.
[35] Fala educador social na roda de conversa dia 30/08/2017.

nas palavras de Canário (2006, p. 86) “[...] está em ruptura com o contexto local e desvaloriza o patrimônio experimental do aluno”, o que para a associação é a base do trabalho: partir do ser humano e priorizar seu bem-estar e segurança. A ação da escola se caracteriza, efetivamente, como “moldura institucional” onde o professor é o detentor do saber, única verdade e caminho a ser seguido. Ignoram-se, assim, as experiências anteriores e externas à escola, bem como sentimentos, necessidades e dificuldades. Sair desse enquadramento e buscar meios para entender a realidade, partir das vivências e dificuldades, e auxiliar no desenvolvimento da resolução de situações cotidianas dos alunos deveria estar incluso nos planos das escolas. Esse foi o panorama trazido pelas vozes da equipe pedagógica, dos adolescentes e o que apontam os relatos das famílias.

5.3 OS EFEITOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ASSOCIAÇÃO NA VIDA DOS SUJEITOS

Numa relação pautada pelo respeito e pela empatia, os profissionais da associação investem no planejamento estratégico que direciona suas ações e determina o orçamento do ano seguinte. Um olhar menos avisado poderia supor que essa ferramenta e tanto comprometimento em aplicá-la engessariam o trabalho dos educadores sociais. À medida que as rodas de conversas com educadores e adolescentes foram ocorrendo, os relatos apontavam que, na prática, isso não ocorria: existe determinado nível de flexibilidade. Essa ferramenta é pautada na realidade e necessidade do público atendido. Isso é percebido quando a participação em sua construção é coletiva. Com os pais, no momento da rematrícula, ocorre uma espécie de pesquisa ou levantamento sobre como foi o ano anterior nos aspectos positivos e no que deve melhorar. Com os atendidos é realizada a mesma sondagem durante o ano. Nela, eles dão sua opinião sobre os serviços, alimentação e oficinas. A associação parte da visão de que a “[...] participação do aluno não deve ser entendida de forma simplista.” Freire (1995, p. 83). A investigação serve de base para organizar o planejamento no final do ano.

Parece pertinente pontuar uma questão basal: a falta de acompanhamento aos adolescentes depois de desligados da associação. No período imediatamente após o desligamento, ocorre, de fato, uma investigação, mas ela não se desdobra em outra etapa qualquer, ao longo do tempo, na tentativa de perceber que rumo tomaram aqueles adolescentes que ficaram em torno da associação por tantos anos. Os educadores sociais mostram-se preocupados:

> *Legal também quando tu chega, um ex-aluno fala assim: "Nossa, 'tô' trabalhando". Dá um orgulho, sabe? "Bá, 'sor', 'tô' trabalhando". Tanto que, esses tempos, encontrei um ex-aluno meu e ele foi 'pra' área que eu dei aula 'pra' ele. Área de informática. E, sabe, assim... "Bá, e se não fosse aquela tua aula, que eu achava no início chata, eu não ia 'tá' trabalhando hoje". Mas também dá uma tristeza quando tu chega e tu tem a informação, assim, por exemplo: "Bá, morreu um ex-aluno.*[36]

Uma questão importante, relacionada à saída desses adolescentes da associação quando completam dezesseis anos, é a falta de acompanhamento e encaminhamento, por exemplo, para cursos profissionalizantes ou Programa Jovem Aprendiz[37], que aqui apresentam-se como alternativas para não ficarem expostos a riscos. Registra-se o entendimento de que essas oportunidades são alternativas para afastar ou até proteger os adolescentes do tráfico e da violência e, ainda, oferecer-lhes uma possibilidade em um caminho pronto para ser traçado. Esse momento apresenta uma reflexão da realidade desses adolescentes e das oportunidades que estão à disposição ou as que poderiam buscar com o apoio se não da família e da escola, da associação. A preocupação com protagonismo, iniciativa e atitude está presente nas falas dos educadores sociais, as quais nos remetem à fala de Freire (1987, p. 49):

> Nosso papel não é de falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta de várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação sob pena de se fazer "bancária" ou de pregar no deserto.

A própria instituição reconhece que esses adolescentes, que não consegue encaminhar ou acompanhar, voltam a estar expostos a situações de risco, principalmente os meninos, por estarem em idade de alistamento militar e não oferecerem a garantia de poder permanecer em um possível emprego.

Com a intenção de compreender a realidade e as necessidades e buscar alternativas para o atendimento a essas crianças e adolescentes, a associação valoriza e sistematiza informações coletadas por meio de impressões e depoimentos em pesquisas com seus públicos. Quanto à questão dos pesquisados receberem retorno da avaliação, os profissionais enxergam de forma madura, mostrando a compreensão da importância dessa ferramenta para melhorar as práticas

---

[36] Fala de Educador social na roda de conversas do dia 30/08/2017.

[37] Lei da Aprendizagem Nº 10.097/2000, ampliada pelo Decreto Federal nº 5.598/2005. Determina que todas as empresas de médio e grande porte contratem um número de aprendizes equivalente a um mínimo de 5% e um máximo de 15% do seu quadro de funcionários cujas funções demandem formação profissional.
No âmbito da Lei da Aprendizagem, Jovem Aprendiz é o adolescente que estuda e trabalha, recebendo, ao mesmo tempo, formação na profissão para a qual está se capacitando. Deve cursar a escola regular (se ainda não concluiu o Ensino Médio) e estar matriculado e frequentando instituição de ensino técnico profissional conveniado com a empresa. <http://www.senacrs.com.br/psg_aprendizagem_legislacao2.asp> Acessado em: 10.mar.2018.

da associação: *"Não pode levar pro pessoal..."*[38] Outros trouxeram a preocupação em realmente saber os aspectos que precisam modificar: *"Eu acho que quando tu é avaliado, tu pondera aquelas coisas e tem que haver mudanças..."*.[39] Mostraram-se seguros quanto à forma de avaliar os processos da associação.

No que diz respeito ao planejamento, expuseram que é um "norte" e em alguns momentos até uma segurança: *"O planejamento, então, né, e as estratégias que a gente usa aqui também, fazem grande diferença, tu chega aqui sem saber o que tu vai fazer, e daí tu vai ficar perdido, então se tu já tem um planejamento, estratégias, já tem um caminho pra seguir fica muito mais fácil..."*[40] Já com relação ao planejamento diário de sala de aula, sentem o desafio de terem que renová-lo com frequência e buscar técnicas diferentes periodicamente pois cada criança ou adolescente, diferentemente da escola, fica mais de um ano na mesma turma. Os educadores entendem que precisam manter as crianças e adolescentes motivados, uma vez que eles não são obrigados a frequentar a associação. O respeito e a valorização dos saberes partilhados estão presentes nas falas dos adolescentes, na perspectiva de uma educação libertadora como reconhece Freire (1987, p. 68):

> O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não "bancária", é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.

Os profissionais expõem seus objetivos e preocupações com a elaboração das práticas do cotidiano que têm como metas o desenvolvimento do protagonismo, da criticidade, uma visão diferenciada da vida, o estímulo para que busquem oportunidades e a não reprodução dos comportamentos das famílias.

As rodas de conversas com os adolescentes apontaram a visão que pareciam ter da associação social e em muitos momentos faziam contraponto com suas impressões da escola, estabelecendo comparações. Mas as suas falas vão na direção de que gostam de frequentar a organização, sentem-se respeitados e percebem oportunidade para apresentar suas ideias. Gostam das atividades, oficinas, alimentação e profissionais. Não gostam de finais de semana por não terem nada para fazer, pois o bairro não oferece estrutura. Quanto à escola, não se sentem respeitados; os professores fazem o que os alunos são proibidos de fazer: como gritar, xingar, usar o celular durante as aulas, dentre outros exemplos; ao opinar sobre as aulas

[38] Fala de educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.
[39] Fala de educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.
[40] Fala de educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.

garantem não ter oportunidade de se expressar e somente as frequentam porque são obrigados. Essas falas fecham com as pesquisas e com documentos fornecidos pela organização, remetendo a refletir sobre as palavras de Freire quando diz que "Para conviver bem com qualquer organização exigimos pouco: que nos tratem com respeito." (1995, p. 65). Ao passo que a conversa se encaminhava para o encerramento, os adolescentes chegaram à conclusão de que aprendem muitas coisas na organização com as atividades e oficinas, como comportar-se, resolver problemas, fazer contas, ler e escrever mesmo sem "pegar os cadernos".

O planejamento com os beneficiados parece fluir bem. Mas quanto ao andamento geral da associação, a equipe pontuou uma questão importante: que é o acumulo de tarefas. Dizem ter um planejamento fechadinho e quando surge uma demanda vão se comprometendo a fazer:

> *a gente tem muitas pessoas vindo e querendo ser voluntários e a questão hoje é que devido a essa abertura que a gente proporciona acumula as tarefas, tanto de quem tá na frente, quanto dos educadores, porque assim, tu tá recebendo uma nova pessoa na entidade, essa pessoa ela vem colaborar com teu trabalho, porém te dá mais trabalho e têm coisas assim que é pontuais, por exemplo, dum mês pro outro a gente tem um planejamento redondinho, né, e a gente já, e a gente se deparou com o começo de setembro a gente se deparou com um dia... sem atividade que alguém viesse de fora para fazer algo diferente, então, assim, a gente tá vendo que a gente tem muito mais tarefas e que a gente não tá perdendo a qualidade nessa e nenhum momento a gente tá perdendo, porque é o diferencial também do trabalho realizado pelos educadores, né, só que vai vindo o desgaste...*[41].

Quanto aos voluntários e apoio das pessoas em geral, a imersão permitiu ver que existe uma cultura do voluntariado que é muito próxima do assistencialismo: Vou doar porque seria descartado ou; quero ajudar e eles devem aceitar qualquer coisa. Mas um olhar mais próximo da realidade mostra que o trabalho desenvolvido é muito delicado e as pessoas que atendem as crianças, adolescentes e famílias precisam de preparo para lidar com as dificuldades permanentes e as surpresas eventuais. Não basta somente boa vontade para cuidar dessas crianças e adolescentes. É preciso entender que o público atendido vive uma realidade diferente daquela conhecida por pessoas que, ingenuamente, querem "brincar de voluntariado". O atendimento é muito mais do que recreação. Tem-se que pensar, com relação aos voluntários, a possível falta de preparo emocional para lidar com as intempéries ou a falta de preparo para atender as necessidades do público. Além disso, o voluntariado normalmente sofre interrupções, pois não é prioridade para o voluntário. Assim, para a criança e o adolescente pode representar novo abandono. Muito mais do que gostar de crianças, importa pensar em atendimento e direcionamento bem específicos; importa criar laços de confiança com

[41] Fala da pedagoga na roda de conversas de 04/10/2017.

determinados profissionais que estão presentes diariamente. Deve-se registrar, também, situações familiares cujo compartilhamento com pessoas de comprometimento restrito pode não ser ético.

Esta manifestação dos profissionais em sentir-se mais onerados a cada pessoa que se aproxima sem fazer ideia do que demanda sua visita ou interesse, é bastante pertinente.

Olhar para essas demandas com seriedade e responsabilidade é fundamental para o trabalho dar certo, então, a preocupação que expressaram parece pertinente: *"[...] inúmeras vezes a gente tá recebendo ligação quase que diária, "ah, eu quero ir lá brincar com as crianças, eu quero ir lá trazer um doce para as crianças, eu gosto de crianças", só que eles não se dão conta do que que é o nosso trabalho, de fato..."*[42]

Quando questionados sobre o que fazem para estreitar relações com as escolas, a resposta é: *"buscamos alternativas de apresentar a associação em reuniões pedagógicas nas escolas ou convidar a direção e professores para conhecer a associação."*[43]

Uma associação que tem uma visibilidade muito boa e sua imagem foi relacionada a funcionamento organizado e bons resultados traz vários benefícios, mas também demanda uma força de trabalho grande, uma vez que de um lado precisa levantar informações para saber quais as reais necessidades e, de outro, planejar, prestar contas, atender exigências de financiadores e conquistá-los para que não migrem para outra causa.

Considerando as palavras de Freire (1995, p. 16) "A escola não é o único espaço de veiculação do conhecimento." Deparamo-nos com diversas circunstâncias que favorecem o aprendizado neste território pesquisado: A família, o bairro, a escola, a organização e tantos outros não contemplados nestas páginas, mas que deixam sementes férteis sobre os saberes dessas crianças, adolescentes e famílias. Aqui podemos entender a educação como:

> [...] ato político, educação como processo de conhecimento, da educação democrática fundando-se no respeito ao educando, à sua linguagem, à sua identidade cultural de classe, da explicação teórica da defesa da educação que desoculta, que desvela, que desafia, [...] (FREIRE, 1995, p. 60).

O entendimento de que essas crianças e adolescentes foram acolhidos por uma associação que se compromete com seus propósitos de proteger e atender as necessidades principais, disponibilizando um lugar para interação social e oportunizando práticas que priorizem seu desenvolvimento integral, fica claramente apresentada. A compreensão de

[42] Fala educador social na roda de conversas do dia 04/10/2017.
[43] Fala pedagoga na roda de conversas de 04/10/2017.

práticas pensadas a partir dos levantamentos das necessidades das crianças e adolescentes, o respeito aos conhecimentos e posicionamentos numa relação dialógica e da busca de estreitar vínculo com as famílias e escolas nos mostram a preocupação com o ser humano de forma integral. Assim, a associação vai traçando seus caminhos e criando possibilidades para que façam suas escolhas quando for oportuno, mostrando-se, lugar de aprendizagem e educação. A repercussões das ações planejadas e executadas buscam contemplar alguns fatores:

- O tempo em que as crianças e adolescentes permanecem sob atendimento, em um espaço seguro e receptivo, que propicia alternativas e experiências educativas;
- A ação de acolhida diária, para que estes sujeitos se sintam cuidados, apoiados e protegidos.
- A formação continuada e complementar a escola, por meio das aprendizagens nas oficinas e atividades propostas.
- A sociabilidade, questão importante permeada pelo respeito ao próximo, a si e ao espaço frequentado. Além, da chance de interação e aprendizagem com o grupo e possibilidade de evolução e amadurecimento através das relações impostas.
- A ampliação de oportunidades de futuro e de sonhar com um modelo de vida diferente: transformado e desconhecido.

O tema tratado neste estudo é bastante relevante para o cenário social, político e econômico do país, uma vez que afeta a maior parte da população, dificultando o acesso a direitos fundamentais para uma vida digna. A experiência serviu para buscar contribuições de ações que possam viabilizar uma Educação Libertadora, que realmente contribua com a construção de possibilidades e caminhos para a formação de cidadãos autônomos e críticos.

Para tanto, precisam ser apontados alguns fatores que emergiram dos processos metodológicos e dos achados:

- Fica evidente através das vozes da equipe pedagógica, a inquietação da associação em remodelar comportamentos trazidos da família e comunidade, por entenderem como inadequados.
- Não ficou clara, a preocupação da associação, em valorizar conhecimentos vividos e a aproximação com os espaços na comunidade. Por vezes, apresentando uma certa necessidade de proteção dos sujeitos, do meio em que vivem, ângulo que não favoreceria o preparo destes, para enfrentarem as dificuldades após a saída do ambiente da associação.
- Embora, tenha-se percebido a reprodução de alguns aspectos da educação formal, a associação procura aproximar suas ações, planejamentos e intenções de um modelo de Educação Libertadora. Entendendo que este é a via para auxiliar os sujeitos a criarem possibilidade de uma vida mais digna, feliz e esperançosa.

Com tudo, compreende-se que a associação não tem intensão de resolver todos os problemas da comunidade local, bem como das famílias e das escolas, mas busca numa ação conjunta amenizar os reflexos a vulnerabilidade social na vida dos sujeitos. Para que esses personagens possam desenhar sua própria trajetória e que lhes seja permitido sonhar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é no silêncio que os
homens se fazem, mas na palavra,
no trabalho, na ação-reflexão.

(Paulo Freire, 1987, p. 44)

As aprendizagens que o campo nos proporciona vão além de uma simples resposta ao problema de pesquisa. A definição da pergunta, a busca pelo campo e a metodologia são um caminho norteador, mas os achados e as construções realizadas são inicialmente indefinidos. No decorrer do trabalho, a metodologia vai criando possibilidades e trazendo novidades à medida que conhecemos o campo, trazendo outras percepções e criando oportunidades para a pesquisa. Neste trabalho, o campo mostrou que uma pesquisa não se fecha, pelo contrário: ela nos abre a novas perspectivas e dimensões. Os resultados obtidos servem de base para novas propostas e, principalmente, para que se reflita sobre aspectos vinculados à resposta obtida que é, portanto, provisória.

Os achados da pesquisa trazem questões significativas para além do objeto. Na busca de atender a grande questão, a pesquisadora atenta para a importância de que as práticas que são criadas a partir das necessidades do público, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, partem de levantamento de vivências e de pesquisas com esses sujeitos e suas famílias. Importante evidenciar que a escuta é viável e funciona, embora a escola convencional normalmente a despreze. Pode ser vista como forma de estreitar vínculo e captar informações significativas às ações e atendimentos que serão realizados.

Os achados foram apresentados a partir das categorias família, escola e associação, que se desdobraram nos títulos: 1. A influência da família na vida dos sujeitos; 2. As repercussões da escola na vida dos sujeitos; e 3. Os efeitos das práticas educativas da associação na vida dos sujeitos; porque a pesquisadora entende que a educação se dá na interação com o outro e com o mundo, de forma dinâmica e evolutiva, conforme nos orienta Freire (2001). Ainda que cada ser humano traga uma bagagem moldada nos diferentes ambientes que frequenta, modificando-se e influenciando esse ambiente e pessoas com as quais interage, é preciso reconhecer e valorizar tais conhecimentos como “saber de experiência feito” (FREIRE, 1996, p. 17). Assim, a resposta desta pesquisa está vinculada ao sentido de ampliar a experiência vivida de forma positiva contribuindo com a evolução do ser humano. A educação, aqui, é entendida como um constante processo de desenvolver-se, evoluir, transformando ou impactando o mundo que

cerca o sujeito social.

A compreensão é de que as três esferas: família, escola e associação não são dissociadas, pois, as vivências em cada uma delas refletem nas outras e interferem nas aprendizagens e na formação do sujeito social. As três dimensões deveriam unir forças para amenizar riscos tão próximos destas crianças e adolescentes, que muitas vezes atravessam invisíveis o cotidiano social, até virarem estatísticas. Essas três dimensões precisam mobilizarem-se para oportunizarem caminhos, com a intenção de educar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade com dignidade, integridade e honestidade. A ação conjunta permitirá amenizar as dificuldades presentes, criando oportunidades para que se consolide um futuro mais prospero, construindo sujeitos capazes e autônomos para desenharem e trilharem seu próprio caminho.

A proposta desta dissertação era estudar e compreender como as práticas de educação não-escolar poderiam impactar na vida de crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Para isso, foi escolhida uma associação como campo da pesquisa. A questão norteadora do estudo era: como as práticas de educação não-escolar, experenciadas em uma associação, podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?

A questão foi respondida quando os achados da pesquisa evidenciaram a importância da ação conjunta entre a família, a escola e a associação para a educação de crianças e adolescentes. Essa afirmativa se sustenta nas falas dos sujeitos e na preocupação da associação em analisar a realidade vivida nas famílias e em situações experenciadas nas escolas. Essa percepção é base para a criação das práticas da associação, cujo objetivo principal é criar competências necessárias para que os sujeitos sem sintam seguros para gerir suas vidas, com vistas à autonomia, independência e cidadania.

Assim o objetivo geral da pesquisa que é analisar como as práticas de educação não-escolar, experenciadas em uma associação, podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social foi cumprido, na medida que as evidências do campo iam retratando como essas práticas eram pensadas, aplicadas, avaliadas e percebidas. As ações partiam da percepção da realidade das crianças e adolescentes: tanto na família, como na escola e na associação. A fonte de informações era trazida pelos próprios sujeitos quando respondiam pesquisas, nas entrevistas e conversas realizadas. As informações das escolas decorriam de aproximações sem nenhuma sistemática ou previsão de continuidade. A principal fonte era, efetivamente, as famílias, crianças e adolescente. A associação, por monitorar suas práticas, usa os relatos e impressões dos sujeitos e dos colaboradores, sejam eles funcionários ou voluntários, para repensar e validar seus resultados.

Era importante buscar informações sobre como essas práticas são pensadas, como ocorrem neste ambiente e qual a repercussão na vida de crianças e adolescentes que frequentam essa organização, por meio da análise dos documentos e das vozes dos personagens: alunos, educadores sociais, pedagoga, vice-presidente, assistentes sociais e gerente.

A partir desse direcionamento, alcançaram-se os objetivos específicos traçados:

1. Perceber opiniões e sentimentos frente ao ambiente pesquisado e refletir sobre as práticas vividas por crianças e adolescentes;

2. Descrever as práticas da associação selecionada com o intuito de entendê-las;

3. Estudar em profundidade os diversos conceitos de educação e educação não-escolar e suas relações com a associação selecionada;

4. Identificar dificuldades e contribuições das ações da associação selecionada para a viabilização de processos de educação não-escolar.

As respostas a essas questões foram alcançadas:

1. A análise da realidade, tendo por base as vozes dos sujeitos, somada às impressões registradas no diário de campo permitiu a interpretação e o direcionamento às categorias da pesquisa.

2. A compreensão das ações desenvolvidas pela associação, somente se deu depois de escutar os relatos dos envolvidos: adolescentes e funcionários. Para essa ação, fez-se necessária a análise dos registros das pesquisas e levantamentos realizados pelos profissionais com as famílias e adolescentes.

3. O estudo em profundidade dos diversos conceitos de educação e educação não-escolar e suas relações com a associação foi contemplado a partir do referencial teórico escolhido. Com base nos autores, que permitiram a compreensão dos conceitos, criou-se a possibilidade de iniciar a imersão no campo podendo nortear a pesquisa e cumprir o objetivo do estudo.

4. A partir dos procedimentos metodológicos adotados, pode-se identificar dificuldade no relacionamento entre escolas e associação, muitas vezes apontada como o não entendimento do papel da associação. A relação com as famílias ocorre de forma tranquila, embora a associação precise disponibilizar-se a auxiliá-las a resolver questões internas. Por entender que a educação parte da relação do sujeito com o outro e com o mundo que o cerca, a associação busca alternativas para aproximação com as escolas e famílias. Na intenção de compreender as dificuldades e valorizar conhecimentos e habilidades dos atendidos, a associação busca estreitar vínculos e analisar informações desses dois ambientes: família e escola.

Depreendendo como consequência da análise feita, ficou evidente o julgamento moral em relação a única escola que não mantém relação, embora não deixe claro o tipo de vínculo pretende estabelecer e as possibilidades de ação conjunta. Da mesma forma com as famílias, existe um juízo sobre comportamentos e negligencia no cumprimento do papel com os filhos, o que não aprece na opinião das crianças e adolescentes, na pesquisa realizada pelas assistentes sociais. Contudo, é pertinente fazer o contraponto, de um espaço de educação não-formal, com esse posicionamento distancia-se dos fundamentos de uma Educação Libertadora. Embora seja perceptível a preocupação dos educadores sociais em estarem próximos aos adolescentes e crianças, a pesquisa mostrou que atingem em parte, pois 55% estão muito satisfeitos.

A metodologia utilizada mostrou-se adequada para realizar os procedimentos, a partir da aplicação de um estudo de caso com suporte na análise documental, rodas de conversas, entrevistas e diário de campo. A etnografia contemplada a partir da imersão no campo e da produção de diários permitiu um caminho seguro e flexível. Rever e complexificar os procedimentos metodológicos mostrou quanto é importante que o pesquisador seja aberta a novas situações, assim como mostrou o quão fundamental é a sintonia entre método e o problema de pesquisa.

Muitos questionamentos aflorados no campo serão rico material para novas pesquisas, pois à medida que a investigação avançava emergiam novidades que direcionavam a questões muito importantes, algumas já esperadas e outras surpreendentes. A pesquisadora, no entanto, limitou-se a responder o que este estudo se propõe.

Ao longo da existência da associação, a comunidade local conscientizou-se da sua importância, entendeu seu papel e o impacto que ela gerou numa série de melhorias no bairro, como explicitam algumas falas.

A cada conversa brotava nova surpresa com relação as vivências familiares, escolares e na associação. A continuarem, as imersões trariam, com certeza, material ainda mais rico. Depoimentos, comentários, registros, num primeiro momento assustavam, tanto pelo volume quanto pela aparente independência ou desconexão, mas relacionados, entrelaçados, foram dando lugar ao tecido que resultou nessa dissertação. A maior inferência a que se chegou é que o universo apresentado é educação e é aprendizado e que pode ser estimulado por uma forma de educação que Freire chama de libertadora, na contramão de uma educação redutora, que

aposta na alienação do sujeito social, separando política e educação e que se reduz ao que vem sendo chamado de "escola sem partido[44]".

O trabalho da associação é pensado para atender uma faixa prioritária que corresponderia aos 9 anos do Fundamental - dos 6 aos 15 anos de idade; atender alunos de escolas municipais ou estaduais da zona norte de Caxias do Sul. A partir dessa idade, a ação da associação é reduzida e os educandos encaminhados a programas de profissionalização: do sistema S, da rede privada, de cursos profissionalizantes ofertados em parcerias, o que traduz o cumprimento do direito à profissionalização, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA.

O campo investigado é muito rico, trazendo inúmeras possibilidades de pesquisas futuras que poderão contribuir com a comunidade. Entendendo que o papel da pesquisa é o de fazer levantamento de dados, questionar, lançar perguntas, provocar a reflexão e desestabilizar verdades que se julgam definitivas com intenção de buscar contribuições a determinado público, podemos considerar que este estudo seja apenas uma das etapas possíveis. Assim, o texto se encerra, mas a pretensão de trazer com ele novas reflexões fica latente.

[44] Surgido em 2004, ele se define como "uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior" <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em: 04.abr.2018.

REFERÊNCIAS

ALEGRIA, Rosa; ALMEIDA, Pergentino; ARATANGY, Victor; VICTOR, B. **Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada.** Elsevier Brasil, 2011. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=Oot9S0RLWjwC&pg=GBS.PR6> Acesso em: 03.dez.2017.

AVRITZER, Leonardo. Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política**. Opinião Pública**. Vol. 18, nº. 2. Campinas, nov. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/op/v18n2/a06v18n2.pdf>. Acesso em: 17.nov.2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos:** Uma experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo – Cortez, 2003.

_____. **O que é educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BIANCHETTI, Roberto G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm> Acesso em: 02.fev.2018.

BODGAN, Roberto C.; BIKLEN, San. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora, 1994.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

CANÁRIO, Rui (org.), **Educação Popular e Movimentos Sociais**. Lisboa, Educa, 2007.

Código Civil Brasileiro. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm> Acesso em: 02.fev.2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em: 04.abr.2018.

FAS – **Fundação de Assistência Social,** Caxias do Sul. Disponível em: < https://fas.caxias.rs.gov.br/> Acesso em: 08.mar.2018.

FIEGE, Hans-Jürgen. **ONGs no Brasil:** perfil de um mundo em mudança. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003. Disponível em: < http://www.kas.de/wf/doc/kas_13212-1522-1-30.pdf?080826174743 > Acesso em: 24.fev.2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 24.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da indignação: São Paulo: UNESP, 1987.

_____. Pedagogia da indignação: São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Política e educação: ensaios** – 5. ed – São Paulo, Cortez, 2001. Coleção Questões de Nossa Época.

_____. **Educação e atualidade brasileira –** 3. ed. – São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. A educação na cidade. São Paulo, Cortez, 1995.

GEORGES, Rafael. A distância que nos une: Um retrato das desigualdades Brasileiras. Disponível em: < https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf >. Acesso em: 01.junho.2018.

GIRON, Loraine Slomp; GUIMARAES, Vera Maria. **Refletindo a cidadania:** Estado e sociedade no Brasil. 7. ed. Caxias do Sul, Educs, 2000.

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **O protagonismo da sociedade civil:** movimentos sociais, ONGs e redes solidarias. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Movimentos sociais e educação.** 6. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2005.

HADDAD, Sérgio. "**Homenagem". Revista Brasileira de Educação**, v.14(41): 370. maio/agosto. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41/v14n41a14.pdf>. Acesso em: 21.mar.2017.

IBGE. **Cidades.** Cadastro Central de Empresas. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4305108/pesquisa/35/2010>. Acesso em: 03.fev.2017.

JORNAL PIONEIRO. Editorial **Conheça sua cidade – Bairro Fátima:** Para o primeiro morador, invasões de terrenos prejudicam o bairro. Caxias do Sul, 18.10.1985.

JORNAL PIONEIRO. Editorial **Conheça sua cidade – Bairro Fátima:** Loteadores foram autores do nome. Caxias do Sul, 19.10.1985.

JORNAL PIONEIRO. Editorial **Conheça sua cidade – Bairro Fátima:** Ruas substituem carreirinhas e marcam grande mudança no bairro. Caxias do Sul, 22.10.1985.

MAY, Tim. **Pesquisa social:** questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEC - **Ministério da Educação.** Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/institucional>. Acesso em: 02.mai.2018.

MORAES, Roque; GALIAZZI. Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí. Editora Unijuí. 2007.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NORONHA, Olinda Maria. O público e o privado: teorias e configurações nas práticas educativas. In: LOMBARDI, José C.; JACOMELI, Mara Regina M.; SILVA, Tânia M. T. da (Orgs.). **O público e o privado na história da educação brasileira:** concepções e práticas educativas. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Prefeitura de Caxias do Sul Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/uploads/documents/2018/01/25/06a7aa3b-2cc2-424a-a044-a5d584493dab.pdf> Acesso em: 13.mai.2018.

RECRIA — **Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul.** Disponível em: <https://recria.org.br/conteudo/11> Acessado em: 08.mar.2018.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

SAVIANI, Demerval. (org.) **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira.** Vitória: EDUFES, 2010.

SENAC. Disponível em: <http://www.senacrs.com.br/psg_aprendizagem_legislacao2.asp> Acessado em: 10. mar.2018.

SIMSON, O. R. M. V; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (orgs.). **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VALENTIM, Joceli; LAZZAROTTO, Valentim Angelo; **Vilas e bairros:** a história contada pela comunidade. Caxias do Sul. Gráfica da SMEC, 1986.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa convidá-lo(a) a participar como sujeito voluntário da pesquisa **O IMPACTO DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DE UMA ASSOCIAÇÃO,** que é pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul para a conclusão do curso.

O **problema da pesquisa** é: "Como as práticas de educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?". Norteado pelo **objetivo geral** que é analisar como as práticas de educação não-escolar, podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Os dados para a realização desta pesquisa serão obtidos por meio das rodas de conversas com adolescentes e colaboradores da associação. Os conhecimentos produzidos com este estudo poderão ser publicados, contudo, os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos/das participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. Se no decorrer da pesquisa o participante resolver não mais continuar ou cancelar o uso das informações prestadas até então, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

A pesquisadora é a mestranda em Educação Patrícia Modesto da Silva, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, e se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do e-mail pati_modesto@yahoo.com.br

Duas vias deste documento serão rubricadas e assinadas por você ou seu responsável e pela pesquisadora responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____ (nome por extenso), identidade nº. _____ concordo em participar da referida pesquisa, prestar meu depoimento e participar das atividades propostas, que serão registradas e analisadas, além de discutidas coletivamente.

_____ Participante da pesquisa

_____ Pesquisadora

Caxias do Sul, ___de _____de 2017.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO MENOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa convidá-lo(a) a participar como sujeito voluntário da pesquisa **O IMPACTO DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DE UMA ASSOCIAÇÃO,** que é pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul para a conclusão do curso.

O **problema da pesquisa** é: "Como as práticas de educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?". Norteado pelo **objetivo geral** que é analisar como as práticas de educação não-escolar, podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Os dados para a realização desta pesquisa serão obtidos por meio das rodas de conversas com adolescentes e colaboradores da associação. Os conhecimentos produzidos com este estudo poderão ser publicados, contudo, os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos/das participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. Se no decorrer da pesquisa o participante resolver não mais continuar ou cancelar o uso das informações prestadas até então, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

A pesquisadora é a mestranda em Educação Patrícia Modesto da Silva, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, e se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do e-mail pati_modesto@yahoo.com.br

Duas vias deste documento serão rubricadas e assinadas por você ou seu responsável e pela pesquisadora responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____ (nome por extenso), identidade nº. _____ concordo em participar da referida pesquisa, prestar meu depoimento e participar das atividades propostas, que serão registradas e analisadas, além de discutidas coletivamente.

_____ _____

Participante da pesquisa Pesquisadora

Eu, _____ identidade nº _____

Responsável por _____, declaro meu consentimento para a participação nesta Pesquisa.

Caxias do Sul, ___de _____de 2017.

APÊNDICE C – ROTEIRO RODA DE CONVERSAS: ADOLESCENTES

Roda de conversas

Tema: Protagonismo e Práticas educativas

Apresentação da mediadora e da dinâmica do encontro:

- Breve apresentação dos participantes
- Manifestação dos diferentes pontos de vista
- Respeito à diversidade de opiniões e aguardar a oportunidade de falar
- Gravação em áudio
- Termo de consentimento
- Duração do encontro: + ou – 45 min e 15 min para considerações finais

1: Visão dos adolescentes em relação aos ambientes: escola e associação

O que você acha da escola? Da associação? Você gosta de estudar? Qual a importância de frequentar a escola? Como é a escola? Como é a associação? Só se aprende na escola? Onde e o que? Como vocês fariam uma aula ou atividade boa? Vamos elencar coisas importantes que aprendemos fora da escola, na escola e na associação. Como você vê a instituição? como sua família a vê? São obrigados a vir aqui? O que mais gostam aqui?

2: Percepção do seu protagonisco

Você ajuda a família, os amigos, a escola, a associação e outros espaços que frequenta?... Como é na escola sua participação? Tem espaço para dar opinião? E na associação? E fora destas duas instituições, como é sua participação em outros lugares/

3 Percepções sobre o posicionamento quanto as escolhas que faz.

Quando alguém pede sua opinião, você participa? Quando não é ouvido você tentar argumentar? Você tem mais espaço para apresentar suas ideias na associação ou na escola? Quando não é ouvido, busca argumentar? Quanto as atividades que a associação oferece, você tem oportunidade de escolher? Se não gostar pode trocar? Qual atividade preferem em cada um ddos espaços: escola/associação?

APÊNDICE D - ROTEIRO RODA DE CONVERSAS: PROFESSORES

Roda de conversas

Tema: Conhecer a realidade

Apresentação da mediadora e da dinâmica do encontro:

- Breve apresentação dos participantes
- Manifestação dos diferentes pontos de vista
- Respeito à diversidade de opiniões e aguardar a oportunidade de falar
- Gravação em áudio
- Termo de consentimento
- Duração do encontro: + ou – 45 min e 15 min para considerações finais

1: Conhecendo o educador social e o público que atende

Como compreende seu papel,

Como percebe as crianças e adolescentes com quem trabalha.

2: Desafios enfrentados no cotidiano da associação

3 Resultados esperados e alcançados

4 Práticas indispensáveis para chegar nos resultados

ANEXO A – REPORTAGEM JORNAL PIONEIRO DE 22/10/1985

N. Sra de Fátima

Pioneiro 22.10.1985

CONHEÇA SUA CIDADE

BAIRRO FÁTIMA

Ruas substituem carreirinhas e marcam grande mudança do bairro

Para Onilda, houve grandes transformações no bairro, principalmente nos últimos anos

O Fátima baixo, zona das Braga, em 1961, pouco habitado

O Bairro Fátima, em 1... À esquerda, a primeira igreja de madeira, que foi vendida para o Bairro Pioneiro

de poucos anos atrás. Eu trabalhava na Gethal e ia a pé. Quando dava, voltava a cavalo. Sou desse tempo, de ainda andar a cavalo. Parece antigo, mas não é. As dificuldades realmente existiam naquele tempo", comentou Onilda Ferreira da Silva.

Outra lembrança dessa moradora refere-se à escola onde seus quatro filhos começaram a estudar e que atualmente não existe mais. Trata-se da Escola Dante Marcucci.

"É uma vez, bem antes do bairro crescer, era bem mais tranquilo. Agora há bastante baderna, bagunça e algumas famílias ficam discutindo até por causa do esgoto que passa em frente das casas", disse Onilda.

Ocorre que um dos grandes problemas do Bairro Fátima é a falta de esgoto na maioria das ruas. O escoamento é feito em um valo aberto, prejudicando a saúde de muitas famílias e até provocando brigas. Segundo Onilda, "em frente da minha casa, que é uma das mais antigas, não temos esgoto. Já fiz pedido e tentamos até pagar a rede, mas parece que não há interesse das pessoas que devem colocar a canalização. E quando o esgoto corre na frente da casa dos vizinhos, começa a dar briga. Mas por onde pode escorrer, senão na frente das outras casas?

A falta de água também é um problema enfrentado pelo bairro, segundo essa moradora. "As vezes, como nos últimos dias, é impossível beber água, que vem da Marestra. Parece que estamos tomando Qboa". Não sei o que misturam nela", disse.

A luta de um casal para obter uma infra-estrutura decente

A infra-estrutura de um bairro não nasce de um dia para outro. É necessário o empenho total da comunidade. Esta começa com pequenas famílias, que lutam para alcançar benefícios, que mais tarde atingirão milhares de pessoas.

Para se entender um pouco a infra-estrutura do Bairro Fátima, é preciso conhecer o trabalho de Lourdes Palm, 60 anos, e Garibaldi Palm, 61 anos, residentes no bairro há 26 anos. A luta desenvolvida por esses moradores foi grande para obter um terreno, dois ou mais, a fim de que o Fátima ganhasse uma igreja, uma creche ou até mesmo escola.

Através de um livro-ouro, o casal percorreu muitos bairros de Caxias do Sul em busca de fundos para construir uma igreja e uma creche. O primeiro passo de um bairro. Porém, segundo Lourdes Palm, que não quis deixar-se fotografar, "porque já estou velha", com a arrecadação do dinheiro e de terrenos ganhos dos loteadores "pensou-se construir uma creche para as crianças. Na época, o povo foi maldoso. Não quiseram a creche, porque não precisava. Mas aonde as crianças podiam ficar enquanto os pais trabalham? Na rua?"

Lourdes Palm lembra o esforço com mágoa, pois a falta de uma creche - o bairro somente ganhava uma em 1980 - fez com que perdesse um neto, quando a filha estava trabalhando. "Se houvesse uma creche na época, ele estaria lá e não teria morrido. Depois de muito tempo os moradores viram a necessidade de uma creche e agora todos querem deixar os filhos lá".

Garibaldi Palm, há 26 anos no local, percorreu a cidade com um livro-ouro, para poder construir a primeira igreja do bairro

Assim, com o livro-ouro foi possível pagar alguns terrenos para abranger mais a área da igreja e da creche que hoje existe. Não importava aonde ir, em busca de dinheiro. "Se preciso, percorria o mundo inteiro", diz Lourdes.

Primeiro construíram uma igreja, de madeira, que mais tarde foi vendida para o Bairro Pioneiro e o Fátima ganhava uma nova, de tijolos. Sobre as datas das lutas para obter dinheiro para a infra-estrutura do bairro, o casal Palm não recorda. Garibaldi Palm, no entanto, recorda perfeitamente a abertura da Rua Amadeo Rossi. "feita à mão, porque tudo era uma pedreira".

PIONEIRO

BD(R) 032/85

ANEXO B – REPORTAGEM JORNAL PIONEIRO DE 19/10/1985

N. Sra. de Fátima Pioneiro 19.10.85.

CONHEÇA SUA CIDADE
BAIRRO
FÁTIMA

Loteadores foram autores do nome

Izidro de Andrade, um dos primeiros moradores do Fátima

"Quando vim morar no bairro, não estranhei, as dificuldades que aqui existiam porque sempre fui de enfrentá-las".

Essa foi a afirmação de um dos primeiros moradores do Bairro Fátima, Izidro Corrêa de Andrade, 63 anos, há quase 31 anos residindo no Fátima.

Mesmo não estranhando as dificuldades, esse morador conta que as mesmas existiram, principalmente no que diz respeito à água e luz, que levou muito tempo até chegarem ao bairro. "A água foi a mais difícil e utilizávamos uma vertente, a 300 metros de nossa casa", disse.

Quando iniciou a construção de sua casa, na Rua Amadeo Rossi, Izidro de Andrade recorda que a rua não existia e a única estrada que subia até o bairro era através do Fátima Baixa, mais conhecida como a Zona dos Braga. Ao ser concluída a casa, havia um pequeno acesso na Amadeo Rossi, mas em precárias condições.

FESTA PARA A SANTA

mais festa, pois o pessoal aqui é muito pobre e tem gente que gastou todo o seu dinheiro aqui e ainda pediu emprestado para gastar mais. Eles não entendem", me disse. E nunca mais fez festa. O padre era muito meu amigo e tinha medo do bairro, porque diziam que era perigoso".

DESENVOLVIMENTO DO FÁTIMA

Segundo Izidro de Andrade, "o desenvolvimento do bairro se deu quando instalaram a rede elétrica. Não me lembro o ano, mas quem cedeu a rede foi o prefeito Mário Ramos. Com a rede elétrica, o pessoal tinha mais facilidade para vir morar no Fátima. Agora o impulso maior se deu também com o calçamento de algumas ruas, com o Projeto Cura e a linha de ônibus".

Inicialmente, para chegar ao Bairro Fátima, era muito difícil. Izidro de Andrade trabalhava nos Moinhos Franzói e tanto ia como voltava ao trabalho a pé. "Eu era o primeiro a chegar no serviço. As pessoas passavam miséria naquele tempo, andando somente a pé. Mas antes é que era vida. Agora, anda-se umas duas quadras e já se está cansado. Naquele tempo tudo era feito com as próprias forças, com o próprio braço".

Presidente da Cáritas Paroquial São José, que atinge três creches, nos bairros São José, Pioneiro e Fátima, Izidro de Andrade adianta que conviveu com os problemas desses locais e que pôde acompanhar a vinda dos dos moradores ao Bairro Fátima. Segundo ele, "a grande maioria veio de Bom Jesus, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, e em busca de outro meio de vida", concluí.

Uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que originou o nome do bairro. Em sua volta outrora, existiam as ovelhas, que foram roubadas.

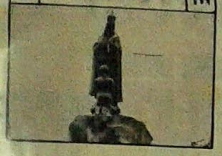
ANEXO C – REPORTAGEM JORNAL PIONEIRO DE 18/10/1985

Pioneiro 18.10.1985

18.10.85 Pioneiro

CONHEÇA SUA CIDADE

BAIRRO FÁTIMA



Para o primeiro morador, invasões de terrenos prejudicaram o bairro

Confrontando-se a leste com a bacia de captação das represas São Miguel, São Pedro e São Paulo, o Bairro Nossa Senhora de Fátima é o décimo oitavo sobre o qual Pioneiro começa a contar a história. A oeste, o Fátima confronta-se com os bairros São José e Pioneiro, e ao sul com o Universitário.

O Fátima está ainda localizado à direita de quem vai a Flores da Cunha, dando uma visão correta da denominação do bairro, que divide-se em Fátima Alta e Baixa, isto é, a zona dos Braga, como é mais conhecida.

Da antiga pedreira existente no bairro, a rua que permite um melhor acesso à parte central do Fátima está localizada em uma grande e longa subida, que antigamente era feita a pé pelos primeiros moradores.

Se por um lado o Bairro Fátima caracteriza-se por ser carente, por outro é rico em termos educacionais, com a existência de três escolas municipais. Porém, há um agravante: a evasão escolar se faz presente em grande escala.

Os textos são de Cristina Boff, com fotos de Maria da Graça Soares e Roberto Scola.

O primeiro morador do Bairro Nossa Senhora de Fátima foi contratado pela empresa City Territorial Ltda para desmatar a área, que seria loteada. O responsável por esse trabalho de desmatamento foi Argemiro Almeida Mello, 68 anos, que reside desde 10 de dezembro de 1952 no bairro.

Com orgulho, Argemiro conta que nunca imaginou que o Fátima um dia seria praticamente uma cidade, "pois quem viu o local naquela época não pensava que um dia iria ficar assim, com bastante moradores, pois tudo era mato. Sinto-me realizado vendo o bairro habitado".

Empreiteiro, Argemiro Almeida Mello chegou no Fátima com sua esposa e quatro filhos pequenos - depois teve mais seis - em 52, indo morar em uma casa feita pela empresa loteadora, "uma casa que não tinha nem fogão. Fizeram outra casa para a máquina com que eu trabalhava".

O serviço de desmatamento foi árduo, iniciado um ano antes de morar no bairro, que não tinha nem estrada. "Quando terminei o desmatamento - contratei mais pessoas para me ajudar - comecei a fazer as ruas e chegaram os primeiros moradores", disse Argemiro.

As terras do Bairro Fátima pertenciam a Miguel Dal Pan (zona dos Braga), à família Corsi e aos Brolhato, segundo Argemiro, que recorda a chegada dos primeiros moradores, quando o desmatamento já estava em andamento, em 1953-54. Porém, "o desenvolvimento teve seu maior impulso em 74 e 75, quando mais casas começaram a ser construídas aqui".

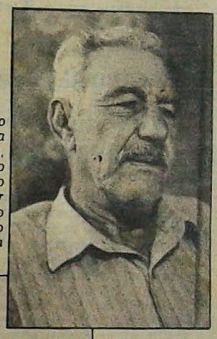
Além do mato, havia uma pedreira, onde hoje é a Rua Amadeo Rossi, que deveria ser o acesso principal para o bairro. Argemiro adiantou que "os engenheiros erraram e viram que o morro ficava muito acentuado e sairia muito caro para ser baixado".

RESSENTIMENTO

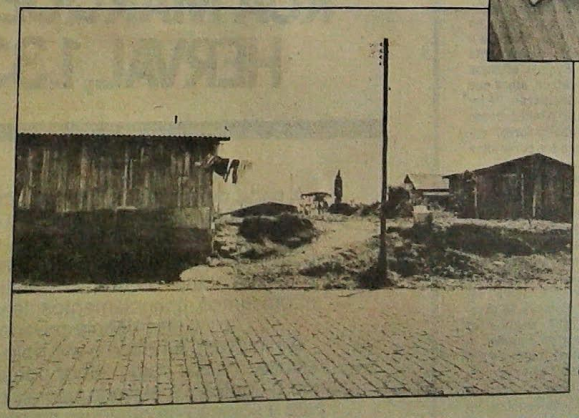
O maior ressentimento do primeiro morador do Bairro Fátima é em relação às invasões de terrenos que ocorreram, principalmente na área verde doada pelos loteadores. Segundo Argemiro Almeida Mello, "isso não deveria ter acontecido. É uma invasão medonha e acabamos ficando sem sossego. A invasão aconteceu ao redor da estátua da santa que os loteadores deram ao bairro. É uma santa de bronze e foi feita no Eberle. A santa era para ser o centro do bairro e agora está com várias casas em volta".

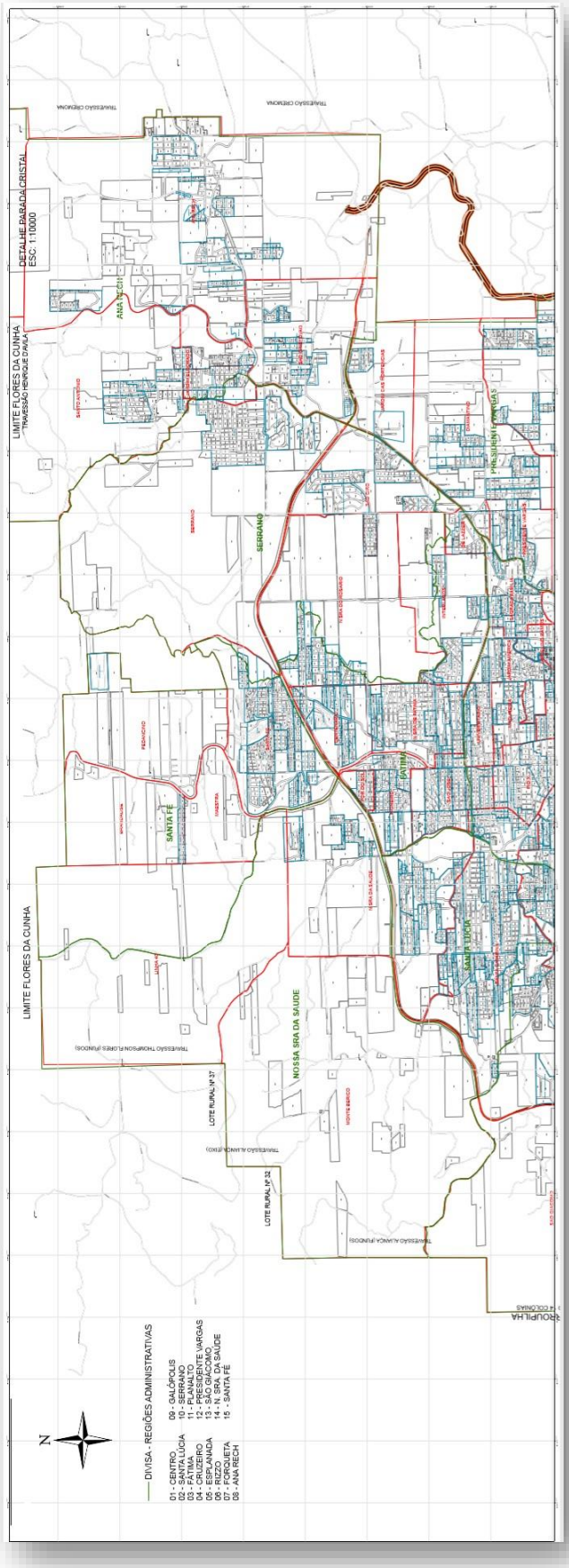
A outra área que foi invadida era a área destinada à igreja do bairro Fátima. "Mas aí o padre Gasparotto colocou uma família e a igreja foi construída em outro lugar. Fizeram tudo errado. Quando houve a invasão, desapropriaram outra área que era um terreno para ser vendido, onde está localizada a quadra de esportes. Hoje, há invasões até perto da represa", salienta Argemiro.

Até a zona dos Braga (Fátima Baixa) inicialmente era composta de terrenos para serem vendidos, que acabaram sendo invadidos por diversas pessoas, "muitas vindas de Lagoa Vermelha, Bom Jesus e Vacaria", disse.



Argemiro Almeida Mello, empreiteiro e primeiro morador do Bairro Fátima



Um problema para o bairro são as invasões de terrenos, "que tiraram nosso sossego" disse Argemiro

ANEXO D – MAPA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL